

**A Integração Cultural de Alunos Universitários Chineses no Contexto
Académico Português**

Rodrigo Jorge de Carvalho Coelho Mendes Dias

**Dissertação de Mestrado em Ensino do Português como Língua
Segunda e Estrangeira**

Setembro de 2015

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino do Português como Língua Segunda e Estrangeira, realizada sob a orientação científica de Maria do Carmo Vieira da Silva

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à Professora Maria do Carmo Vieira da Silva, pela oportunidade que me concedeu, pelo acompanhamento desta dissertação, pela disponibilidade demonstrada durante este último ano lectivo e pela simpatia com que sempre me recebeu. Esta dissertação não teria sido, de todo, possível sem a sua ajuda.

Pela natureza da dissertação, esta teria sido radicalmente mais pobre - ou mesmo impossível - sem o contributo dos professores do programa de estudos, dos funcionários da FCSH-UNL e dos alunos da ULED que tive o prazer de acompanhar. Assim sendo, devo um agradecimento aos professores João Pedro Ruivo e Carlos Medeiros, às professoras Teresa Lacerda, Rosa Branco e Isabel Pessoa, à Dra. Sandra Matias e à Dra. Ana Costa, bem como a todos os alunos do primeiro ano da ULED.

Aos meus pais e familiares, agradeço pelo apoio, pelo carinho, pela compreensão, pela paciência, pelas palavras de encorajamento, e por todas aquelas pequenas e grandes coisas que fizeram e fazem por mim diariamente.

Ao Gonçalo, devo uma secção inteira de agradecimentos, mas julgo que tal não seria exequível. Meu irmão, melhor amigo, mentor, colega, colaborador para esta dissertação, pessoa com uma inesgotável paciência para me aturar. Obrigado por tudo.

Ao Telmo, obrigado por todos os motivos e mais alguns. A minha gratidão é incomensuravelmente superior à extensão deste singelo parágrafo.

À Ânia, um agradecimento não só pela amizade e encorajamento, como pela ajuda na recolha de informações para esta dissertação.

À Carla, um duplo e especial agradecimento: por ter colaborado na investigação, e por todo o incentivo que me deu desde que nos conhecemos na Licenciatura.

Por fim, a todos os meus amigos, por terem partilhado esta aventura comigo, por me terem distraído quando tal era necessário, por me terem incentivado quando era essa a necessidade que se impunha. Devo-vos imenso.

A INTEGRAÇÃO CULTURAL DE ALUNOS UNIVERSITÁRIOS CHINESES NO CONTEXTO ACADÉMICO PORTUGUÊS

RODRIGO JORGE DE CARVALHO COELHO MENDES DIAS

RESUMO

Nos últimos quinze anos, e num contexto de crescente interdependência sino-lusófona, o Ensino de Português como Língua Estrangeira na China floresceu. À semelhança do que sucedeu com diversas outras universidades, a Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian e a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa celebraram um protocolo institucional, prevendo a inclusão de alunos de Dalian num programa de estudos na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Os alunos universitários chineses enfrentam desafios múltiplos, designadamente de cariz burocrático, académico e cultural à chegada a Portugal. Após um estudo empírico concernente a alunos da Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com o intuito de avaliar o grau de integração cultural dos alunos ao final de um ano lectivo, concluímos que, apesar de se registarem progressos nas três vertentes analisadas, os alunos ainda não estão culturalmente integrados em território português. O principal obstáculo na base dessa adaptação incompleta reside numa dissociação entre os alunos, que procuram proximidade com os seus semelhantes, e a sociedade portuguesa. No final do trabalho, propomos algumas sugestões para uma evolução do actual panorama.

PALAVRAS-CHAVE: Alunos universitários chineses; integração cultural; Ensino do Português como Língua Estrangeira; programas de intercâmbio académico; investigação-acção.

A INTEGRAÇÃO CULTURAL DE ALUNOS UNIVERSITÁRIOS CHINESES NO CONTEXTO ACADÉMICO PORTUGUÊS

RODRIGO JORGE DE CARVALHO COELHO MENDES DIAS

ABSTRACT

In the last fifteen years, a rise in interdependence between China and the Portuguese-speaking countries has led to an increase of resources associated with the teaching of Portuguese as a Foreign Language. The Dalian University of Foreign Languages and the Faculty of Social Sciences and Humanities of the Universidade Nova de Lisboa have signed an institutional protocol to integrate Chinese students in a Portuguese study program. Several other institutions have celebrated similar protocols.

Chinese undergraduate students face several challenges when they arrive in Portugal, chiefly concerned with their bureaucratic, academic and cultural adaptation. An empirical study was carried out, in order to evaluate the degree of cultural adaptation of Chinese undergraduate learners from the Dalian University of Foreign Languages in the Faculty of Social Sciences and Humanities of the Universidade Nova de Lisboa's curriculum. The study finds that, despite improvements across the board, Chinese learners are not culturally integrated in Portugal after one school year. The main cause for this finding is related to the dissociation between the learners, who tend to bond exclusively with their classmates and other Chinese citizens, and the Portuguese society. At the end of this work, we suggest a series of measures to improve the current paradigm.

KEYWORDS: *Chinese undergraduate students; cultural integration; Portuguese as a Foreign Language; student exchange programs; action research.*

Índice

Introdução	1
i. Tema e objectivos	1
ii. Estrutura da dissertação	3
Capítulo 1. Fundamentação teórica	4
1.1. O ensino do português como língua estrangeira na China	4
1.2. O protocolo de colaboração entre a ULED e a FCSH/NOVA	9
1.2.1. Aspectos curriculares da Licenciatura em Língua Portuguesa da ULED ..	10
1.2.2. Aspectos curriculares no programa de estudos da FCSH/NOVA	12
1.3. Noções conceptuais	13
1.3.1. Cultura	14
1.3.2. Diferenças culturais	17
1.3.3. O choque cultural e a integração	21
1.4. Síntese geral	22
Capítulo 2. Estudo empírico	25
2.1. Metodologia	25
2.1.1. Caracterização da amostra de observação	29
2.1.2. Caracterização geral dos participantes	30
2.1.3. O papel da tutoria	31
2.2. Aspectos burocráticos	32
2.2.1. Observações de campo	32
2.2.2. Análise dos questionários	35
2.2.3. Análise das entrevistas	35
2.3. Aspectos académicos	37
2.3.1. Observações de campo	37
2.3.2. Análise dos questionários	40
2.3.3. Análise das entrevistas	42

2.4. Integração cultural	44
2.4.1. Observações de campo	44
2.4.2. Análise dos questionários	48
2.4.3. Análise das entrevistas	51
Conclusões	53
i. Síntese geral do estudo empírico	53
ii. Resposta à questão de partida	55
iii. Considerações finais e recomendações	55
Referências bibliográficas	57
Anexos	62

Lista de Siglas e Acrónimos

PLE – Português como Língua Estrangeira

ULED – Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian

FCSH/NOVA – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

UEET – Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

EDP – Energias de Portugal

REN – Redes Energéticas Nacionais

APA – American Psychological Association

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

Introdução

“1.1 O Mestre disse: «Não é um prazer, tendo aprendido algo, experimentá-lo a intervalos convenientes? Não é uma alegria ter amigos que venham de longe? Não é uma cavalheiresco não se ofender quando outros não [compreendem algo]?».”

Confúcio (in *Os Analectos*, tradução por Maria de Fátima Tomás, 2008, p. 1)

i. Tema e objectivos

A citação com a qual iniciamos esta dissertação de mestrado assume-se, por razões múltiplas, como particularmente pertinente para o tema em análise nesta dissertação de mestrado. Em primeiro lugar, por ser a citação inaugural d’*Os Analectos*, obra atribuída a Confúcio (551 a.C. – 479 a.C.), filósofo chinês que influenciou determinadamente o pensamento de vários países da Ásia Oriental.

Por outro lado, por se perfilar como uma tentativa de definição do processo ensino-aprendizagem. Para Confúcio, a aprendizagem só se concretiza verdadeiramente quando se implementa, na prática, o conhecimento teórico previamente aprendido. Esta ideia de articulação entre a fundamentação teórica e a aplicação prática encontra-se subjacente à organização estrutural desta dissertação, conforme veremos na secção seguinte.

Por fim, porque ao fazer menção a amigos de terras distantes e à necessidade de não nos ofendemos com a incompreensão alheia, Confúcio remete-nos para o âmbito desta dissertação.

Ao longo de um ano lectivo, acompanhámos uma turma de «*amigos que [vêm] de longe*» - discentes chineses, provenientes de uma Licenciatura em Língua Portuguesa na Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian (ULED), a estudar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH/NOVA) ao abrigo de um protocolo institucional entre as duas universidades mencionadas. O acompanhamento tutorial destes estudantes deu-se segundo três vectores principais de observação e actuação: enquadramento burocrático, isto é, o cumprimento de todas as obrigações legais e demais aspectos garantidores do bem-

estar dos alunos na cidade e no país; integração académica, ou seja, a contextualização dos estudantes no âmbito do programa de estudos e a promoção da sua relação com todos os elementos constituintes de uma instituição de Ensino Superior; e integração cultural, conceito-chave desta dissertação que discutiremos posteriormente, no subcapítulo 1.3.3., mas que podemos definir, *grosso modo*, como a promoção do bem-estar dos alunos na sociedade portuguesa, evitando a sua segregação ou alheamento.

A questão de partida (e, conseqüentemente, ponto de chegada) deste trabalho prende-se justamente com o último conceito mencionado e abordado a jusante, designadamente o de integração cultural. **Ao fim de um ano de vivência em território português, poderemos considerar um estudante universitário chinês como culturalmente integrado em Portugal?**

Esta questão assume uma relevância tendencialmente mais notória no actual panorama educativo, tendo em conta, mormente, as diversas iniciativas de intercâmbio académico entre instituições de Ensino Superior lusófonas e chinesas (Pereira, 2014). O interesse mútuo, crescente e multifacetado que tem pautado as relações sino-lusófonas na última década e meia – visível, a título exemplificativo, no estreitamento de relações comerciais e económicas entre os países de língua portuguesa e a China (Shanpei, 2010) – tem servido de força motriz para um reforço bilateral na aposta educativa ao nível do ensino de língua estrangeira. A mais-valia que constitui um ambiente de imersão linguística na aprendizagem de línguas estrangeiras, aliada ao interesse das universidades em captar alunos têm, desta forma, levado à assinatura de protocolos de intercâmbio variados entre organismos educativos chineses e lusófonos.

Sendo desejável que, a um aumento quantitativo do número de vínculos institucionais, corresponda uma melhoria qualitativa dos mesmos, urge reflectirmos neles e encontrarmos soluções relevantes para os problemas que existam. No presente trabalho, e como foi antecipado nos parágrafos iniciais, focar-nos-emos na ligação entre a ULED e a FCSH/NOVA. Não obstante, as conclusões poderão facilmente ser transportadas (e interpretadas) para outros contextos. Quais os principais obstáculos burocráticos à integração dos discentes chineses? Quão bem-sucedido é o seu enquadramento no meio académico? Quais os factores culturais mais

problemáticos a uma integração? A resposta a estas – e outras – perguntas permitir-nos-á dar uma resposta ao problema de partida.

ii. Estrutura da dissertação

Conforme preconizado pela citação inicial de Confúcio, esta dissertação compreende dois capítulos principais: um de natureza predominantemente teórica, e outro de análise, no terreno, da problemática em estudo.

No primeiro capítulo, de fundamentação teórica, fazemos uma contextualização do panorama de ensino de português na China, descrevemos o protocolo assinado pela ULED e pela UNL, assinalamos algumas diferenças entre os programas de estudos da ULED e da UNL e explanamos uma série de conceitos e as ligações que se podem estabelecer entre eles – designadamente, os respeitantes a cultura, diferenças culturais entre alunos chineses e portugueses, choque cultural e integração cultural. No que diz respeito a este último conceito, esclarecemos também a importância das questões burocráticas e académicas no processo de integração – nomeadamente, como factores de *stress*, promotores de tensão entre o aprendiz e o meio circundante. No final do capítulo, traçamos um estado da arte para a questão de partida.

No segundo capítulo, de natureza mais prática, e após uma abordagem da metodologia usada, analisamos a experiência de vivência dos alunos de Dalian em Lisboa, de acordo com os três vectores mencionados na introdução: enquadramento burocrático, inclusão académica e integração cultural. Este estudo tem por base a análise exaustiva e articulada de uma série de observações de campo, de um questionário aplicado no final do ano lectivo e de um conjunto de entrevistas com informantes-chave. A discussão dos resultados obtidos permite-nos tirar uma série de inferências para a consequente melhoria deste e outros programas de estudos.

No final da dissertação, resumimos as principais ideias veiculadas e expomos sugestões para a continuação dos estudos desta temática.

Capítulo 1. Fundamentação teórica

“É muito difícil manter os preconceitos pessoais afastados de uma coisa destas. E independentemente de onde te cruzares com ele, o preconceito obscura sempre a verdade.”

Reginald Rose (in *Doze Homens em Fúria*)

No contexto da peça – e subsequente adaptação cinematográfica – *Doze Homens em Fúria*, de Reginald Rose, o julgamento com base no mero preconceito surge como uma tentação que se deve evitar a todo o custo. O trabalho académico, enquanto produto de saber científico, deve começar com um levantamento teórico e conceptual precisamente para evitar o resvalamento para o preconceito. Este capítulo tentará ir de encontro a essa necessidade.

Antes de partirmos para esse enquadramento teórico e ainda numa lógica de impedimento da manifestação de preconceitos, é importante fazer notar que, numa dissertação que lida com a intersecção de duas realidades distintas, mas em que uma delas nos é mais familiar, não nos devemos prender em demasia à realidade conhecida – o “*eu*” define-se por contacto e por comparação com o “*outro*”, conforme explicitado por Todorov (1998), sendo por isso de toda a pertinência procurarmos a compreensão dessa alteridade. Sendo “*a diferença (...), simultaneamente, a base da vida e fonte permanente de tensão e conflito*” (Velho, 1996, p. 10), só uma compreensão da alteridade e, conseqüentemente, um aprofundamento da nossa própria compreensão nos poderão conduzir ao desbloqueio de tensões e resolução de conflitos.

Desta forma, sempre que relevante no decurso da investigação, tentaremos articular as duas faces da questão de partida – a perspectiva dos alunos e a perspectiva portuguesa – numa tentativa de promoção da compreensão recíproca e global do assunto.

1.1. O ensino do português como língua estrangeira na China

A História do ensino do português como língua estrangeira em território chinês é praticamente tão antiga quanto o vínculo que une Portugal e a China. Após a chegada da frota de Jorge Álvares à ilha de Tuen Mun, em 1513 (Almeida, 2013), momento que constitui o primeiro contacto sino-português, regista-se um desenvolvimento das relações entre os dois países, com os naturais avanços e recuos

que caracterizam qualquer processo de aproximação incipiente entre duas realidades estranhas entre si. A título de referência, e para demonstrar este contraste entre evolução e involução, podemos nomear a embaixada de Tomé Pires à corte Ming (Jesus, 1984) como uma tentativa diplomática de abordagem à situação nova, e a actuação de Simão de Andrade – que assume oficiosamente o comando de Tuen Mun (Whiteway, 1899) – como geradora de tensões entre as duas realidades. Muitas cartas, informações, tratados, crónicas e demais textos históricos foram escritos, neste período inicial, por figuras como Frei Gaspar da Cruz, Afonso de Albuquerque, Fernão Mendes Pinto, Gaspar Correia e o próprio embaixador Tomé Pires, numa promoção inicial do entendimento desta outra realidade.

Ainda durante o século XVI, com a chegada de missionários jesuítas ao território, e concomitantemente à missionação por estes apregoada, temos o início do ensino de língua portuguesa na China, nomeadamente enquanto veículo da mensagem de cariz religioso (Teixeira & Moutinho, 2010). Em 1594, a fundação do Colégio de São Paulo, em Macau – entreposto comercial português desde 1557 (Ramos, 1990) – atesta esta presença do ensino de língua portuguesa no país oriental (Teixeira & Moutinho, 2010). Muito mais poderia ser dito sobre este período inicial de contactos sino-portugueses, mas seria tema para outra dissertação. Para os efeitos deste trabalho, a ideia a reter está particularmente relacionada com a antiguidade dos elos que unem os dois países e, por extensão, a antiguidade do ensino da língua portuguesa no território chinês.

Não obstante a sua presença constante, o ensino do português como língua estrangeira em território chinês, até ao final do século XX e início do século XXI, é caracterizado pelo limite do seu alcance. De facto, até esse período-charneira, o ensino do português dá-se maioritariamente em Macau, região historicamente associada à presença portuguesa (Teixeira & Moutinho, 2010), e em cursos de formação quantitativamente poucos no período pós-Segunda Guerra Mundial, visando a preparação de responsáveis diplomáticos ou de professores para esses mesmos cursos (Yan, 2008).

No último quartel do século XX e primeiro decénio do século XXI, assistimos a uma gradual evolução das relações entre a China e os países de língua portuguesa, que

dá novo alento ao ensino da língua portuguesa na China – e, analogamente, ao ensino da língua chinesa em territórios de língua portuguesa. Diferentes factores ajudam a explicar a efervescência das relações sino-lusófonas, consoante o elo específico em análise.

Quanto à relação sino-brasileira, esta fortalece-se maioritariamente de acordo com motivos económicos e geopolíticos: afinal, ambos os países, nos seus respectivos domínios geográficos, assumem-se como potências económicas e políticas emergentes (Shanpei, 2010). A República Popular da China e o Brasil estabelecem, a partir da década de 1990, uma relação de interdependência comercial particularmente digna de destaque, com um grande volume de produtos tecnológicos chineses e de matérias-primas e bens alimentares brasileiros a serem transaccionados pelas duas potências (Shanpei, 2010).

No que diz respeito à relação entre a China e os países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP), esta é fomentada, por um lado, por aspectos diplomáticos, com um grande investimento chinês em políticas de ajuda humanitária, de fomento ao desenvolvimento (M. L. S. D. S. Horta, 2012) e de intervenção económica em países carenciados (Fernandes, 2011). Por outro lado, a riqueza dos PALOP no que concerne a recursos energéticos, e a necessidade chinesa de diversificação dos seus fornecedores desses mesmos recursos, convergem no sentido de sedimentar as ligações comerciais e económicas entre a China e estes países (Fernandes, 2011).

No que ao elo sino-timorense concerne, as razões na génese da aproximação mútua vão de encontro às apresentadas para os PALOP, isto é, há paralelamente necessidades geopolíticas e diplomáticas – nomeadamente, a China assegura, com as suas políticas de apoio ao desenvolvimento, uma posição mais influente no Sueste Asiático, domínio geopolítico onde se enquadra Timor-Leste – e uma relação de ganhos bilaterais a nível comercial e económico, movida pelo potencial mineral do país insular e pelo aparelho tecnológico chinês (L. Horta, 2014).

Por fim, na situação que nos é mais próxima, o interesse mútuo sino-português é marcado pela confluência de aspectos políticos – nomeadamente, a conclusão do processo de transição de soberania de Macau, em 1999 –, históricos – pois, como vimos, há uma ligação secular entre dois países –, económicos e comerciais (Gorjão,

2012). Tem-se registado uma particular ênfase nestas duas últimas esferas de actuação, particularmente na última década, devido à crise vivenciada em Portugal. A compra, por consórcios chineses, de participações significativas em algumas das principais empresas portuguesas dotadas de um forte *know-how*, nomeadamente na área energética – de que são exemplo a Energias de Portugal (EDP) e a Redes Energéticas Nacionais (REN) – é bastante ilustrativa deste amadurecimento (Ma & Kowsmann, 2011). Por outro lado, a China passou a assumir-se como mercado predilecto para as exportações portuguesas (Gorjão, 2012) e como uma das principais fontes de investimento estrangeiro directo no país (Villalobos, 2015). Outras áreas, como o turismo, a educação e a cooperação tecnológica têm figurado recentemente em acordos bilaterais recentes entre Portugal e a China (Ferreira, 2014).

Contudo, e em jeito de remate para esta contextualização das relações sino-lusófonas, uma análise relativamente simples deste levantamento teórico permite-nos concluir que as necessidades económicas e comerciais destes países se perfilam como elemento comum e central a todas as conexões expostas, afluindo no sentido da solidificação das conexões entre a China e os diversos países de língua oficial portuguesa. De facto, e a título exemplificativo, Portugal e a China têm uma relação com mais de cinco séculos, com Macau a servir de ponto de interesse comum e ponte de contacto, mas só nos últimos quinze anos é que se registou um grande reavivamento da mesma – curiosamente, após o momento de transição de soberania macaense.

No que se refere ao ensino de PLE na China, este interesse predominantemente económico e comercial sobrepõe-se, em força, aos laços históricos e ajuda-nos a compreender o reforço da oferta educativa desde o início do século, bem como as motivações dos estudantes que optam por este género de licenciatura. A dissertação de Pereira (2014, p. 48) atribui precisamente ao factor «*ganhar muito dinheiro*» o principal mote para a aprendizagem de PLE por parte de alunos chineses – mais propriamente, estudantes da ULED.

Assim se compreende melhor que, de cinco instituições de Ensino Superior no início da década inicial do novo milénio, se tenha chegado a uma realidade com vinte e uma instituições no ano de 2012, dispersas pela quase totalidade do território

continental chinês, contrariando a anterior tendência de centralização de PLE nos principais pólos universitários chineses – como Beijing, Shanghai e, pela sua ligação histórica, Macau (Z. Yuan & Água-Mel, 2012). De acordo com informações de Soares (2013), o número de alunos de língua portuguesa na China ultrapassa largamente o milhar – cerca de 1350 alunos em 2013.

Analogamente, o ensino de língua chinesa nos países de língua portuguesa tem vindo a sofrer um grande incremento. Apesar de ser difícil quantificar o alcance do ensino do mandarim nos países lusófonos, a recém-anunciada possibilidade de escolha de língua chinesa como opção no Ensino Secundário português (Sousa Tavares, 2015) e a proliferação de Institutos Confúcio nos países de língua portuguesa (um em Angola, oito no Brasil, um em Moçambique e três em Portugal, de acordo com informações do próprio Instituto Confúcio¹, onde ainda não é possível aceder a informações referentes ao Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro) parecem patentear este reforço educativo.

Visando proporcionar aos seus estudantes uma experiência lectiva mais completa, diversos protocolos institucionais entre instituições lusófonas e chinesas têm vindo a ser celebrados. De acordo com dados da Embaixada da China em Portugal², instituições brasileiras como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Universidade de São Paulo ou a Universidade Federal de Pernambuco, e instituições portuguesas como a Universidade Nova de Lisboa, a Universidade de Lisboa, a Universidade do Minho, a Universidade de Coimbra ou a Universidade de Aveiro têm protocolos de colaboração com uma ou mais instituições chinesas. É neste contexto que surge o protocolo entre a ULED e a UNL, base desta dissertação e analisado no próximo subcapítulo.

¹ <http://confuciusinstitute.unl.edu/institutes.shtml> [Última consulta a 20 de Agosto de 2015]

² http://www.portugalembassychina.com/sections/media/cul_sec/Ensino_Portugues_Lingua_Estrangeira_na_china.doc. [Última consulta a 20 de Agosto de 2015]

1.2. O protocolo de colaboração entre a ULED e a FCSH/NOVA

Para melhor entendermos o protocolo assinado pelas duas instituições, é de toda a conveniência fazermos, em primeiro lugar, uma breve apresentação de ambas.

Criada a 10 de Novembro de 1977, e inaugurada a 2 de Janeiro de 1978, a FCSH/NOVA desde cedo se assumiu como um pólo de produção e transmissão de conhecimento científico nos domínios das Ciências Sociais e Humanas³. Hoje em dia, a faculdade oferece 14 licenciaturas, 10 pós-graduações, 48 mestrados e 25 doutoramentos, abarcando um leque disciplinar amplo, em áreas como, mas não restringidas a, Antropologia, História da Arte, Literaturas e Culturas Portuguesa e Estrangeiras, Ciência Política e Relações Internacionais ou Musicologia. Como parte integrante da mensagem de apresentação da faculdade⁴ e, portanto, numa demonstração da sua importância para a mesma, existe uma menção aos programas desenvolvidos em conjunto com universidades estadunidenses e chinesas – de que a ULED é exemplo.

No que concerne à ULED, esta foi fundada em 1964, pelo Primeiro-Ministro Zhou Enlai (Pereira, 2014). Originalmente destinada à leccionação exclusiva de língua japonesa – daí a sua designação primitiva de Escola de Língua Japonesa de Dalian –, rapidamente a ULED elenca um conjunto de cursos destinados à preparação académica dos alunos. Em 2008, e no contexto de efervescência sino-lusófona previamente exposto, a universidade chinesa passa a contar com uma Licenciatura em Língua Portuguesa.

Actualmente, são 20 os cursos oferecidos pela ULED, divididos entre programas relacionados com a aprendizagem de língua (alemão, espanhol, italiano, inglês, japonês, russo, francês, coreano, português, árabe e chinês) e programas relativos a outros domínios do saber (relacionados com a economia, o comércio, o turismo, a tecnologia, o *design* e a música) (Pereira, 2014). Não desconsiderando as restantes licenciaturas oferecidas pela ULED, podemos atribuir o enfoque da mesma ao ensino de línguas, quer a estudantes chineses como estrangeiros.

³ Informações retiradas do sítio oficial da faculdade: <http://fcs.unl.pt/> [Última consulta a 19 de Abril de 2015]

⁴ Disponível em: <http://fcs.unl.pt/faculdade/mensagem-do-director> [Última consulta a 13 de Agosto de 2015]

A aproximação entre estas duas instituições universitárias é oficializada com a assinatura de um primeiro protocolo, a 29 de Janeiro de 2010. Nele, previa-se a possibilidade dos estudantes de segundo ano da Licenciatura em Língua e Literatura Portuguesas da ULED estudarem na FCSH/NOVA por um período de dois ou três anos. De acordo com o documento, os alunos, na FCSH/NOVA, teriam um programa de 728 horas de estudo, divididas por uma série de disciplinas concernentes à melhoria das suas competências linguísticas: Língua Portuguesa, Prática de Conversação em Português, Gramática, Literatura, História, Arte, Geografia e Cultura. Para além destas disciplinas, incluídas no programa de estudos, os alunos teriam acesso a outras disciplinas do 1º ciclo de estudos da FCSH/NOVA, consoante os seus interesses particulares. Este primeiro protocolo teve uma adenda no Verão de 2012, prevendo a colaboração docente ao nível de cursos de doutoramento, aprofundando a ligação académica e científica entre as duas universidades.

Como o protocolo de 2010 tinha a validade de cinco anos, um segundo protocolo institucional foi celebrado a 24 de Abril de 2015. Este protocolo sintetiza os acordos estabelecidos anteriormente, nomeadamente continuando a promoção da mobilidade académica dos alunos da ULED, permitindo que estes completem os seus estudos superiores em Lisboa – desde a Licenciatura ao Doutoramento, inclusive. Para além da normal integração dos estudantes da ULED num programa de estudos de um a três anos na FCSH/NOVA, creditado e reconhecido pela ULED, surgiu a possibilidade de dupla titulação da Licenciatura por ambas as universidades. Neste novo protocolo, há um reforço do acompanhamento académico e burocrático dos estudantes, a fim de garantir o bem-estar dos alunos no ambiente académico português.

1.2.1. Aspectos curriculares da Licenciatura em Língua Portuguesa da ULED

Uma breve análise ao texto de apresentação do Departamento de Português e Espanhol da ULED⁵ leva-nos a inferir que a Licenciatura em Língua Portuguesa terá por objectivo principal a preparação dos alunos, nos diversos domínios linguísticos, para os desafios futuros do mercado laboral. A qualificação dos alunos para áreas como o

⁵ <http://www.dlufl.edu.cn/en/Schools-Departments//2014-11-10/42341.html> [Última consulta a 5 de Abril de 2015]

turismo, a diplomacia, o comércio e os negócios é mencionada nessa breve descrição, sendo mencionados valores de empregabilidade comumente próximos dos 100%.

Contudo, e à falta de outras informações sobre os objectivos e organização curricular da Licenciatura – pelo menos em língua portuguesa – pedimos a um informante-chave, Gonçalo Dias, leitor na ULED, que nos desse algumas pistas capazes de nos esclarecer⁶. A resposta à primeira questão feita no decurso dessa entrevista⁷ ajuda-nos a esboçar as linhas directrizes do currículo leccionado na ULED.

Assim, e de acordo com o seu testemunho, no decurso do ano lectivo transacto, Gonçalo leccionou as disciplinas de Audiovisual, Leitura Avançada, Literatura Portuguesa I e II e História dos Países Lusófonos. Contudo, ao contrário do que poderia ser antecipado pela designação destas unidades curriculares, o objectivo das mesmas não passa propriamente pelo entendimento de cada área *per se*. Pela capacidade de síntese demonstrada nesta resposta, transcrevemo-la quase na íntegra:

«Apesar de algumas destas cadeiras pressuporem uma abordagem mais segmentada do Ensino de LE, focando-se, a título de exemplo, na compreensão oral (Audiovisual) ou na compreensão escrita (Leitura), a realidade é que o objectivo para todas tende a ser mais geral. O objectivo é contribuir para que os alunos se tornem comunicativamente competentes. Sendo assim, por definição, pretende-se que tenham sucesso na sua acção comunicativa em diferentes contextos socioculturais. Não nos podemos esquecer que o curso onde eles estão inseridos é de “Língua Portuguesa”. Repare, não é de “História da Expansão Portuguesa”, nem de “Literatura Contemporânea”, é de Língua Portuguesa. Essa é uma ideia que tem de estar presente. No caso das disciplinas que lecciono, a História e a Literatura são meios para ajudar a desenvolver a competência comunicativa, associando objectivos de competência linguística a alguns elementos de cultura geral que podem ser importantes para compreender melhor os países que falam português. O objectivo não é que eles estudem História e que discorram profusamente sobre datas, nomes, conceitos e acontecimentos. O objectivo passa por poderem desenvolver o seu nível de português e compreenderem algumas tendências da realidade lusófona, não mais que isso. O mesmo é válido para a Literatura.»

⁶ A metodologia inerente a esta entrevista e o seu propósito principal serão esclarecidos no segundo capítulo.

⁷ «[...] quais as disciplinas que leccionou em Dalian, e quais os principais objectivos das mesmas?»

Conforme se infere a partir desta resposta, há um forte cunho de comunicação presente em toda a Licenciatura em Língua Portuguesa da ULED, que actua como principal força motriz da mesma. Na resposta à terceira questão da entrevista⁸, Gonçalo Dias reforça esta ideia, dizendo que o principal objectivo do curso passa pela preparação dos alunos para a competência comunicativa, e que a actuação da ULED passa por «... *criar o contexto mais favorável para que os alunos possam ter sucesso no presente, esperando que isso se possa reflectir no seu futuro*». Nesse sentido, a ULED procura uma constante melhoria das suas condições, quer a nível material, como de recursos humanos, como também da relação destes últimos com o corpo de discentes.

O nosso informante continua a sua descrição da oferta lectiva da ULED, dizendo que, para além de «*algumas idiosincrasias do sistema educativo chinês que estão fora da nossa esfera de influência*», como as aulas de inglês motivadas pela necessidade de realização de um teste de inglês académico, ou como disciplinas que fogem ao âmbito linguístico da licenciatura – como Política e Contrato –, o corpo da Licenciatura está organizado em torno de «*um grande número de horas de contacto com a língua portuguesa*», havendo «*disciplinas com um enfoque mais circunscrito, focadas numa competência linguística mais específica (e.g. Leitura), outras mais gerais (e.g. Português Elementar), outras, em menor número, (...) mais socioculturais (e.g. Literatura)*».

Em jeito de conclusão, e reiterando a ideia do nosso informante-chave, o curso de língua portuguesa da ULED tem como foco principal o desenvolvimento de competências comunicativas, pelo que o currículo foi construído com base nesse objectivo.

1.2.2. Aspectos curriculares no programa de estudos da FCSH/NOVA

O programa de estudos da FCSH/NOVA, construído em torno das necessidades dos alunos provenientes da ULED, apresenta pontos de convergência e outros de discordância relativamente ao foco da licenciatura em solo chinês.

No decurso do 1º ano do programa de estudos (2º de licenciatura), no ano lectivo transacto, os alunos tiveram oito unidades curriculares, quatro por cada

⁸ «*Centrando agora as atenções no curso em si: quais os grandes objectivos da Licenciatura em Língua Portuguesa da ULED? Como caracteriza o curso?*»

semestre. No primeiro semestre, tiveram 10 horas semanais de Português I e duas horas semanais de História de Portugal I, Geografia de Portugal e Instituições Políticas e Sociedade. No segundo semestre, para além de 9 horas semanais a Português II, tiveram uma hora semanal de Tradução e duas horas semanais de Geografia da Europa e de História de Portugal II.

No ano lectivo recentemente começado, os alunos do 2º ano de programa de estudos (3º de licenciatura), terão dez unidades curriculares, cinco por cada semestre. No primeiro semestre, terão 6 horas semanais de Português III, duas de Política no Mundo Lusófono e de Europa e os Europeus, e duas disciplinas de opção livre na FCSH/NOVA. No segundo semestre, terão 6 horas semanais de Português IV, duas de Tradução e de História dos Portugueses no Mundo, e mais duas disciplinas de opção livre na FCSH/NOVA.

Enquanto o foco, na ULED, é predominantemente comunicativo, o programa de estudos da FCSH/NOVA aposta na fixação de conhecimento linguístico derivado do contacto regular com o meio académico português, em combinação com o ambiente de imersão linguística em que os alunos se encontram. Note-se, a título exemplificativo, que, na FCSH/NOVA, a disciplina de Português contempla as diversas competências linguísticas – competências que, em Dalian, se encontram discriminadas em diferentes disciplinas, cada uma com a sua carga horária própria. Também em contraste com o que sucede em Dalian, os alunos são impelidos a fixarem um conjunto de saberes relativo ao domínio de cada disciplina.

Este contraste entre diferentes visões e métodos de ensino, patente na análise dos programas de estudos da ULED e da FCSH/NOVA, será discutido mais profusamente no decurso deste trabalho.

1.3. Noções conceptuais

Numa dissertação que se debruça sobre uma questão relacionada com a integração cultural, é essencial apresentarmos, primeiramente, um conceito para cultura, a partir do qual se edificarão todos os restantes. Posteriormente, explanaremos outros conceitos que gravitam em torno do de cultura, bem como

teorias relacionadas com a integração cultural, relevantes no âmbito do presente trabalho.

1.3.1. Cultura

O conceito de cultura é de definição difícil, sendo ampla e multidisciplinarmente debatido no seio das Ciências Sociais e Humanas – e com especial intensidade nos últimos dois séculos. A origem etimológica do termo cultura ajuda-nos a compreender a sua aplicação mais moderna: em Latim, *cultura* refere-se àquilo que hoje entendemos por cultivo da terra, vulgo agricultura (Hofstede, 2010). A palavra foi sendo posteriormente transposta para outros domínios, nomeadamente para o das Ciências Sociais e Humanas, passando a ter outra acepção: cultivo da mente.

As etapas que se sucederam até chegarmos ao presente contexto de bifurcações conceptuais da palavra *cultura* conheceram importantes desenvolvimentos durante o chamado “Século das Luzes”, no qual os defensores do Iluminismo contribuíram – entre inúmeras coisas – para a edição da famosa *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, onde encontramos referência à “culture des arts et des sciences”, preparando o terreno para que o conceito de *cultura* gradualmente evoluísse nos séculos posteriores (Riley, 2007, p. 22).

No século XIX, teorias como as de Arnold (1882) faziam coincidir o conceito de cultura com o de elevação estética derivada da qualidade artística de uma determinada produção, limitando a propriedade desse conceito a uma minoria social abastada e tida como erudita. Por outro lado, e em contraposição, Tylor (1871, p. 1) deselitiza o conceito, definindo-o como “*o conjunto complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, moral, leis, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade*”. Apesar de esta definição se assumir como um bom ponto de partida, Tylor (1871) estratifica os diferentes grupos sociais num espectro de evolução sociocultural entre a selvajaria e a civilização, pelo que a sua visão não se perfila como particularmente relevante para a contemporaneidade.

O século XX traz consigo novas perspectivas ao conceito de cultura, nomeadamente com a remoção do carácter darwinista social das teorias de Tylor. Adler (1997, p. 14), citando a recolha de 164 definições de cultura por Kroeber e Kluckhohn (1952, p. 181), refere que «*cultura consiste em padrões, explícitos e implícitos, de e para o comportamento adquirido e transmitido por símbolos, constituindo os feitos distintivos de grupos humanos, incluindo a sua incorporação em artefactos; o núcleo essencial da cultura consiste em ideias (...) tradicionais e especialmente os valores que lhes são subjacentes; sistemas de cultura podem, por um lado, ser considerados produtos de acção e, por outro, como elementos condicionantes de acção futura*». Esta definição é descritiva, procedendo a uma análise objectiva do conceito de cultura, dos seus elementos integrantes e dos seus modos de revelação. É de referir o carácter eminentemente sociológico deste conceito, sem prejuízo de concepções antropológicas a seu respeito.

Para além desta, há outras, mais recentes, e que, mantendo o elemento objectivo da definição apresentada por Kroeber e Kluckhohn (1952), lhe oferecem outras notas de distinção que completam a carga conceptual de cultura.

Spencer-Oatey (2008, p. 3), por exemplo, diz que a «*cultura é um conjunto nebuloso de assunções básicas e de valores, orientações para a vida, crenças, políticas, procedimentos e convenções comportamentais partilhado por um grupo de pessoas e que influencia (mas não determina) o comportamento de cada indivíduo e as suas interpretações que este retira do comportamento de outras pessoas*». Spencer-Oatey (2008) acrescenta, ao cariz objectivo, um elemento subjectivo. Este elemento subjectivo materializa-se na determinação do indivíduo, componente do grupo, sendo este último quem define cultura. Este elemento subjectivo dá nota, não de onde se manifesta a cultura *per si*, mas dos seus veículos.

Matsumoto (2013, p. 14) também foca o papel da cultura enquanto linha orientadora do nosso comportamento, dizendo que «*a cultura providencia linhas de orientação, ou mapas, sobre o que fazer, como pensar e o que sentir. Essas linhas de orientação são passadas de uma geração para a seguinte...*», definindo posteriormente cultura como «*um sistema de informação e de significação único, partilhado por um grupo e transmitido através das gerações, que permite ao grupo*

cumprir as necessidades básicas de sobrevivência, procurar a felicidade e o bem-estar e obter sentido da vida» (Matsumoto, 2013, p. 15). Matsumoto (2013) acrescenta, às duas concepções anteriores, o elemento teleológico; por outras palavras, clarifica a finalidade da cultura. Esta, sendo produto do conjunto de valores e vivências concretas de um grupo, serve para este encontrar modos de subsistência e felicidade adequados ao seu contexto.

Hofstede (2010) complementa e harmoniza as definições anteriormente apresentadas: primeiramente, ao aludir à padronização de influências e reacções comportamentais, de processos cognitivos e de sensibilidades, o autor aproxima-se da concepção objectiva de Kroeber e Kluckhohn (1952); por outro lado, ao prever a capacidade individual de reacções «*novas, criativas, destrutivas ou inesperadas*» (Hofstede, 2010, p. 5), possivelmente contraditórias à norma cultural, inclui um elemento subjectivo na sua concepção; por fim, ao apresentar a cultura como «*o código de regras implícitas no jogo social*» (Hofstede, 2010, p. 6) que funciona como «*uma pré-condição à sobrevivência do grupo*» (Hofstede, 2010, p. 12), o autor confere ao conceito de cultura uma noção teleológica próxima da de Matsumoto (2013).

Hofstede (2010, p. 6) sintetiza as suas ideias, definindo cultura como «*a programação colectiva da mente que distingue os membros de um grupo ou categoria de pessoas de outros*». Pela integração dos vários elementos que os autores mencionados têm desenvolvido ao longo dos anos, consideramos a tese de Hofstede (2010) como mais pertinente para o propósito desta dissertação. Deste modo, é esta a definição por nós adoptada.

Para Hofstede (2010), a programação mental mencionada na sua definição subentende três níveis – um nível basilar de natureza humana, inerente à condição humana e herdado por todos os seres pertencentes à nossa espécie; um nível cultural, intermédio, restrito a um grupo ou categoria e aprendido e transmitido pela mesma; e, no topo da pirâmide, a personalidade única atinente ao indivíduo, transmitida e herdada em proporções relativamente incertas.

Sendo a cultura aprendida – ou, fazendo uso da analogia do autor, *instalada* – pelo (e no) indivíduo, podemos concluir que um mesmo indivíduo contém em si programações culturais diferentes, consoante os grupos sociais em que se encontra

inserido; Hofstede (2010, p. 18) refere, a este propósito, a existência de diferentes níveis culturais: «*um nível nacional (...); um nível de filiação regional e/ou étnica e/ou religiosa e/ou linguística; um nível de género (...); um nível relacionado com a geração (...); um nível relacionado com a classe social...*» e um nível relacionado com a socialização inerente ao local de trabalho. Segundo esta lógica, e interpretando a aceção apresentada pelo Conselho da Europa (2008) para multiculturalidade – conceito que descreve a coexistência e interacção de diferentes realidades culturais num dado espaço e sociedade – concluímos que, por natureza, o ser humano é *multicultural*.

Hofstede (2010) explicita também as diversas camadas de manifestação das diferenças culturais. Coincidindo com as ideias de Kroeber e Kluckhohn (1952) e de Spencer-Oatey (2008), Hofstede (2010) coloca no cerne das manifestações culturais a questão dos valores, e nas camadas mais superficiais, designadas no seu conjunto como “práticas”, as questões referentes aos rituais, heróis e símbolos. É sobretudo no conjunto das práticas que um observador externo pode inferir no que às diferenças culturais diz respeito, ainda que o seu significado cultural seja «*invisível*, [encontrando-se] *precisamente e apenas na maneira como essas práticas são interpretadas pelos seus praticantes*» (Hofstede, 2010, p. 9).

1.3.2. Diferenças culturais

Como é possível inferir pelo que foi dito no subcapítulo anterior, descrever a cultura dos alunos é um objectivo difícil: em primeiro lugar, porque a face mais visível dessa cultura é a das práticas, conforme mencionado por Hofstede (2010); para além disso, porque, na verdade, os alunos chineses transportam com eles uma miríade de diferentes culturas interrelacionadas. Aliás, apelidá-los de alunos *chineses* é, por si só, uma simplificação – com uma área de 9,6 milhões de km² (equivalente a mais de cem vezes o território português), 56 etnias reconhecidas (1 maioritária, a Han, 55 minoritárias) e 297 dialectos vivos⁹ no seu território, a China é um país multicultural por excelência. Todavia, por uma questão de simplificação para os efeitos deste estudo, estando feita a anterior observação académica, considerá-los-emos como *chineses*.

⁹ De acordo com informações retiradas de: <http://www.ethnologue.com/country/CN> [Última consulta a 10 de Agosto de 2015]

Ao longo deste subcapítulo, numa tentativa de situarmos, ainda que genericamente, as culturas colidentes em Portugal, enumeramos algumas diferenças culturais entre portugueses e chineses, bem como algumas diferenças de concepções das culturas académicas de cada país.

No que diz respeito ao primeiro ponto, um dos aspectos fundamentais da cultura chinesa está relacionado com o grande respeito pelas hierarquias, nomeadamente face aos mais velhos e membros da família (Bucknall, 1999). Esta hierarquização também passa para o contexto de sala de aula e para a relação entre aprendiz e professor, resultando numa grande reverência do primeiro relativamente ao segundo. Numa lógica de manutenção, harmónica, da coesão de grupo, ela própria atestadora do valor que tem a ideia de um *colectivo* para a sociedade chinesa, o indivíduo é impelido a compreender, aceitar e agir respeitando o seu papel no mundo – nomeadamente, não expressando necessariamente uma opinião, sobretudo se esta for crítica (Bucknall, 1999). No contexto de sala de aula, o respeito pelo professor, juntamente com o mencionado receio de expressar opiniões, muitas vezes funcionam como entraves ao normal funcionamento de uma aula administrada por um docente português.

Este último aspecto está também relacionado com o conceito de *mianzi* (面子), central à vivência chinesa. Similar à conotação anglófona para o termo “*face*” – com expressões derivadas como “*save face*” (à letra, salvar face) e “*lose face*” (à letra, perder face) –, o conceito de *mianzi* refere-se a uma «*comodidade intangível que é vital à reputação, dignidade e prestígio de uma pessoa*» (Seligman, 1999, p. 198). Clarificando a prática do *mianzi* com outros exemplos da sua utilização: mentir a alguém (ou por alguém) por julgarmos que a verdade iria de alguma forma ferir a sua honra ou dignidade é aceitável nesta lógica; o elogio enquanto forma de agradar a outrem e inflacionar o seu ego é desejável; o despedimento é considerado uma forma de grande perda de *mianzi*; o “*não*” deve ser evitado a todo o custo, sendo preferível usar formas mais leves, menos peremptórias, de recusa (“*talvez*”, “*é um pouco difícil*”, “*não é muito conveniente*”); o aceno de cabeça constante, mesmo não coincidindo com uma concordância pessoal, é tido como correcto (Seligman, 1999).

A construção de redes de influências e de contactos, conhecida como *guanxi* (关系), é outra característica distintiva da cultura chinesa. Enquanto, em Portugal, conceitos próximos como o *clientelismo* ou o *nepotismo* são socialmente reprovados, na China, o *guanxi* é uma mera característica inerente ao sistema (Bucknall, 1999). A troca de presentes, para além de um normal gesto de bondade, pode ser uma forma de construção deste *guanxi*.

A diferença de conotação do toque físico entre Portugal e a China é notória: enquanto todas as manifestações do trato social no território português¹⁰ envolvem contacto físico, os chineses optam por saudações verbais ou gestuais, menos íntimas (Dresser, 2005). A lógica de organização em sítios com atendimento ao público também difere – enquanto, em Portugal, há um hábito de organização por filas de espera, na China muitas vezes não existe esse costume (Dresser, 2005).

Muitas outras diferenças poderiam ser referidas mas, de uma forma superficial, e em jeito de síntese, podemos delinear já um contraste entre uma atitude, típica chinesa, tendencialmente introvertida, de contenção, moderação e respeito pela organização harmoniosa da sociedade, visando a preservação desta, e uma atitude portuguesa que, pesem embora as devidas semelhanças, é tendencialmente mais descontraída, menos preocupada com cada contexto social, dado o seu pendor liberal.

Passando para as questões inerentes ao Ensino Superior, para além dos aspectos relativos à sala de aula, ou passíveis de para ela serem transportados, mencionados nos parágrafos acima (de que são exemplo o respeito pelos professores e a pouca adesão às participações durante as aulas), verificamos um número significativo de disparidades entre alunos chineses e portugueses.

Enquanto, frequentemente, os alunos portugueses encaram a faculdade como uma etapa de maturação académica, com uma natural complexificação das matérias e das metodologias de estudo e trabalho, os alunos chineses registam um aligeiramento da sua carga de estudos (A. Yuan, 2012). A pressão exercida pelos exames de final de Ensino Secundário na China é tremenda; os alunos deixam de ter disponibilidade para actividades não respeitantes à preparação para os exames (A. Yuan, 2012). Chegados

¹⁰ De que são exemplo o aperto de mão, o abraço ou os beijos na face.

ao Ensino Superior, depois de uma etapa lectiva tão rigorosa e no meio de um ambiente de menor exigência, os alunos usufruem de maior liberdade.

Não quer isto dizer que os alunos chineses não sejam esforçados, antes pelo contrário. O brio académico é, afinal de contas, uma característica importante da cultura chinesa. Simplesmente, a Universidade acaba por ser encarada como uma fase de natural descompressão imediatamente subsequente a um período de esforço muito intensivo (A. Yuan, 2012).

Stevens (2012), discorrendo sobre as diferenças culturais mais significativas entre o meio académico chinês e o análogo estadunidense, faz menção de alguns aspectos já aqui referidos – como o sentimento de pertença a um colectivo, contrastante com um individualismo estadunidense, ou a grande hierarquização social chinesa – e, posteriormente, desenvolve outros, meritórios de menção: o foco na memorização, vestígio de uma educação confucionista (que contrasta com as noções americanas de articulação de conceitos e valorização de *input* criativo); a recusa de discussão sobre tópicos tidos como controversos (relacionada com o conceito, já mencionado, de *mianzi*, e com uma falta de desenvolvimento do espírito crítico); a valorização do silêncio como sinal de respeito e de moderação no discurso; e o foco do processo ensino-aprendizagem na obtenção de resultados mensuráveis (isto é, uma educação desenhada em torno de e com foco em exames standardizados). Quer isto dizer que, de acordo com esta lógica de valorização do resultado, o meio para a obtenção desse resultado acaba por ser relegado para segundo plano, admitindo-se práticas como a do plágio desde que estas sejam frutíferas.

A lista de diferenças culturais é bastante mais extensa do que a exposta neste trabalho - afinal, as obras de Seligman (1999) e Bucknall (1999), citadas neste subcapítulo, têm por objectivo exclusivo alertar os seus leitores para semelhanças e diferenças culturais da realidade chinesa face à estadunidense; todavia, cremos que, no contexto da análise das informações obtidas no segundo capítulo, o conjunto referido é suficiente para conseguirmos fazer uma interpretação rigorosa.

1.3.3. O choque cultural e a integração

Julgamos que a melhor maneira de descrever o processo de adaptação do indivíduo a uma nova cultura é com o recurso a uma analogia: entrar numa nova cultura é como entrar na água do mar – há um choque inicial, seguido de um período de adaptação propriamente dita. É este momento de contacto incipiente com uma nova cultura que designamos de choque cultural. Ryan e Twibell (2000, p. 412), parafraseando Oberg (1954), definem o choque cultural como «*a transição de um ambiente familiar para um ambiente estranho, onde antigos padrões comportamentais se tornam ineficazes*».

O choque cultural, de acordo com Ryan e Twibell (2000, p. 412), segue quatro momentos distintos: uma fase inicial, de «*lua-de-mel, marcada pelo entusiasmo*»; uma fase de desencantamento, onde o indivíduo toma consciência do ambiente em que está inserido; um terceiro momento, de início de resolução, onde o indivíduo se começa a adaptar ao meio, alternando os seus padrões comportamentais para outros considerados mais ajustados – uma aculturação parcial; e uma fase de «*funcionamento efectivo, na qual o indivíduo passa a estar confortável na nova cultura*». Meireles (2008) propõe uma outra concepção para esta última fase, consoante as experiências acumuladas nas três etapas antecedentes, com a qual concordamos por contrariar a ideia de inevitabilidade de um funcionamento efectivo do indivíduo na nova cultura.

Meireles (2008, p. 36) apelida a última fase de «*fase da “estabilidade”*», retirando a conotação inevitavelmente positiva de pleno funcionamento do indivíduo. A estabilidade encontrada pelo indivíduo pode ser negativa, caso este seja e/ou se sinta marginalizado; a estabilidade pode ser num ponto tido como relativamente neutro, em que o indivíduo pode «*ser considerado bi-culturalmente adaptado*»; por último, a adaptação pode ser tão positiva que o indivíduo estabiliza encarnando características semelhantes às de um nativo.

No âmbito desta dissertação, a nossa proposta de conceito de integração cultural está relacionada com a proposta de Meireles (2008) para esta fase de estabilidade: integração cultural é o ponto “neutro” dessa estabilidade, em que o indivíduo está confortável na cultura de acolhimento sem, contudo, perder a sua identidade cultural – ou seja, mantendo a diversidade cultural, numa promoção da

multiculturalidade e do diálogo intercultural (Conselho da Europa, 2008). A estabilidade “negativa” é equivalente à marginalização ou exclusão cultural (Conselho da Europa, 2008); a estabilidade “positiva” é equiparável à plena aculturação do indivíduo – ou, no limite extremo, a assimilação, com perda total da identidade cultural original (Krieken, 2009).

Ryan e Twibell (2000) focam-se também na importância do *stress* ou, por outras palavras, na importância das tensões entre o indivíduo e o seu meio envolvente, no que concerne à adaptação às novas realidades culturais – mormente como factores de bloqueio à adaptação. Parafrazeando Brink e Saunders (1976), Ryan e Twibell (2000, p. 412) referem cinco categorias de factores geradores de *stress*: «(a) comunicação; (b) diferenças mecânicas e ambientais; (c) isolamento; (d) hábitos e tradições; (e) atitudes e crenças».

No estudo, apresentado por Ryan e Twibell (2000), sobre estudantes de Ensino Superior a estudar fora do seu país de origem, os relacionamentos interpessoais, o sucesso académico, a barreira linguística, a adaptação pessoal, questões de saúde, questões de segurança e assuntos burocráticos surgem como algumas das principais preocupações iniciais dos estudantes; em contraste, e num segundo momento, as competências linguísticas, o sucesso académico, questões financeiras, o regresso a casa, as questões de saúde, de segurança e questões burocráticas assumem-se como as principais preocupações.

A nossa opção metodológica por abordarmos, em paralelo, o enquadramento legal e burocrático dos alunos da ULED, a sua adaptação académica (incluindo aqui as suas competências linguísticas) e a sua integração cultural justifica-se com base nesta noção de conexões entre as três realidades – as duas primeiras funcionando sobretudo como factores de *stress*, mas também, e de forma importante, como elementos inerentes à cultura de acolhimento dos alunos.

1.4. Síntese geral

Conforme sugerido pelo título da dissertação, o presente trabalho foca-se na integração cultural de alunos chineses do Ensino Superior no meio académico português. A bibliografia atinente a esta temática não é particularmente abundante,

outro motivo que atesta a pertinência de trabalhos desta índole. Sobre este tema, tanto quanto a nossa pesquisa bibliográfica apurou, há apenas uma dissertação, de Meireles (2008), *Integração do Aluno Estrangeiro na China e em Portugal*, referente à integração de alunos estrangeiros na China e em Portugal, e que se debruça sobre as diferenças culturais que dificultam a integração de alunos chineses em Portugal e, analogamente, de alunos portugueses na China.

Perante a escassez de fontes, procurámos bibliografia relevante, quer próxima do tema em análise, como referente a um ou mais dos conceitos abordados. O artigo de Ryan e Twibell (2000), *Concerns, values, stress, coping, health and educational outcomes of college students who studied abroad*, referente aos desafios enfrentados por alunos universitários num contexto de intercâmbio internacional, permitiu-nos obter informações sobre os factores conducentes ao *stress* na experiência de imersão noutra contexto cultural. As dissertações de Lan (2006a e 2006b), *Internationalization of Chinese Higher Education Through International Academic Collaboration e Experiências dos Estudantes Chineses no Reino Unido: As Expectativas, as Percepções e a sua Satisfação: Um Estudo de Caso de Alunos de Mestrado em Finanças e Contabilidade na London School of Economics e na London South Bank University*, que abordam a internacionalização do Ensino Superior chinês e a satisfação de alunos chineses no meio académico britânico, são úteis na medida em que nos informam sobre outros contextos de ensino e experiências análogas às analisadas nesta dissertação, para além de nos sugerirem perspectivas de análise para o tema.

Duas dissertações sobre a integração de cidadãos chineses em solo português, com ênfase nos imigrantes de segunda geração, foram também tidas em conta, nomeadamente numa etapa de sensibilização para o tema: a dissertação de Li (2012), *Social Integration of International Chinese Second Generation of Immigrants*, e a de Ning (2012), *A Comunidade Chinesa em Portugal: acerca de atividades económicas, associativismo, integração e a segunda geração*.

Para a exposição de diferenças culturais relevantes, foram particularmente pertinentes as obras de Seligman (1999), *Chinese business etiquette: a guide to protocol, manners, and culture in the People's Republic of China*, e Bucknall (1999), *Chinese business etiquette and culture*, ambas incidentes no meio empresarial, mas

com descrições de diferenças culturais basilares entre os contextos chinês e estadunidense, a obra de Dresser (2005), *Multicultural manners: essential rules of etiquette for the 21st Century*, respeitante ao desenvolvimento de competências de diálogo intercultural, a dissertação de A. Yuan (2012), *Frequentar a Universidade: Reflexões Sobre o "Ser Estudante" na China e em Portugal*, concernente às diferenças de concepção do meio académico para alunos chineses e portugueses, e o artigo de Stevens (2012), *Chinese Students in Undergraduate Programs: Understanding and Overcoming the Challenges*, que aborda as diferenças principais entre os contextos académicos na China e nos Estados Unidos da América.

No que diz respeito à definição de cultura, as obras de Adler (1997), *International Dimensions of Organizational Behavior*, de Tylor (1871), *Primitive Culture: Researches Into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art, and Custom*; de Hofstede (2010), *Cultures and organizations: software of the mind: intercultural cooperation and its importance for survival*; de Spencer-Oatey (2008), *Culturally Speaking. Culture, Communication and Politeness Theory*; e de Matsumoto e Juang (2013), *Culture and psychology*, foram especialmente consultadas, servindo de base à contextualização do problema.

Para a restante contextualização, nomeadamente no que diz respeito ao ensino de português na China, as dissertações de Pereira (2014), *Aprender português em Dalian: expectativas de empregabilidade*, Shanpei (2010), *O Ensino da Língua Portuguesa na China: Caracterização da Situação Actual e Propostas para o Futuro* e Yan (2008), *Português Língua Estrangeira no Continente Chinês: Situação Actual e Alguns Aspectos a Melhorar*, foram particularmente relevantes.

Outras fontes foram consultadas para a obtenção de informações específicas, nomeadamente artigos diversos, informações noticiosas e *sites* institucionais, que foram e serão mencionadas no corpo do trabalho e na bibliografia, mas que não se perfilam como especialmente relevantes para o estudo desta temática.

Capítulo 2. Estudo empírico

«Muitos dos nossos hábitos parecem-te estranhos. E o mesmo é verdade quanto aos teus. Por exemplo, não te apresentares é considerado extremamente rude, mesmo entre inimigos.»

John Logan (in *The Last Samurai*, 2003, realizado por Edward Zwick)

O filme *The Last Samurai* (2003), escrito por John Logan e realizado por Edward Zwick, lida com a aculturação de um soldado norte-americano no seio do império nipónico. A citação com a qual iniciamos este capítulo é proferida por Matsugiri Katsumoto, líder dos *samurai*, na sua conversa inicial com Nathan Algren, o soldado veterano da Guerra Civil norte-americana que se vê imerso numa nova realidade. Katsumoto, nesta citação, alerta-nos para as diferenças de costumes entre japoneses e cidadãos dos Estados Unidos da América – e para a reciprocidade dessa estranheza.

Ao longo deste capítulo, abordaremos a experiência dos alunos chineses em Lisboa, com a plena noção de que há uma estranheza mútua, tal como exposta por Katsumoto no filme mencionado, que tem de ser compreendida, para posteriormente ser ultrapassada. Após uma abordagem metodológica, focar-nos-emos em três grandes vertentes de análise: o enquadramento burocrático e legal dos alunos; a sua adaptação ao meio académico português; e a integração dos alunos na cultura portuguesa. Daí retiraremos as informações necessárias para dar resposta ao problema de partida.

2.1. Metodologia

Antes de iniciar a explanação das considerações metodológicas tidas em conta para este trabalho, duas notas prévias: a presente dissertação usa, como sistema de referência bibliográfica, o sistema APA de 2010; esta dissertação não está escrita segundo o Acordo Ortográfico de 1990.

Para conseguirmos responder à questão que dá o mote para esta dissertação, recorreremos a diversas abordagens metodológicas, articuladas entre si. A metodologia usada situa-se no âmbito de uma investigação-acção, uma vez que procurámos promover um diálogo cíclico e crítico entre a acção no campo e a reflexão teórica –

com base no estudo de uma situação social, visámos chegar a um aperfeiçoamento da acção (Elliott, 1991). O modelo de investigação-acção que adoptámos aproxima-se da concepção de Elliott (1991), no sentido em que, após a identificação de uma ideia inicial, catalisadora do presente estudo, houve múltiplos ciclos de planificação, actuação, avaliação das práticas e reflexão sobre as mesmas, com uma especial ênfase nas fases de planificação e reflexão. Para o enquadramento teórico da questão, exposto no primeiro capítulo deste trabalho, e para o enquadramento metodológico que agora apresentamos, levámos a cabo uma recolha e subsequente análise bibliográfica, efectuada maioritariamente entre 20 de Setembro de 2014 e 30 de Março de 2015. Após esse período, houve apenas recolhas pontuais de informação, segundo as necessidades sentidas.

Para este segundo capítulo que agora encetamos, de forma a obter o maior número de dados possível, recorreremos a métodos diversos de recolha de informação, nomeadamente observação de campo, um questionário aos participantes e um conjunto de entrevistas a informantes-chave.

No que concerne às observações de campo, estas foram efectuadas e compiladas entre 9 de Setembro de 2014 e 31 de Maio de 2015, com o aval prévio dos estudantes observados. Apesar desta consciência de observação, cremos poder afirmar que esta observação de campo constitui um método não interferente de pesquisa (Lee, 2003), na medida em que assumimos, sempre que possível e relevante, uma posição não-interveniente, e os sujeitos analisados pareceram não atribuir importância ao facto de estarem a ser observados – a propósito desta habituação à observação, Schaeffer (1995), parafraseado por Lee (2003, p. 79), conclui num estudo baseado na observação com câmaras de vídeo: *«quanto mais tempo a câmara estava presente e quanto mais as pessoas estavam envolvidas no que faziam, menos consciência tinham da câmara»*. Este método permitiu-nos registar reacções genuínas, o que é de suma importância para o tema em análise.

Um registo diário destas observações encontra-se anexo a este trabalho (Anexo 1). Posteriormente, as informações obtidas com base nos registos diários foram interpretadas e codificadas num conjunto de tabelas de observação, de acordo com as indicações propostas por Bardin (2000). As tabelas obtidas estão anexas à dissertação,

e referem-se ao período compreendido entre 9 de Setembro e 31 de Maio de 2015 – momento em que a maioria dos alunos regressou a Dalian (Anexo 2).

Seguindo o modelo de Bardin (2000), definimos quatro categorias de observação, respeitantes a aspectos burocráticos, dificuldades académicas, aspectos culturais e questões relacionadas com a aprendizagem de língua portuguesa. Estas quatro categorias mantiveram-se inalteradas durante todo o processo de observação de campo, sendo as constantes do mesmo. A cada categoria de observação fizemos corresponder conjuntos de sub-categorias, englobando um conjunto de questões mais específico do que as categorias. Como exemplos de sub-categorias, encontramos aspectos relacionados com a legalidade e com a estadia subordinados à categoria relativa à burocracia, e aspectos como o *feedback* das disciplinas ou a adaptação ao meio académico subordinados à categoria de aspectos académicos. Estas sub-categorias passaram por algumas alterações, consoante a mudança das condicionantes impostas aos alunos.

Cada sub-categoria, por sua vez, abarca um conjunto de indicadores, realidades mais específicas do que as consideradas nas sub-categorias e mais susceptíveis a sofrerem alterações no decurso da observação. Como exemplos de indicadores, subentendidos à sub-categoria de legalidade, temos factores relacionados com a preocupação com os vistos ou com a regularização da situação académica.

Por fim, a cada indicador ligámos um conjunto de unidades de registo, aspectos mais particulares de observação, e que consistem nas observações comportamentais no seu estado mais aproximado à realidade – incluindo, sempre que possível e/ou relevante, citações dos observados. A cada unidade de registo fizemos corresponder a identidade dos alunos envolvidos na observação, codificada (as alunas do sexo feminino com a letra A e números de 1 a 10, e os alunos do sexo masculino com a letra B e números de 1 a 3) no sentido de garantir a sua confidencialidade.

Passando para a elaboração do questionário, este foi aplicado a quatro alunos no dia 28 de Maio. O dia 28 de Maio tinha sido definido, previamente e por contacto electrónico, como o dia de aplicação deste questionário. Contudo, os nove alunos restantes não compareceram a esse encontro. Assim, enviámos o questionário por correio electrónico, ainda no decurso do dia 28 de Maio, para que os restantes alunos

pudessem responder. Obtivemos três respostas por esta via: uma no dia 29 de Maio, outra no dia 1 de Junho, e a última no dia 6 de Setembro. O aprendente que entregou o seu questionário no dia 6 de Setembro deixou um conjunto de respostas em branco, facto que explica a discrepância de número de respostas a algumas questões. Tentámos, sem sucesso, contactá-lo para finalizar as respostas ao questionário. Ainda assim, considerámos as respostas que este aprendente forneceu. Por fim, no dia 23 de Setembro obtivemos mais quatro respostas ao questionário, perfazendo o total de onze respostas ao mesmo, num universo de treze alunos observados no decurso do ano lectivo anterior. Considerámos a amostra suficiente para estudo, pelo que prosseguimos com a análise do questionário.

O questionário, cujo texto original se encontra em anexo (Anexo 3), está dividido em três secções: uma recolha de informações pessoais, cujas respostas são confidenciais (e consideradas apenas para caracterização do grupo respondente); um primeiro grupo, com duas perguntas de resposta limitada e duas de resposta aberta, com a finalidade de traçar um perfil geral das motivações e conhecimentos prévios dos alunos; e um segundo grupo, incidente na estadia em Portugal, com um conjunto de questões de resposta aberta sobre as temáticas em análise no âmbito desta dissertação. A predominância de questões de resposta aberta – e, portanto, a opção por um questionário baseado na metodologia qualitativa – teve como objectivo a obtenção de respostas mais genuínas e espontâneas (Berg, 2001). Não quisemos prever cenários de resposta que eventualmente dirigissem as respostas dos alunos. A introdução com alguns momentos de resposta fechada (que facilmente poderiam ter sido convertidas em perguntas de resposta aberta) teve como único propósito a habituação dos alunos ao preenchimento de questionários.

Recolhidas as respostas aos questionários, os resultados foram transcritos na íntegra (Anexo 4), mantendo a confidencialidade dos sujeitos respondentes. De seguida, e para permitir a análise do grupo enquanto um todo, analisámos as respostas e formámos categorias gerais passíveis de agrupar conjuntos de respostas. Para uma resposta que não se enquadrasse nas categorias previstas foi sempre criada uma categoria nova (da qual só fazia parte essa resposta). Após a contagem de respostas para cada pergunta, os dados foram organizados em termos de números absolutos e

compilados em gráficos. Desta sistematização resultam os gráficos presentes no Anexo 5. Para facilitar a leitura dos dados, estes foram traduzidos para percentagens (Anexo 6). No que às duas últimas questões diz respeito, e após a análise das mesmas, achámos mais pertinente optar por não as tratar estatisticamente, antes discorrendo sobre as experiências dos alunos.

Por fim, conduzimos duas entrevistas (Anexos 7 e 8) por *e-mail* e Skype, durante os meses de Agosto e Setembro de 2015. Foram escolhidos originalmente três informantes-chave, com três perspectivas diferentes: uma entrevista a Gonçalo Dias, leitor de Dalian, efectuada pela aplicação Skype a 15 de Agosto de 2015, visou obter pontos-de-vista locais relativos ao programa de intercâmbio, informações sobre o curso de Língua Portuguesa em Dalian e informações genéricas sobre a integração cultural e burocrática de um português na China; uma entrevista a Carla Borges, licenciada em Estudos Asiáticos pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e em Gestão pelo ISCTE, foi realizada por correio electrónico a 10 de Setembro de 2015 e visou obter a perspectiva de uma aluna portuguesa que esteve num programa de estudos, de Língua Chinesa, numa instituição universitária chinesa; por fim, tentámos entrevistar Isabel Pessoa, professora de Português dos alunos de Dalian no ano lectivo transacto, com o principal intuito de obter informações sobre o aproveitamento académico e evolução dos alunos em Lisboa, mas esta entrevista não se concretizou por constrangimentos temporais diversos. O anexo 9 diz respeito ao guião previsto para esta entrevista.

Deste modo, as duas entrevistas efectuadas tiveram o objectivo de oferecer visões contrastantes e complementares das realidades em análise. Por questões geográficas num caso, e de disponibilidade temporal noutro, foi impossível realizar as entrevistas em pessoa; assim, e para obtermos respostas mais aprofundadas sobre cada matéria, optámos por fazer perguntas de cariz mais geral, frequentemente seguidas por perguntas mais específicas, para que o respondente pudesse falar livremente mas fazendo sempre menção aos aspectos relevantes à dissertação.

2.1.1. Caracterização da amostra de observação

No início da observação, a turma era composta por 13 alunos com idades compreendidas entre os 18 e os 22 anos de idade; a média de idades era de

sensivelmente 19,62, com uma moda situada nos 19 anos. Neste conjunto de alunos, havia 10 raparigas e 3 rapazes (numa proporção de 77% para 23%). Dois dos alunos pertenciam ao 3º ano da Licenciatura em Língua Portuguesa da ULED, e dez dos alunos ao 2º ano.

Temos, assim, uma população observada predominantemente do sexo feminino, com uma idade média a rondar os 20 anos e tendencialmente no segundo ano de licenciatura.

2.1.2. Caracterização geral dos participantes

Dos 13 alunos observados, 11 responderam ao questionário (sensivelmente 85% dos alunos inscritos). A nível de dispersão etária, e tendo em conta que o questionário foi realizado no final do ano lectivo, a média de idades subiu para os 20,5 anos, com uma moda situada nos 20 anos (Gráfico 1 do Anexo 5 e Gráfico 1 do Anexo 6). O público respondente foi composto por 10 raparigas (91%) e 1 rapaz (9%), numa proporção superior à verificada durante a observação.

Em termos de distribuição dos alunos por ano de frequência do curso, mais de 82% dos alunos disseram estar no 2º ano, e 18% disseram estar no 3º ano. De forma análoga, 82% dos alunos estudam português há 2 anos, e 18% assumiu fazê-lo há 3 anos (o que indica que nenhum dos alunos inquiridos havia começado o seu estudo de língua portuguesa antes da licenciatura).

Antes do curso (Gráfico 5, Anexo 6), 55% dos alunos conheciam pelo menos um país de língua portuguesa. Deste conjunto de alunos, 83% fizeram menção ao Brasil, 67% referiram Portugal e 50% disseram conhecer Angola (Gráfico 6, Anexo 6). Nenhum outro país de língua oficial portuguesa foi referido pelos alunos. Quanto aos aspectos previamente conhecidos por esta percentagem de alunos (Gráfico 7, Anexo 6), o futebol foi mencionado por 67% dos alunos sendo, de longe, a opção mais mencionada. Aspectos relacionados com a economia foram mencionados por 33% dos alunos (e aqui destaco a especificidade das respostas, conforme se pode ver no Anexo 4¹¹). Aspectos gastronómicos, culturais (música, tradições) e geográficos foram mencionados por 17%.

¹¹ A título demonstrativo, relativamente a Angola, um dos alunos responde *“Só sabia que lá tem muito petróleo, diamante, a capital é Luanda.”* (Anexo 4)

Quando questionados sobre a razão (ou razões) para o estudo de português, 64% apontam motivações profissionais como o principal factor para o estudo do português (Gráfico 8, Anexo 6). As segundas opções mais mencionadas, *ex-aequo*, relacionam-se com questões de gosto pessoal ou de curiosidade (18%). O gosto por aspectos culturais e a recomendação por parte de familiares são mencionadas, cada uma, por 9% da amostra.

Por fim, no que concerne às razões para a vinda a Portugal, 55% mencionam a oportunidade de poderem estudar português em Portugal, em imersão linguística e próximos da língua “*original*”. 27% referem factores como a curiosidade ou a procura de conhecimento. 18% relacionam a sua vinda a Portugal apenas com questões protocolares entre a ULED e a FCSH/NOVA.

Em suma, neste questionário participou, genericamente, um grupo de alunos quase totalmente composto por elementos do sexo feminino, com sensivelmente 20 anos de idade, predominantemente no 2º ano de faculdade, sem conhecimentos prévios de português, em que pouco mais de metade dos inquiridos conhecia algum aspecto relacionado com a lusofonia antes de ingressar na licenciatura. Dentro deste subgrupo, Brasil, Portugal e Angola eram os únicos países conhecidos antes do início dos estudos, maioritariamente devido ao futebol ou a questões económicas. Para a maior parte dos alunos, as motivações profissionais estavam na génese da escolha desta licenciatura e a possibilidade de estudar a língua portuguesa num ambiente de imersão linguística perfilava-se como o principal mote para a sua vinda para Portugal.

2.1.3. O papel da tutoria

Ao longo do ano lectivo transacto, desempenhámos um papel múltiplo no acompanhamento dos estudantes de Dalian, actuando como mediadores entre os alunos e a faculdade, entre os alunos e o aparelho burocrático, e entre os alunos e a sociedade.

Conforme é possível constatar pelo Anexo 1, ajudámos os alunos a tratar de todas as suas necessidades de enquadramento legal: procura de quartos em Lisboa, inscrição na faculdade, obtenção de cartões bancários, obtenção de documentação

necessária à renovação dos vistos, marcação e acompanhamento presencial da renovação dos vistos.

Para além disso, a quase totalidade da comunicação entre os alunos e a faculdade realizou-se por nosso intermédio: quaisquer dúvidas referentes à faculdade ou necessidades de documentação existentes eram por nós encaminhadas ou resolvidas.

Por fim, também funcionámos como mediadores culturais, explicando, sempre que relevante, as diferenças culturais entre a China e Portugal, sobretudo a nível de condutas sociais tidas como adequadas.

2.2. Aspectos burocráticos

2.2.1. Observações de campo

A opção por iniciarmos este estudo empírico com questões de ordem burocrática não é meramente acidental: entre os meses de Setembro de 2014 e Fevereiro de 2015, os assuntos burocráticos constituíram uma das principais preocupações dos alunos de Dalian. Uma das primeiras interações com os alunos, ainda no aeroporto da Portela, dizia aliás respeito a esta matéria – a necessidade de apresentar uma declaração de entrada em Portugal nos Serviços de Estrangeiros e Fronteiras (SEF).

A chegada a Portugal acarreta consigo o cumprimento de uma série de trâmites legais – muitos deles, por necessidade, concentrados nos primeiros dias e semanas de estadia no país. Só no primeiro mês de estadia (Anexo 1, Tabela 1), os alunos preencheram formulários de inscrição, completaram um inquérito interno na faculdade, obtiveram um cartão bancário com opção de seguro de saúde, requereram um passe para deslocação em transportes públicos e arrendaram quartos e apartamentos em Lisboa. Enquanto, nos primeiros dias de estadia, este conjunto de procedimentos não incomodou os alunos, devido ao entusiasmo destes, nas semanas seguintes começámos a registar algumas reacções de desencanto.

A questão do alojamento provisório na residência universitária Fraústo da Silva é ilustrativa desta alteração. Se, nos primeiros dias, o percurso entre a residência Fraústo da Silva, situada junto ao *campus* da Faculdade de Ciências e Tecnologias da

Universidade Nova de Lisboa, no Monte da Caparica, e a FCSH/NOVA¹², no centro de Lisboa, se afigurava como prazenteiro, e alguns alunos desejavam inclusivamente permanecer na residência para além das duas semanas previamente estipuladas, na semana seguinte todos os alunos diziam que a residência ficava demasiado longe¹³.

Outras pequenas frustrações foram surgindo nas primeiras semanas: a demora em obter cartões bancários e problemas ocasionais com senhorios são exemplo deste início de acumulação de tensões.

Ao longo dos meses de Outubro, Novembro e Dezembro de 2014 (Tabelas 2 e 3, Anexo 2), as preocupações burocráticas subsistiram, com especial foco na questão da renovação dos vistos. A preparação da documentação necessária gerou muitas dúvidas e algumas frustrações, sobretudo no que ao comprovativo de morada diz respeito – pois, pelo que verificámos, os requisitos para a obtenção do mesmo variam de freguesia para freguesia, instalando a confusão entre os alunos.

Paralelamente à questão dos vistos, outras preocupações de foro burocrático foram surgindo: uma das alunas decidiu mudar de alojamento, devido à distância do mesmo relativamente ao *campus* da FCSH/NOVA. Vários alunos tiveram problemas de comunicação com os senhorios, requisitando a nossa intervenção. Problemas com os cartões bancários e com os cartões de estudante também ocorreram esporadicamente. Por fim, uma das alunas decidiu procurar emprego em Lisboa, para ganhar experiência profissional e desenvolver o português – apesar de se ter empregado numa empresa chinesa.

Entre 5 de Janeiro e 6 de Fevereiro de 2015 (Tabela 4, Anexo 2), a quase totalidade dos alunos deslocou-se ao SEF, a fim de renovar o seu visto. Em todas as visitas que efectuámos ao SEF, o nervosismo e a ansiedade dos alunos foram evidentes. Alguns alunos admitiram-no em voz alta¹⁴, mas em todos houve alterações na linguagem corporal: semblantes de preocupação, sorrisos nervosos. Se os alunos não pareciam estar nervosos antes da entrevista no SEF, bastava sentarem-se perante os

¹² A título indicativo, para este trajecto é necessário apanhar o metropolitano de superfície na Margem Sul, o comboio Fertagus e caminhar durante alguns minutos.

¹³ Conforme manifestado pelo testemunho de uma aprendente que disse «*É muito longe!*», referindo-se à residência Fraústio da Silva (Anexo 1, Tabela 1).

¹⁴ Como se pode verificar na Tabela 4 do Anexo 2.

funcionários para o demonstrarem de alguma forma. A única surpresa agradável que quase todos tinham prendia-se com a rapidez do processo de renovação do visto – como veremos na análise às entrevistas desta secção, este processo é mais demorado na China.

Ao longo de todo o processo de renovação do visto, as informações oferecidas pelo SEF foram muitas vezes contraditórias, o que contribuiu para a crescente inquietação dos alunos: logo após a chegada dos alunos a Portugal, confirmámos, junto de dois contactos diferentes do SEF, não ser necessário os alunos apresentarem declaração de entrada; contudo, no dia de renovação da maioria dos vistos, e num posto onde já havíamos renovado vistos sem quaisquer admoestações, pela primeira vez um funcionário levantou essa questão, tendo coimado todos os alunos presentes. Da mesma forma, e como é possível inferir pelo Anexo 1, houve uma primeira e infrutífera visita ao SEF, a 24 de Novembro de 2015; apesar de termos fornecido todos os dados necessários, nomeadamente a data de chegada dos alunos, não nos informaram que o visto só podia ser renovado ao fim de três meses de estadia em Portugal (e, a 24 de Novembro, só tinham decorrido dois meses e meio desde a chegada).

Após a renovação dos vistos, finalizada em Fevereiro de 2015 (com uma última ida ao SEF), as questões burocráticas passaram para plano de fundo. Mais alunos procuraram emprego no início do segundo semestre, e as preocupações com burocracia tornaram-se meramente pontuais. Só a partir do final de Abril de 2015, designadamente com a apresentação do novo protocolo entre a ULED e a FCSH/NOVA e com a aproximação dos preparativos para a inscrição no ano lectivo seguinte, as questões burocráticas deixam de estar num plano meramente secundário: a urgência em obter informações sobre o novo protocolo e em conseguir a documentação necessária para a inscrição no ano lectivo seguinte constituíram motivos de alguma ansiedade para os alunos. Contudo, este desassossego nunca foi tão aparente como havia sido quando do processo de renovação de vistos.

Apesar de a observação aos alunos ter terminado em Maio de 2015, não podemos deixar de referir alguns aspectos posteriores a esse período, nomeadamente uma frase proferida, em Agosto de 2015, por um dos alunos. Durante uma troca de

mensagens, visando nova renovação de vistos, uma aluna admitiu já estar habituada ao SEF. Esta frase havia sido por outras pessoas da turma, noutros contextos, mas nunca aplicada a questões burocráticas. Em Setembro de 2015, voltaríamos a ouvir variações desta ideia, veiculadas por outros alunos. Não obstante o desagrado causado pelas necessidades de cumprimento da legalidade, os alunos aparentam ter sido inoculados pela primeira experiência, assumindo uma postura menos tensa do que apenas uns meses antes.

2.2.2. Análise dos questionários

Esta ideia de habituação à burocracia portuguesa aparenta ser corroborada pelos resultados dos questionários: nas perguntas de opinião genérica sobre a experiência em Portugal (nomeadamente, as perguntas 1 e 2 do segundo grupo, referentes, respectivamente, aos aspectos positivos e negativos da estadia, e a pergunta 10 do mesmo grupo, respeitante aos aspectos a melhorar futuramente), apenas numa houve menção a aspectos burocráticos.

Em resposta à pergunta 10, 36% dos inquiridos indicaram problemas relacionados com a habitação, genericamente, como aspectos a melhorar; um dos alunos mencionou, especificamente, a questão da distância da residência¹⁵ à faculdade (Anexo 4). Assumindo a possibilidade de alguns dos alunos poderem ter referido a questão da habitação por esta ser um dos exemplos de resposta sugeridos no enunciado, o facto de terem optado por essa opção em detrimento de outras é indicativa da importância deste assunto para os alunos.

2.2.3. Análise das entrevistas

Para melhor compreendermos as expectativas dos estudantes chineses no que concerne ao tratamento de assuntos burocráticos, pedimos a dois dos informantes-chave que discorressem sobre a sua estadia na China. Apesar de os dois informantes terem passado pelo processo de adaptação em duas cidades chinesas diferentes (respectivamente, Tianjin e Dalian), a experiência de ambos é suficientemente parecida para daí retirar algumas informações.

¹⁵ Citando o aluno em questão: “A residência podia ser mais próxima de casa.” Interpretámos a frase como visando a distância da residência à faculdade.

Tanto num caso, como no outro, as respectivas universidades encarregaram-se do acompanhamento burocrático. No caso do informante em Dalian, esta ajuda, que visa todo o tipo de necessidades de enquadramento na cidade e no país, é desempenhada por um colega do corpo docente ou, na sua ausência, por alunos destacados para essa função. Quanto à nossa informante que viveu em Tianjin, a universidade garantiu o acompanhamento e deslocação dos alunos para o cumprimento de todos os procedimentos legais, para além de fornecer alojamento dentro do *campus*, com uma equipa técnica disponível todo o dia e pronta a resolver quaisquer imprevistos. Esta oferta de alojamento dentro do *campus* também está prevista na ULED.

Em ambos os casos, quando lhes pedimos para comparar o funcionamento das instituições portuguesas às análogas chinesas, há o reconhecimento de algumas diferenças. Gonçalo Dias refere-nos que o processo é mais faseado do que em Portugal, com «*muitos passos intermédios*», e confuso para um cidadão estrangeiro, mas que há mais rapidez e eficiência – pelo menos, no que a filas de atendimento diz respeito, geradoras de *stress* para os alunos chineses ao abrigo do programa de estudos português. Todavia, um visto demora algumas semanas a estar pronto – processo esse que, em Portugal, é bastante mais imediato. Assim, Dias conclui que há aspectos positivos e negativos em ambas as situações. Carla Borges, por sua vez, alude a uma maior preparação e celeridade das autoridades competentes, atribuindo parte do sucesso à ajuda fornecida pela faculdade.

Em suma, e à semelhança do que ocorre no acolhimento em Portugal, as universidades chinesas encarregam-se de encaminhar os cidadãos estrangeiros no cumprimento dos seus afazeres burocráticos. Havendo problemas distintos nos funcionamentos institucionais de cada país, parece haver ainda assim um atendimento mais expedito em solo chinês. Para além disso, as universidades na China providenciam habitação dentro do *campus* – o que nos ajuda a entender a menção, nos nossos questionários, a problemas com a habitação, designadamente no que à distância à faculdade em concreto diz respeito. A procura de soluções de habitação, ainda que provisórias, mais próximas da faculdade, assume-se como um aspecto passível de revisão no futuro.

2.3. Aspectos académicos

2.3.1. Observações de campo

A adaptação dos alunos ao meio académico, à semelhança do que sucedeu com o fenómeno correspondente no caso burocrático, foi lenta e gradual. O primeiro impacto deu-se à chegada à FCSH/NOVA: a dimensão de uma faculdade portuguesa é consideravelmente inferior à da realidade chinesa, o que causou estranheza nos alunos. Um dos alunos, inclusivamente, perguntou se a faculdade era «só» aquele conjunto de edifícios (Anexo 2). A diversidade de pessoas, em contraste, foi motivo de fascínio: os alunos registaram muito do que viram em suporte fotográfico.

Nas primeiras semanas de aulas, os alunos manifestavam-se confortáveis com as aulas de língua portuguesa que, apesar de desafiantes, consideravam interessantes. Contudo, no que diz respeito às restantes disciplinas, os alunos revelavam alguma preocupação, não percebendo frequentemente o conteúdo das mesmas: dificuldades com vocabulário, com o ritmo das aulas e com a quantidade de matéria a apreender foram registadas pela quase totalidade da turma.

Em Outubro e Novembro, o *feedback* era similar. Os elogios à disciplina de Português contrapunham-se à frustração experienciada nas outras disciplinas, causada sobretudo por uma incompreensão de muitos dos conteúdos leccionados. Os alunos, em todo o caso, perderam uma timidez inicial que haviam demonstrado no mês anterior, mostrando-se mais desinibidos no *campus*. Dois alunos revelaram algumas dificuldades de adaptação ao meio académico português, faltando a um teste (num caso) e chegando ao mesmo com atraso (noutro). Após uma advertência, esse comportamento não se voltou a verificar até ao final do ano.

No final do primeiro semestre, houve um aligeiramento das críticas às aulas. A tendência de elogio às aulas de Português paralela a dificuldades nas restantes disciplinas manteve-se, mas os comentários a estas últimas diminuíram em intensidade e quantidade. No mesmo período, começámos a registar comentários

muito positivos em relação ao ambiente académico da FCSH/NOVA, com vários alunos a referirem o bom ambiente da faculdade.

Antes do início do segundo semestre, e com algum distanciamento da experiência lectiva dos meses antecedentes, inquirimos os alunos sobre as disciplinas que tinham acabado de completar. Mais uma vez, os alunos amplamente elogiaram a disciplina de Português e revelaram algum desencantamento em relação às restantes disciplinas: História de Portugal foi considerada por alguns alunos como uma disciplina muito difícil, muito densa, exigente de uma capacidade de relação conceptual que os alunos ainda não tinham adquirido; Geografia de Portugal foi menos criticada, sendo apenas referida como uma disciplina com «*muitas matérias* [sic]» para estudar; quanto à disciplina de Instituições Políticas e Sociedade, os alunos manifestaram não só alguma dificuldade à disciplina, como, também, algum desinteresse pela mesma. De novo, o ambiente de estudo da faculdade foi elogiado pela quase totalidade dos alunos, sendo considerado «*muito bom*» (Anexo 2).

O segundo semestre foi menos propenso a comentários de índole negativa. Face à experiência do semestre anterior, para além da aprovação da disciplina de Português, os alunos manifestaram algum interesse pela disciplina de Geografia da Europa. Relativamente às duas outras disciplinas, não registámos comentários para além de uma garantia de maior esforço por parte dos alunos. Esta tendência foi relativamente uniforme ao longo do segundo semestre; os alunos pareceram mais concentrados no seu estudo, apesar da conciliação do mesmo com actividades paralelas (como a integração em empregos em regime de tempo parcial). Os alunos parecem ter-se habituado ao ritmo da cidade e da faculdade na transição do primeiro para o segundo semestre, encarando a metade final do ano como uma oportunidade para desenvolverem as suas competências linguísticas – nomeadamente, procurando empregos para poderem exercitar as competências concernentes à oralidade, que consideravam ser deficitariamente trabalhadas nas várias disciplinas.

A nível de aproveitamento, este contraste entre primeiro e segundo semestre não foi tão evidente: as médias das avaliações foram relativamente constantes (na casa dos 12-14 valores a todas as disciplinas, ao longo dos dois semestres), mas um dos alunos, que havia chumbado a metade das disciplinas no primeiro semestre,

conseguiu aproveitamento positivo a todas as disciplinas no segundo semestre. Um caso particular, de um aprendente com problemas diversos ao longo do ano lectivo, nomeadamente relacionados com a sua saúde, apenas obteve uma avaliação suficiente no ano lectivo (na disciplina de Tradução), tendo desistido das restantes unidades curriculares de segundo semestre.

Por fim, e no que concerne à aprendizagem da língua portuguesa, naturalmente um dos focos principais deste programa de estudos, registámos uma evolução faseada da turma. No primeiro mês, oito alunos tentaram comunicar, por escrito, em português, mas 7 desses 8 usaram também o inglês como língua-vector na produção escrita; no que diz respeito à produção oral, apenas 5 tentaram intercalar o uso do inglês com a prática do português. A nível da compreensão escrita, apenas uma aluna manifestou repetidamente a sua falta de compreensão das mensagens que enviámos, pedindo-nos para esclarecer o conteúdo das mesmas; contudo, todos os alunos apresentaram dificuldades na compreensão oral, mesmo perante um ritmo de fala brando e um discurso simples.

Esta situação evoluiu no mês seguinte, com mais 3 alunos a tentar produzir texto em português, mais uma aluna a deixar de comunicar em inglês e mais 3 alunos a tentar conversar em português. As dificuldades de compreensão oral, ainda assim, mantiveram-se quase inalteradas. Até ao final do semestre, apenas uma aluna não tentou enviar uma única mensagem em português e somente três alunos não tentaram conversar. Nas últimas semanas, só 4 alunos recorreram a uma língua-vector na escrita, mas quase todos se expressaram em inglês como último recurso na prática da oralidade. A nível de compreensão oral, houve significativas melhorias, com uma comunicação mais fluida e carenciada de menos pausas ou explicações.

O segundo semestre manteve a inclinação do primeiro, com todos os alunos a escreverem em português a partir de Janeiro e apenas uma aluna a não conversar em português – algo que viria a acontecer até ao final do ano, apesar das nossas tentativas e recomendações nesse sentido. O inglês foi sendo arredado da comunicação, sendo unicamente usado no sentido de clarificar certas expressões. A partir de Fevereiro, deixou de ser usado como língua-vector na escrita. Esta evolução levou a que, no final

do ano lectivo, apenas um aluno manifestasse sérias dificuldades de compreensão do português falado.

Não quer isto, de todo, dizer que os alunos tenham dominado a língua portuguesa num ano: a comunicação permaneceu sempre num nível bastante elementar, e os alunos cometeram (e ainda cometem) erros naturais quer na produção escrita, como na produção oral; mesmo a nível de compreensão, apenas alguns alunos conseguem acompanhar um discurso mais fluído e interpretar textos mais difíceis; não desconsiderando a franca evolução nos diversos domínios de competências, a maior evolução reside na perda de inibições por parte dos alunos, que lhes permitiu começar a arriscar e, através dos erros, aprender mais.

2.3.2. Análise dos questionários

Uma parte importante do segundo grupo de questões do nosso questionário incidia no *feedback* às matérias académicas. Na questão 3, que marcava o início desta averiguação de opiniões, quando questionados sobre o que achavam das disciplinas, à excepção de um aluno que se limitou a fazer a lista de disciplinas que tinha completado – o que indica a sua incompreensão do âmbito da pergunta, motivo pelo qual desconsiderámos a sua resposta -, os restantes alunos afirmaram ou gostar das disciplinas ou achá-las qualitativamente satisfatórias.

Na questão seguinte, referente às disciplinas mais geradoras de dificuldades, 50% dos inquiridos escolheram Instituições Políticas e Sociedade, 40% História de Portugal e 10% optaram por Português. Quanto aos motivos na génese destas dificuldades, analisados aqui em valores absolutos por uma questão de facilitarem a compreensão da realidade, e começando pela disciplina de Português, um aprendente afirmou que, como as outras unidades curriculares se baseiam na compreensão do português, um aproveitamento insuficiente na disciplina de Português põe em causa a compreensão das restantes disciplinas. No que diz respeito a História de Portugal, 3 alunos mencionaram a quantidade de matéria, e 1 mencionou dificuldades com vocabulário. Por fim, a disciplina de Instituições Políticas e Sociedade gerou dificuldades devido ao ritmo de discurso (2 respostas), dificuldades com o vocabulário (2 respostas) e quantidade de matéria (uma resposta). Um aprendente disse meramente que essa disciplina era difícil, sem apresentar justificação para tal.

No que toca à escolha de disciplina favorita, a de Português foi mencionada por 50%, a de Geografia da Europa por 20%, a de Tradução por 10% e uma das disciplinas de Geografia, não especificada, por outros 10%. Português granjeou popularidade pela aprendizagem de conteúdos gramaticais (3 menções), pela utilidade da disciplina (uma menção), pelo interesse da disciplina (uma menção) e pela qualidade do professor (duas menções). Geografia da Europa foi considerada uma disciplina interessante (uma resposta) e dada por um bom professor (uma resposta). Quanto a Tradução, esta também foi considerada uma disciplina interessante (uma resposta). Por fim, Geografia, não especificada se de Portugal ou da Europa, foi considerada uma disciplina fácil (uma resposta). Desconhecemos, porém, a razão que explicite a facilidade dessa disciplina: se relativa ao plano curricular, ou se relativa à qualidade do docente.

Passando para as disciplinas de menor preferência dos alunos, 30% dos alunos não conseguiram ou não quiseram optar por uma das disciplinas. 50% dos alunos revelaram gostar menos de Instituições Políticas e Sociedade, 10% escolheram Tradução e 10% escolheram História de Portugal. Instados a justificar a sua posição, os alunos apontam a dificuldade das disciplinas (3 menções para Instituições Políticas e Sociedade, 1 para História de Portugal), a má nota na disciplina (uma menção para Instituições Políticas e Sociedade) e o desinteresse pela disciplina (duas menções para Instituições Políticas e Sociedade e uma para Tradução).

Por fim, quando pedimos aos alunos para proporem alterações ao actual programa de estudos, obtivemos respostas muito diversas: 30% dos alunos sugeriram o fim da disciplina de Instituições Políticas e Sociedade (por desinteresse na disciplina e pela dificuldade da mesma), 20% dos alunos pediram mais aulas ou mais horas de aulas (por considerarem as aulas insuficientes para a aprendizagem de português), 10% solicitaram mais oralidade na disciplina de Português, 10% indicaram a necessidade de mais horas de gramática (pela importância da gramática), 10% disseram não ter nada a sugerir, outros 10% pediram menos horas de aulas (devido ao peso dos trabalhos de casa) e os restantes 10% pediram uma concentração do horário (para libertar tempo).

Os questionários parecem, assim, corroborar algumas das observações feitas ao longo do ano lectivo, expostas no subcapítulo anterior: a satisfação derivada das disciplinas de Português e de Geografia da Europa, cujos conteúdos são considerados interessantes ou pertinentes, contrapõe-se a frustrações e dificuldades diversas noutras disciplinas, sobretudo no que concerne às unidades curriculares de Instituições Políticas e Sociedade e História de Portugal.

As sugestões dos alunos, para além de reforçarem a aparente insatisfação com a disciplina de Instituições Políticas e Sociedade, são indicadoras de uma necessidade generalizada de reforço da carga horária do programa, sobretudo no que diz respeito ao estudo da língua portuguesa (nomeadamente, através de um reforço das competências gramaticais e orais).

A ideia de necessidade de reforço da carga horária e dos conteúdos programáticos relacionados com as competências linguísticas também fica patente pelo facto de 45% dos inquiridos terem procurado um emprego em regime de tempo parcial, quer para ganharem experiência profissional como para praticarem o português nos seus postos de trabalho (como se infere pelas respostas à pergunta 11 do segundo grupo do questionário).

2.3.3. Análise das entrevistas

Os testemunhos dos nossos informantes-chave complementam as informações obtidas pelas restantes vias, completando o retrato dos subcapítulos antecedentes. Carla Borges, descrevendo o curso livre de Língua Chinesa que frequentou na Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin (UEET), refere uma divisão do mesmo em disciplinas apenas referentes ao ensino da língua em todas as suas competências – Leitura (Extensiva e Intensiva), Conversação, Compreensão Oral, Escrita e Audiovisual. A experiência de ensino de língua chinesa como língua estrangeira é, assim, similar à do ensino de línguas estrangeiras para alunos chineses – podendo haver, naturalmente, uma expectativa por parte dos alunos que a situação seja similar noutros contextos, nomeadamente o português.

Apesar de haver uma segregação dos alunos estrangeiros no curso – estes frequentam aulas separadamente dos alunos chineses –, o ambiente académico é

propício ao diálogo intercultural: «*Sem sabermos, acabamos com colegas dos quatro cantos do Mundo. Dos Estados Unidos à Europa, América Latina, Ásia Central, Coreia e Japão*». Para além da prática diária e constante da língua chinesa em situações do quotidiano, o chinês acaba por funcionar como a *lingua franca* no seio da UEET, permitindo a comunicação entre todos os alunos e ajudando ao desenvolvimento às suas competências orais de discurso. A nossa informante diz, inclusivamente, que «o [seu] nível evoluiu mais em 6 meses do que em três anos seguidos a estudar Chinês em Portugal».

Tendo em conta que, após as duas semanas de estadia na Residência Fraústio da Silva, os alunos são impelidos a procurar soluções permanentes de habitação mais próximas da faculdade, há um natural isolamento dos estudantes de Dalian nos períodos pós-lectivos, não havendo um ambiente tão propício a esta necessidade de diálogo constante e de prática das competências comunicativas do discurso – neste caso, em língua portuguesa.

O nosso outro informante-chave fornece-nos dados sobre o estado de preparação dos alunos à chegada a Portugal, as reacções relativas à experiência de intercâmbio e a evolução das competências linguísticas dos alunos.

No que diz respeito ao primeiro aspecto mencionado, Gonçalo Dias diz-nos que, no final do 1º ano de licenciatura, os alunos encontram-se entre os níveis A1 e A2 nas diversas competências de língua, com uma maior evolução das pertinentes à escrita face às orais. Posteriormente, o informante-chave indica-nos que «a maioria dos docentes de cá – nos quais me incluo – pensa que é demasiado cedo irem para Portugal no final do 1º ano», nomeadamente devido ao próprio programa de estudos: «[a] própria estrutura do curso que encontram em Portugal (...) é bastante diferente do que encontram aqui, sobretudo se pensarmos que conteúdos como “História” e “Geografia” são apenas leccionados no 3º ano, e com as condicionantes que referi anteriormente».

A nível de evolução das competências linguísticas, apesar da «variação interpessoal [ser] demasiado grande para poder estabelecer um padrão», e de haver «um desenvolvimento mais notório na compreensão e produção orais», «não há uma diferença significativa nas competências gerais entre os alunos que ficaram e os que

regressaram». Dias atribui esta realidade às diferenças de investimento no estudo de cada aprendiz.

Por fim, quanto às opiniões acerca da componente académica do programa de estudos, o informante diz-nos que este não é muito positivo: apesar de os alunos gostarem de Lisboa, da liberdade e qualidade de vida da cidade e da hipótese de poderem viajar por Portugal e pela Europa, «[a] *parte menos positiva é a sua experiência enquanto alunos, onde a crítica mais comum é “percebo muito pouco do que dizem nas aulas”, dando a entender que a experiência formal de aprendizagem é pobre quando comparada com a experiência informal – aprender através da acção em contextos diversos, seja numa ida ao Supermercado, ou a trabalhar num estabelecimento comercial*».

Este *feedback* vai de encontro aos dados veiculados nos subcapítulos anteriores: parece haver alguma insatisfação dos alunos com a sua experiência em contexto de aula, nomeadamente por dificuldades de compreensão dos conteúdos lectivos em algumas unidades curriculares. Na posse destas informações diversas, assume-se como particularmente urgente reanalisar a abordagem lectiva, no sentido de proporcionar uma experiência formal de ensino mais próxima das necessidades e capacidades dos alunos.

2.4. Integração cultural

2.4.1. Observações de campo

A integração dos alunos de Dalian num contexto cultural diferente daquele a que estavam habituados deu-se, pesem embora as devidas variações individuais, de acordo com processos relativamente próximos aos expostos no subcapítulo 1.3.3..

O primeiro momento de choque cultural deu-se à chegada ao aeroporto da Portela: quando cumprimentámos uma aprendiz com dois beijos na face, houve um afastamento físico de todas as restantes alunas, algumas rindo do sucedido, outras assumindo uma postura de espanto. No caso masculino, problemas desta índole nunca foram levantados, apesar da ocasional preferência por uma saudação meramente verbal. No primeiro mês de estadia, apenas uma aluna viria a adaptar o seu comportamento neste âmbito conforme os hábitos portugueses.

Dizer que praticamente tudo era motivo de fascínio nos primeiros dias não nos parece exagerado: numa primeira ida a um supermercado, os alunos olhavam em seu redor com ar intrigado, questionando o que viam e tirando fotografias a produtos que achavam curiosos; na chegada à faculdade, e como dissemos num subcapítulo anterior, os alunos sorriam e registavam, nos seus telemóveis, pessoas que achavam por algum motivo exóticas; em passeios diversos pela cidade, os alunos comentavam, sem juízo de valor, a pequena dimensão da mesma comparativamente à realidade chinesa.

Pouco tempo depois, começaram a surgir as primeiras dificuldades de integração, nomeadamente reacções de estranheza e de incompreensão face a realidades locais: a gastronomia portuguesa foi tida como pouco apelativa; alguns alunos tinham dificuldades em aperceber-se do valor do dinheiro em Portugal, reagindo com desagrado ao facto de as máquinas automáticas ou não aceitarem ou não terem troco para certos montantes (como notas de 500 euros); as regras de etiqueta em transportes públicos também deram azo a alguns desentendimentos – por exemplo, alguns alunos reagiram com frustração a uma advertência de uma cidadã idosa, por estarem sentados em lugares reservados para pessoas com dificuldades de mobilidade; a elevada frequência e razão das greves de transportes em Lisboa começaram a ser colocadas em causa.

Paralelamente, o desejo de perpetuação de certos hábitos chineses contribuiu para o adensamento dessa sensação de deslocamento: a lógica de organização em grandes ajuntamentos de pessoas (em vez de filas) foi diversas vezes censurada pelos portugueses, para frustração dos alunos; o desejo de gastronomia chinesa próxima daquela a que estavam habituados levou a algumas experiências de desencantamento com a qualidade dos restaurantes lisboetas.

Nas semanas seguintes, nomeadamente nos meses de Outubro e Novembro, assistimos a uma continuação destas tendências, nomeadamente com as primeiras manifestações de saudades da China. As dificuldades burocráticas e académicas registadas, e abordadas em capítulos anteriores, constituíram também, e por si, entraves à integração dos alunos.

Em Dezembro, todavia, verificámos algumas alterações comportamentais, sendo a questão dos cumprimentos particularmente relevante: até Novembro, apenas

uma aluna aceitava ser cumprimentada com dois beijos no rosto; em Dezembro, várias alunas não só aceitaram a prática, como tomaram iniciativa nesse sentido – e, durante um jantar de final de semestre, ofereceram inclusivamente um abraço. Questionámos três alunas que se recusavam a seguir esse cumprimento – e que assim se mantiveram até ao final do ano lectivo – sobre o porquê dessa recusa. A resposta de uma dessas alunas, à qual as restantes anuíram foi: «*Não é estranho, mas não gosto*». Assim, percebemos que se tratava, não de uma questão apenas cultural, mas uma questão de personalidade das alunas – tal como também há muitos portugueses que não gostam de contacto físico nos seus cumprimentos, estas alunas não apreciam demonstrações públicas de afecto, não sendo menos cordiais ou afáveis por terem essa preferência.

Podia ter-se dado o caso do cumprimento através do abraço ter sido ocasional, mas foi uma tendência nos meses subsequentes. Janeiro foi um mês de continuação desta adaptação. A generalidade dos alunos estava muito mais ciente da sua conduta: exemplo disso reside na utilização dos meios de transporte público – após um aluno se ter sentado num lugar reservado, outro advertiu-o; noutra situação, um aluno cedeu o seu lugar a uma senhora de idade. Este tipo de comportamento foi sendo verificado continuamente durante o resto do ano e para vários alunos, o que é revelador de uma maior noção da conduta social adequada para diferentes contextos.

Em diversas conversas com os alunos sobre a vida em Portugal, ocorridas durante o mês de Janeiro, estes revelaram gostar bastante da cidade, sobretudo do ritmo de vida mais calmo, do ambiente mais relaxado e, genericamente falando, da qualidade de vida em Portugal.

Tendo esmorecido o entusiasmo, no seu lugar começou a delinear-se uma opinião mais fundamentada, ainda assim positiva, sobre a cidade e o país.

Continuaram a assinalar-se motivos de queixa e desânimo, nomeadamente relacionados com a cultura sindical portuguesa e com a ocasional ineficiência de certos serviços em Portugal. As saudades de casa também sofreram um incremento, particularmente com a aproximação ao final do ano lectivo. Todavia, estas dificuldades rapidamente foram ultrapassadas pelos alunos.

No mês de Abril, no âmbito de um esclarecimento de dúvidas sobre a cidade de Lisboa, uma aluna disse-nos «*Não faz mal, já há o hábito*». Esta frase, aparentemente inócua, é reveladora de uma consciência de adaptação ao espaço. Ouvimos outra frase semelhante no mês de Maio e, apesar de escapar ao âmbito das observações para esta dissertação, voltámos a escutar expressões similares já no decurso do mês de Setembro. No seu todo, estas manifestações patenteiam uma moldagem incipiente dos alunos ao contexto cultural português.

Esta adaptação, abordada aqui em termos genéricos da turma, não se encontra concluída ou numa fase de estabilidade. Possivelmente, o maior entrave à integração cultural dos alunos da ULED, registado continuamente ao longo do ano lectivo anterior e ainda não superado, prende-se com um grande desfasamento entre os alunos e a cidade – apesar de alguns alunos já mencionarem amigos portugueses, há uma tendência de manutenção da coesão de grupo fora das aulas, com os alunos a conviver quase exclusivamente com outros elementos da turma ou pessoas da mesma nacionalidade. A maioria dos alunos reside em habitações relativamente próximas, vai para as aulas em pequenos grupos, sai das aulas em aglomerados similares ou idênticos, passa os tempos extracurriculares ou sozinho, ou com amigos destes círculos. Mesmo no que diz respeito à procura de empregos em *part-time*, todos os empregos estavam de alguma forma relacionados com a China. Fugindo ao âmbito temporal desta dissertação, mas numa referência relevante para o tema em análise, este ano, quase todos os alunos optaram por disciplinas de opção livre idênticas às dos seus amigos, sendo quase possível, mesmo não os conhecendo, traçar os laços de amizade que os unem.

O desejo de proximidade aos amigos, sobretudo num contexto cultural (e mesmo linguístico) estranho, é perfeitamente natural. Contudo, há muito pouca abertura para a inclusão de novos elementos nesses grupos. A lógica chinesa dá primazia à *colectividade*, mas esse colectivo é maioritariamente composto por membros culturalmente familiares, sendo muito impermeável à interferência de elementos estranhos.

Paralelamente, há também um desfasamento entre a cidade e os alunos. Apesar de não terem sido observados e analisados sistematicamente no espaço da

nossa dissertação, registámos uma dose mais do que assinalável de comportamentos xenófobos, por vezes em manifestações conscientes de preconceito (insultos dirigidos aos alunos, visando única e exclusivamente a sua nacionalidade), mas sobretudo em revelações mais inconscientes do mesmo (de que é exemplo o aproveitamento da barreira linguística, por parte de pessoas responsáveis por postos burocráticos, para fazer troça dos alunos – algo que verificámos um número significativamente grande de vezes para ser digno de apontamento).

Concluindo este registo de observações, podemos considerar que o processo de adaptação está a avançar a um bom ritmo, mas estamos longe de poder falar da existência de uma estabilização – a quarta etapa de adaptação cultural (Ryan & Twibell, 2000).

2.4.2. Análise dos questionários

Pela análise aos questionários, obtemos informações próximas daquelas presentes no subcapítulo anterior. Nas duas primeiras questões do segundo grupo, referentes à estadia em Portugal, os alunos revelam os aspectos positivos e negativos da sua vivência no último ano. Quase todas as menções dos alunos apontam no sentido de aspectos culturais: as pessoas (27%), o ambiente (27%), as paisagens e a cidade de Lisboa (18%), a História e a Cultura portuguesas (18%) e a gastronomia (18%). Apenas alguns alunos escolheram aspectos aparentemente não culturais: o clima (18%) e os preços praticados no país (9%). De uma forma relativamente simplista, podemos dizer que os alunos ganharam um apreço por diversas manifestações da cultura portuguesa.

No que diz respeito aos aspectos menos gostados pelos alunos, as greves de transportes frequentes são apontadas como o principal aspecto negativo (27%). 18% dos alunos disseram não ter nada de negativo a apontar, o que é talvez indiciador de uma postura de “*salvar a face*” (*mianzi*) relativamente aos organizadores do questionário. Outros 18% referiram o clima (em particular os dois extremos de tempo soalheiro e de chuva). Com a mesma percentagem, temos a referência à sujidade das ruas (lixo no chão, por exemplo). Os horários das superfícies comerciais em Portugal e a política surgem em último lugar, *ex aequo*, com 9%. Há poucas referências culturais entre as escolhidas pelos alunos, o que corrobora o que foi dito anteriormente.

Na pergunta 8 do segundo grupo, respeitante ao desejo de regresso a Portugal, 91% dos alunos responderam afirmativamente, e 9% no sentido contrário. A justificação para a falta de desejo de regresso a Portugal prendeu-se com a existência de mais oportunidades em solo chinês.

Quanto aos motivos na génese da vontade de regresso a Portugal, 50% dos alunos mencionaram o gosto pelo país, pela cidade e pelo seu ambiente; 30% a possibilidade de aprendizagem de língua e de interacção com as pessoas; 10% referiram as amizades em Portugal (não especificando nacionalidades); outros 10% ofereceram uma justificação que, apesar de não entendermos na totalidade, considerámos para efeitos estatísticos. Assim, a maioria dos alunos deseja voltar por gostar do ambiente lisboeta. Uma minoria deseja prosseguir a aprendizagem de língua e manter os laços de amizade em Portugal.

Na pergunta seguinte, respeitante às aprendizagens dos alunos em solo português, 91% dos alunos mencionaram a aprendizagem de língua portuguesa; 46% referiram ter apreendido costumes e aspectos culturais portugueses; 18% aprenderam a cozinhar; e 18% disseram ter aprendido a travar amizades com os portugueses. Esta questão revela, mais uma vez, uma consciência de adaptação incipiente à cultura portuguesa.

Na questão subsequente, sobre aspectos passíveis de melhoria – já aqui analisada no que concerne à melhoria de aspectos de habitação, opinião mais reiterada, a par da melhoria de aspectos académicos, cada uma com 36% dos votos – 18% dos alunos mencionaram o desejo de mais independência como um aspecto importante. Quer isto dizer que, para além de os alunos começarem a tomar a consciência da sua adaptação a Portugal, começam também a aperceber-se da sua dependência de terceiros para desempenharem muitas das tarefas requeridas.

Passando para a procura de emprego, confirma-se a observação feita anteriormente: dos 45% de alunos que procuraram emprego, todos o encontraram em empresas chinesas, o que revela uma lógica de procura de contextos próximos do conforto.

No que diz respeito às actividades que os alunos sentem que ficaram por realizar, quase todas são de índole cultural: 55% dos inquiridos revelaram desejar viajar, preponderantemente através de visitar a cidades do Centro e do Norte do país; 18% desejavam ir assistir a um jogo de futebol; 9% queriam ir a museus; 9% não tinham ido a uma casa de fado; os últimos 9%, fugindo deste âmbito cultural, planeavam tirar a carta de condução.

Em relação às duas últimas perguntas, e como antecipado na metodologia, optámos por não as tratar estatisticamente, mas sim descrever as experiências dos alunos conforme estas são relatadas. Inquiridos sobre o tratamento a que foram sujeitos em Portugal pelas pessoas que cá habitam, os alunos uniformemente tecem elogios à maioria dos portugueses – «*educados*», «*simpáticos*», «*animados*», «*bons*», «*amigáveis*» são alguns dos adjectivos usados para descrever os portugueses. Contudo, e tendo em conta o facto de o questionário ter partido da iniciativa de portugueses, por uma questão de *mianzi* era natural que os alunos nos respondessem com variantes desta ideia.

Não descurando as restantes respostas, achamos mais intrigantes duas em particular, por deixarem antever algumas experiências negativas com portugueses. Um dos alunos diz-nos que «*A maioria das pessoas são simpáticas e amigáveis*». A palavra-chave nesta frase é «*maioria*». Nem todas as experiências foram agradáveis, mas a *maioria* foi. Isto vai de encontro ao que dissemos anteriormente, nomeadamente no que diz respeito ao desfasamento entre a cidade e os alunos. Outro aprendente reforça esta mensagem: «*As pessoas na faculdade são muito boa [sic]! É impossível sempre estar entre pessoas boas. Não tenho coração de vidro, por isso não é coisa grande*». Mencionando especificamente as pessoas da faculdade (aqui, talvez, por uma questão de *mianzi*), o aprendente faz questão de dizer que é impossível estar sempre entre pessoas boas. A maneira como o aprendente coloca a questão antecipa uma quantidade considerável de episódios desagradáveis com portugueses – e o que pode estar relacionado com aspectos de xenofobia, aludidos no subcapítulo anterior.

A última pergunta do questionário visava saber se os alunos tinham percebido alguma mudança interna no decurso do ano lectivo. A esmagadora maioria das respostas foi no sentido positivo – um aprendente diz-nos que passou a

respeitar regras de trânsito e a não sair à noite; vários alunos dizem que ficaram mais maduros com a experiência de vida lisboeta; outros referem a importância de viver sozinho num país estrangeiro; um aluno diz que ultrapassou o seu medo de falar com portugueses por achar o seu nível linguístico insuficiente. Há uma consciencialização, praticamente transversal aos alunos, da existência de mudanças nas suas vidas no último ano. Mais uma vez, todavia, um dos alunos contraria a maré dizendo que « *Não, acho que água só muda quando encontra as rochas. A vida em Lisboa é suave* ». Em qualquer processo de integração cultural, não podemos desconsiderar as características de personalidade intrínsecas aos indivíduos – a cultura é uma programação mental, mas também o é a personalidade. Por muito próximas que sejam as experiências, há sempre espaço para variação pessoal.

2.4.3. Análise das entrevistas

Os nossos dois informantes-chave têm opiniões positivas sobre as respectivas experiências na China. Gonçalo Dias diz-nos que, não obstante a sua licenciatura e o seu mestrado em Estudos Asiáticos, « *a China é um país surpreendente* ». Um dos principais aspectos diferenciadores que marcou a estadia de Dias na China foi a lógica diferente de resolução de problemas, muito menos burocratizada e organizada que em Portugal. De acordo com Dias, há que aprender a deixar que « *as coisas [fluam]* ». O respeito e cordialidade dirigidos aos professores também foram encarados com especial apreço pelo nosso informante. Dias sente fazer parte de uma grande aposta chinesa no campo da Educação, uma aposta que visa conferir mais argumentos à China a nível competitivo; a nível pessoal, considera-se realizado e grato, pois não só gosta do que faz, como sente que a sua presença é desejada. Assim, a China é já uma « *segunda casa* » para o nosso informante.

Borges completa o que Dias nos indicou. A nossa informante-chave, também ela licenciada em Estudos Asiáticos, diz-nos que a China « *é uma realidade diferente* » da portuguesa, a começar pelas casas-de-banho, passando pela lógica de organização em amontoados de pessoas e acabando no ritmo de vida totalmente distinto. Questionámos Borges acerca de quaisquer mudanças que tenha sentido na sua estadia em solo chinês. A sua opinião foi de encontro à transmitida pelos alunos nos questionários e por nós observada: o afastamento das zonas de conforto, o isolamento

da família e amigos e o novo contexto cultural fizeram-na crescer. Foi lá, diz-nos, que viveu alguns dos seus momentos mais felizes, mas também alguns dos mais difíceis.

A experiência de estudo noutra país, de acordo com Borges, trouxe-lhe mais independência, mais curiosidade e maleabilidade a novos contextos, bem como a vontade de experienciar outras realidades. Hoje, Borges olha para a China com nostalgia, usando também, e curiosamente, a expressão «*segunda casa*» para descrever o país.

Por estes dois relatos, concluímos que, para ambos os casos, a China foi um local de redescoberta, crescimento e concretização pessoais. Apesar de haver choques culturais inevitáveis, há uma gratidão subjacente aos dois discursos, relativa às respectivas experiências em solo chinês.

Conclusões

“Temos, sobretudo, de aprender duas coisas: aprender o extraordinário que é o mundo e aprender a ser bastante largo por dentro, para o mundo todo poder entrar.”

Agostinho da Silva [citado por Magalhães (2010, p. 6)]

Começámos esta dissertação com uma citação atribuída a Confúcio, um dos maiores pensadores da China Antiga. Considerando o diálogo sino-português que tentámos estabelecer nas páginas antecedentes, achamos pertinente concluir esta dissertação com uma citação de um dos mais ilustres pensadores da contemporaneidade portuguesa, Agostinho da Silva.

Agostinho da Silva, nesta sua reflexão sobre a educação, realça dois aspectos que têm de ser aprendidos pelo ser humano: em primeiro lugar, a compreensão da vastidão e encanto do mundo em que vivemos; em segundo lugar, o desenvolvimento de uma grande abertura de espírito, que nos permita apreender a grandeza do mundo. Após um ano de contacto com «*amigos que [vieram] de longe*» (Confúcio, 2008, p. 1), durante o qual pusemos em prática – e em causa – o conhecimento teórico previamente assimilado, apercebemo-nos que o mundo em que vivemos é ainda mais extraordinário do que pensávamos; os nossos horizontes foram expandidos por esta experiência de contacto com uma nova realidade.

i. Síntese geral do estudo empírico

À chegada a Portugal, os alunos da ULED depararam-se com múltiplas e novas realidades, que foram sendo geridas e ultrapassadas durante o primeiro ano de estadia. Numa primeira etapa, o cumprimento de um manancial de obrigações burocráticas perfilou-se como um motivo de preocupação e fonte de *stress* (Ryan & Twibell, 2000). Pese embora o seu acompanhamento tutorial em questões desta índole, os alunos evidenciaram inquietação com os procedimentos legais, em parte justificado pela fraca articulação de informação entre os diferentes organismos, geradora de informações incongruentes, e igualmente devido a uma ansiedade expectável em processos deste género. Findo o período de maior volume de burocracia, que se deu em torno do início

do segundo semestre, os alunos assumiram uma postura muito mais tranquila, mesmo perante outras obrigações legais que se sucederam.

As preocupações académicas foram mais acentuadas no primeiro semestre. Apesar de os alunos muitas vezes evitarem falar sobre as suas frustrações, designadamente por uma questão de *mianzi* (Seligman, 1999), fomos nos apercebendo de um crescente desassossego com algumas das disciplinas, posteriormente verbalizado. A disciplina de Português assumiu-se como a única amplamente elogiada pelos alunos; as restantes foram encaradas com alguma ansiedade, sobretudo devido à incapacidade de acompanhamento das aulas, quer pelo leque de conceitos teóricos em causa, quer por dificuldades diversas a nível de vocabulário. No segundo semestre, registámos um maior desembaraço dos alunos no contexto académico. Entre outras sugestões para a melhoria do programa, salientamos a ideia de reforço da carga horária, especialmente no que diz respeito à gramática e à oralidade. A falta de espaços destinados à prática da conversação é, aliás, usada como motivo para a procura de empregos em Portugal – algo que, a nível académico, pode ser contraproducente.

Concomitantemente aos enquadramentos burocrático e académico, os alunos iniciaram o seu processo de adaptação cultural (Ryan & Twibell, 2000). Não desconsiderando os diferentes ritmos dos alunos, atribuíveis às suas personalidades características (Hofstede, 2010), registámos, *grosso modo*, as três primeiras fases de adaptação – um estágio de fascínio com a realidade portuguesa; uma fase de reinterpretção do contexto real, com um subsequente desencantamento; e uma etapa de início de alterações comportamentais, visando uma adaptação mais eficaz ao meio envolvente. A adesão gradual dos alunos às saudações e cumprimentos portugueses e noções crescentes de trato e etiqueta sociais aludem a esta adaptação lenta a um contexto cultural totalmente diferente do de origem.

Contudo, é ainda precoce referirmo-nos a uma estabilização: havendo alguns indícios nesse sentido, de que são exemplo as menções a amigos portugueses e a uma habituação ao país, certo é também que há um grande desfasamento entre os alunos e a cidade, derivado sobretudo de uma manutenção da coesão de grupo em contextos exteriores ao do *campus* – numa réplica da lógica de colectivo, central à cultura

chinesa. Para além disso, e de uma forma transversal aos diferentes vectores de observação, concluímos que os alunos ainda não são autónomos, dependendo muito da ajuda de terceiros para conseguirem viver em Lisboa.

ii. Resposta à questão de partida

No início desta dissertação, definimos uma questão de partida: ao fim de um ano de vivência em território português, poderemos considerar um estudante universitário chinês como culturalmente integrado em Portugal? Tendo por base os dados da investigação, somos impelidos a oferecer uma resposta negativa. Os alunos não se encontram na fase de estabilização comportamental proposta por Meireles (2008) e, de acordo com a nossa concepção de integração cultural, isso significa que não se encontram culturalmente integrados em Portugal.

Todavia, todos os alunos, cada um com as suas particularidades e respostas únicas (Hofstede, 2010), continuam a moldar os seus comportamentos à nova realidade cultural em que vivem, começando a referir-se a determinados aspectos como rotineiros – pelo que, se pudéssemos dar uma resposta mais oblíqua à questão, esta seria algo como *“não, mas estão a caminhar nesse sentido”*. Há sinais positivos e problemas ainda por resolver. Se conseguirmos resolver esses problemas, talvez daqui a um ano consigamos inverter o sentido desta resposta.

iii. Considerações finais e recomendações

Ao longo desta dissertação, levantámos uma série de problemas com que os alunos se depararam no seu percurso em Portugal. Consideramos pertinente avançar com algumas sugestões no sentido de debelar essas dificuldades:

1. A nível académico, para além de uma eventual reavaliação dos conteúdos do programa de estudos, para uma maior aproximação às necessidades dos alunos – como, por exemplo, uma aposta reforçada na carga horária, em conteúdos gramaticais e na prática da oralidade –, urge sobretudo repensar as abordagens pedagógicas em contexto formal de aula, para que estas se coadunem com as competências linguísticas dos alunos.
2. A nível burocrático, a principal questão passível de ser resolvida está relacionada com a procura de residências académicas mais próximas do

campus da FCSH – algo que, para além do factor de conveniência, pode ser importante a nível cultural.

3. A nível de integração cultural, é apenas possível criar condições para que esta eventualmente germine: a aposta no enquadramento dos alunos em residências universitárias próximas do *campus* seria propícia a um maior e mais constante diálogo entre os alunos da ULED e outros alunos, quer portugueses como estrangeiros; a promoção de eventos, na faculdade, de divulgação da cultura chinesa (co-)organizados pelos alunos, poderia estimular o diálogo entre estes e o restante corpo discente; a realização de mais visitas de estudo, por Lisboa e por outras cidades portuguesas, pode gerar apreço por diferentes aspectos da cultura local.

A prossecução da investigação nesta área, para além de ser cientificamente enriquecedora, pode contribuir para a identificação de outros problemas e posterior resolução dos mesmos. Há muito ainda por estudar, por explorar, por dizer. Aliás, consultando os anexos, facilmente nos apercebemos que, inclusivamente nesta dissertação, alguns aspectos mencionados carecem de menção ao longo do texto – por limitações inerentes a uma dissertação de mestrado. Mantivemo-los em anexo também no sentido de poderem ser usados como referência em trabalhos futuros.

Este ano, uma nova turma de alunos da ULED chegou à FCSH/NOVA: será pertinente, por exemplo, comparar a experiência destes alunos com a dos alunos do ano transacto, e perceber quais as grandes convergências, que aspectos são pertinentes apenas a uma das turmas, quais os problemas comuns a ambas. Mas há outras perguntas, mais genéricas, que também requerem investigação: qual o grau de integração cultural de alunos universitários chineses noutras instituições portuguesas? E, no que concerne ao mesmo fenómeno em instituições de outros países lusófonos, quão bem-sucedida é a experiência? Comparativamente com outros programas análogos, de que é exemplo o Erasmus, qual o nível de enquadramento dos alunos?

Esperamos, com esta dissertação, lançar o mote para futuras contribuições académicas neste domínio; e esperamos, após esta dissertação, continuar a fazer parte da discussão.

Referências bibliográficas

Adler, N. (1997). *International Dimensions of Organizational Behavior* (3ª ed.). Ohio: South-Western College Publishing.

Almeida, M. (2013, Primavera-Verão de). Macau - Património Mundial da Humanidade: 500 anos de amizade luso-chinesa (1513-2013). *Portu-nês*, (3). Obtido de <http://www.portunes-online.com/Magazine/index.php/Index/details/id/11>

Arnold, M. (1882). *Culture and Anarchy* (3ª ed.). Nova Iorque: Macmillan and Co. Obtido de http://www.library.utoronto.ca/utel/nonfiction_u/arnoldm_ca/ca_titlepage.html

Bardin, L. (2000). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Berg, B. L. (2001). *Qualitative research methods for the social sciences* (4th ed). Boston: Allyn and Bacon.

Bucknall, K. B. (1999). *Chinese business etiquette and culture*. Raleigh, NC: Boson. Obtido de <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&scope=site&db=nlebk&db=nlabk&AN=64147>

Confúcio. (2008). *Os Analectos*. Lisboa: Publicações Europa-América.

Conselho da Europa. (2008). *Livro Branco sobre o Diálogo Intercultural «Viver Juntos em Igual Dignidade»*. Estrasburgo.

Dresser, N. (2005). *Multicultural manners: essential rules of etiquette for the 21st century* (Rev. ed). Hoboken, N.J: John Wiley & Sons.

Elliott, J. (1991). *Action Research for Educational Change*. Filadélfia: Open University Press.

Fernandes, C. (2011). Contributo de Angola para a Segurança Energética Chinesa. *Nação e Defesa*, (128).

Ferreira, C. (2014, Maio 18). Cavaco em visita à China: 29 acordos assinados. *Público [Online]*. Obtido de <http://www.publico.pt/economia/noticia/cavaco-silva-faz-um-balanco-muito-positivo-da-sua-visita-a-china-1636454>

Gorjão, P. (2012, Janeiro). Portugal and China: The Rise of a New Strategic Geography? *IPRIS Viewpoints*, (81).

Hofstede, G. H. (2010). *Cultures and organizations: software of the mind: intercultural cooperation and its importance for survival* (3rd ed). New York: McGraw-Hill.

Horta, L. (2014, de Fevereiro de). The Dragon and the Sleeping Crocodile – China and Timor-Leste. *Macau Hub*. Obtido de <http://www.macauhub.com.mo/en/2014/02/08/the-dragon-and-the-sleeping-crocodile-china-and-timor-leste/>

Horta, M. L. S. D. S. (2012). *China's Relations with Portuguese-speaking Countries: A Growing but Unnoticed Relation*. Naval Postgraduate School, Monterey, Califórnia.

Informações do Departamento de Espanhol e Português da ULED. (sem data). Obtido 5 de Abril de 2015, de <http://www.dlufl.edu.cn/en/Schools-Departments//2014-11-10/42341.html>

Informações referentes ao contexto étnico e linguístico na China. (sem data). Obtido 10 de Agosto de 2015, de <http://www.ethnologue.com/country/>

Jesus, C. A. M. de. (1984). *Historic Macao*. Hong Kong ; New York: Oxford University Press.

Krieken, R. van. (2009). *Entre Assimilação e Multiculturalismo: Modelos de Integração na Austrália*. Apresentado na Fórum Gulbenkian Migrações 2009 A crise dos modelos de integração de migrantes: Uma comparação internacional, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Lan, L. (2006). *Internationalization of Chinese Higher Education Through International Academic Collaboration*. Universidade de Aveiro, Aveiro.

Lee, R. M. (2003). *Métodos Não Interferentes em Pesquisa Social* (1^a ed.). Lisboa: Gradiva.

Li, L. (2012, Outubro de). *Social Integration of International Chinese Second Generation of Immigrants*. ISCTE-IUL, Lisboa.

Lista de Institutos Confúcio no Mundo. (2015). Obtido 20 de Agosto de 2015, de <http://confuciusinstitute.unl.edu/institutes.shtml>

Lista de Universidades chinesas e respectivos protocolos institucionais. (2012). Obtido 20 de Agosto de 2015, de http://www.portugalembassychina.com/sections/media/cul_sec/Ensino_Portugues_Lingua_Estrangeira_na_china.doc

Lumet, S., & Rose, R. (1957). *12 Angry Men*. Drama, United Artists.

Magalhães, J. (2010). Agostinho da Silva : A Universidade de Brasília como Escola Normal das Universidades. *Revista de Educação Pública*, 19(39).

Matsumoto, D. R., & Juang, L. P. (2013). *Culture and psychology* (5th ed). Belmont, CA: Wadsworth Cengage Learning.

Ma, W., & Kowsmann, P. (2011, de Dezembro de). China Gets Stake in Portugal's EDP. *The Wall Street Journal*. Obtido de <http://online.wsj.com/news/articles/SB10001424052970204464404577114471370252452>

Meireles, A. (2008). *Integração do Aluno Estrangeiro na China e em Portugal*. Universidade de Aveiro, Aveiro.

Mensagem de Boas-Vindas do Director da FCSH/NOVA. (sem data). Obtido 13 de Agosto de 2015, de <http://fcs.unl.pt/faculdade/mensagem-do-director>

Ning, D. (2012). *A Comunidade Chinesa em Portugal: acerca de atividades económicas, associativismo, integração e a segunda geração*. Universidade do Minho.

Pereira, R. (2014). *Aprender português em Dalian: expectativas de empregabilidade*. Universidade de Aveiro, Aveiro.

Ramos, J. de D. (1990, Março). Relações de Portugal com a China anteriores ao estabelecimento de Macau. *Nação e Defesa*, (53).

Riley, P. (2007). *Language, Culture and Identity – An Ethnolinguistic Perspective*. Londres e Nova Iorque: Continuum.

Ryan, M., & Twibell, R. (2000). Concerns, values, stress, coping, health and educational outcomes of college students who studied abroad. *International Journal of Intercultural Relations*, (24), 409±435.

Seligman, S. D. (1999). *Chinese business etiquette: a guide to protocol, manners, and culture in the People's Republic of China*. New York: Warner Books.

Shanpei, Z. (2010). *O Ensino da Língua Portuguesa na China: Caracterização da Situação Actual e Propostas para o Futuro*. Universidade do Minho, Braga.

Site oficial da FCSH/NOVA. (sem data). Obtido 19 de Abril de 2015, de <http://fcs.unl.pt/>

Soares, M. G. (2013, de Outubro de). Português é a Língua da Moda e do Emprego na China. *Expresso [online]*. Obtido de <http://expresso.sapo.pt/portugues-e-a-lingua-da-moda-e-do-emprego-na-china=f838497>

Sousa Tavares, P. (2015, Abril 27). 500 alunos começam a aprender mandarim nas escolas. *Diário de Notícias*. Obtido de http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=4534158

Spencer-Oatey, H. (2008). *Culturally Speaking. Culture, Communication and Politeness Theory* (2ª ed.). Londres: Continuum.

Stevens, S. G. (2012, Março 1). Chinese Students in Undergraduate Programs: Understanding and Overcoming the Challenges. *Wrap-Up*, 9(1). Obtido de <http://www.nafsa.org/findresources/Default.aspx?id=31133>

Teixeira, R., & Moutinho, R. (2010, Outubro de). O ensino da língua portuguesa em Macau/China: fatos e perspectivas. *SIPLE*, (1). Obtido de http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=149:6-o-ensino-da-lingua-portuguesa-em-macauchina-fatos-e-perspectivas&catid=53:edicao-1&Itemid=91

Todorov, T. (1998). *La Conquista de America – el Problema del Otro*. Madrid: Siglo Veintiuno.

Tylor, E. B. (1871). *Primitive Culture: Researches Into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art, and Custom* (Google Play (a partir do original),

Vol. 1). Obtido de <https://play.google.com/store/books/details?id=AucLAAAAIAAJ&rdid=book-AucLAAAAIAAJ&rdot=1>

Velho, G. (1996). *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Villalobos, L. (2015, Abril 26). Portugal foi o país da UE com maior peso de investimento chinês em 2014. *Público [Online]*. Obtido de <http://www.publico.pt/economia/noticia/portugal-foi-o-pais-da-ue-com-maior-peso-de-investimento-chines-em-2014-1693637>

Whiteway, R. S. (1899). *The Rise of Portuguese Power in India, 1497-1550*. Londres: Archibald Constable & Co.

Yan, Q. (2008). Português Língua Estrangeira no Continente Chinês: Situação Actual e Alguns Aspectos a Melhorar. Apresentado na I Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo.

Yuan, A. (2012). *Frequentar a Universidade: Reflexões Sobre o «Ser Estudante» na China e em Portugal*. Universidade do Minho, Braga.

Yuan, Z., & Água-Mel, C. (2012, Primavera/Verão de). Estudos Portugueses na China. *Portu-nês*, (1). Obtido de <http://www.portunes-online.com/Magazine/index.php/Index/chakan/id/40/pid/5>

Zwick, E. (2003). *The Last Samurai* [DVD]. Acção, História, Warner Bros.

Anexos

Por uma questão de economia textual, os anexos desta dissertação encontram-se no DVD que juntámos à contracapa do documento.

A lista de conteúdos em anexo é a seguinte:

Anexo 1 – Lista de actividades realizadas com os aprendentes chineses

Anexo 2 – Tabelas sistematizadas de observações comportamentais

Anexo 3 – Questionário aplicado aos alunos

Anexo 4 – Respostas ao questionário

Anexo 5 – Valores absolutos das respostas ao questionário

Anexo 6 – Valores relativos das respostas ao questionário

Anexo 7 – Entrevista a Gonçalo Dias, leitor na ULED

Anexo 8 – Entrevista a Carla Borges, ex-aluna de intercâmbio na UEET

Anexo 9 – Guião de entrevista à professora Isabel Pessoa, professora de Português na FCSH/NOVA

Anexo 1 - Lista de actividades realizadas com os aprendentes chineses

Semana de 9 a 12 de Setembro

Dia	Actividades
9 de Setembro	Recepção aos alunos de Dalian no Aeroporto de Lisboa. Acompanhamento de alguns alunos à residência Fraústo da Silva. Primeiros conselhos sobre a vivência em Portugal. Acompanhamento de alguns alunos a um supermercado. Explicação do funcionamento dos transportes junto da residência.
10 de Setembro	Acompanhamento e explicação do percurso entre a residência e a FCSH. Reunião com a coordenadora do programa de intercâmbio e com os professores das disciplinas do 1º semestre. Preenchimento dos formulários de inscrição. Início dos procedimentos para obtenção de um cartão bancário e de um seguro de saúde. Início dos procedimentos para a procura de residências para os alunos
11 de Setembro	Ida ao SEF do CNAI para esclarecimento de dúvidas. Início dos procedimentos para renovação dos vistos. Finalização do preenchimento dos formulários de inscrição e entrega dos mesmos. Apoio a alguns alunos no preenchimento dos formulários de requisição de um passe.
12 de Setembro	Encontro com duas alunas para entrega dos dados de acesso à rede virtual da FCSH. Confirmação das actividades a realizar na primeira semana lectiva. Esclarecimento de algumas dúvidas dos alunos.

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 15 a 20 de Setembro

Dia	Actividades
15 de Setembro	Encontro com alunos do 2º ano, para resolução de problemas. Visita à Baixa de Lisboa cancelada, por condições meteorológicas adversas. Esclarecimento de dúvidas dos alunos referentes às suas residências.
16 de Setembro	Telefonema para um dos senhorios. Acompanhamento dos alunos à aula introdutória de Português, com a professora Isabel Pessoa. Esclarecimento de dúvidas dos alunos. Ida ao Banco, para preenchimento de formulários.
17 de Setembro	Encontro com os alunos na faculdade. Explicação do trajecto entre a FCSH e a Praça de Espanha. Explicação do funcionamento do metro de Lisboa. Apresentação da zona do Rossio e encontro com a professora Teresa Lacerda e com o professor João Pedro Ruivo. Visita à Igreja de Santo António de Lisboa. Visita à Sé de Lisboa. Passagem pelo CEJ e pelo Miradouro de Santa Luzia. Visita ao Castelo de São Jorge. Passagem pelo Chapitô.
18 de Setembro	Encontro com os alunos na faculdade. Visita à Assembleia da República com o professor João Pedro Ruivo. Audiência com o Sr. Deputado Dr. Vitalino Canas, Presidente do Grupo Parlamentar de Amizade Portugal-China. Visita ao Mercado da Ribeira. Convívio com os alunos.
19 de Setembro	Esclarecimento de dúvidas dos alunos. Preparação da recepção à aluna Ye Lu, da Universidade do Hebei.
20 de Setembro	Chegada da aluna Ye Lu, da Universidade do Hebei. Resolução de problemas com as bagagens da aluna. Acompanhamento da aluna à residência Fraústo da Silva. Aconselhamento sobre alguns dos aspectos da vivência em Portugal.

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 22 a 26 de Setembro

Dia	Actividades
22 de Setembro	Encontro com aluna do Hebei para deslocação ao banco e início dos procedimentos para obtenção de um cartão bancário. Contactos, por telefone e <i>e-mail</i> , com alunos. Procedimentos para inscrição de alguns alunos do 2º ano.
23 de Setembro	Continuação dos procedimentos para inscrição de alunos do 2º ano. Esclarecimento de dúvidas de alunos.
24 de Setembro	Redacção de notícia referente à primeira semana de actividades. Avisos referentes à greve de metro do dia seguinte. Contactos com alunos.
25 de Setembro	Preenchimento do inquérito RAIDES. Encontro com aluno do 2º ano para esclarecimento de dúvidas. Contactos electrónicos com alguns alunos, para resolução de problemas.
26 de Setembro	Contactos com alunos e professores, por <i>e-mail</i> .

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 29 de Setembro a 3 de Outubro

Dia	Actividades
29 de Setembro	Contactos com duas alunas para resolução dos problemas referentes à residência. Contactos com a residência Fraústo da Silva.
30 de Setembro	Contactos com os responsáveis pelas residências da UNL. Resolução provisória do problema das duas alunas. Contactos com as duas alunas, para lhes dar a conhecer o novo ponto de situação.
1 de Outubro	Encontro com um aluno do 2º ano para esclarecimento de dúvidas referentes ao seu comprovativo de morada. Contacto com Junta de Freguesia para esclarecimento de dúvidas. Ida ao Banco, para início da resolução da questão do aluno. Esclarecimento do ponto de situação no pagamento de propinas.
2 de Outubro	Marcação de um encontro entre os alunos e a coordenadora do programa de intercâmbio. Contactos com alunos.
3 de Outubro	Contactos com alunos.

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 6 a 11 de Outubro

Dia	Actividades
6 de Outubro	Contactos com professores.
7 de Outubro	Encontro entre a coordenadora do programa de intercâmbio e os alunos para obtenção de <i>feedback</i> . Encontro informal com alguns alunos para prática de conversação em português. Contactos com alunos, por <i>e-mail</i> e mensagens escritas.
8 de Outubro	Deslocação à faculdade para esclarecimento de dúvidas. Contactos electrónicos para esclarecimento de dúvidas dos alunos.
9 de Outubro	Esclarecimento da situação de residência de duas alunas. Resolução de problemas de alguns alunos.
10 de Outubro	Contactos com alunos, por mensagens escritas e <i>e-mail</i> . Contacto com os serviços de alojamento da UNL.
11 de Outubro	Visita a Óbidos, a Alcobaça (e seu mosteiro), ao Mosteiro da Batalha, e a Peniche (campeonato do mundo de surf).

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 13 a 17 de Outubro

Dia	Actividades
13 de Outubro	Contactos com serviço de alojamento da UNL para resolução de situação de uma aluna. Contactos com o SEF para marcação das entrevistas visando a renovação dos vistos. Deslocação à faculdade para resolução de questões dos alunos. Contactos com os alunos para resolução de questões burocráticas.
14 de Outubro	Contactos com alunos do 2º ano, para agendamento da renovação do visto. Conversa informal com alguns alunos. Agendamento de uma reunião com a professora Maria do Carmo e com a professora Cuicui. Esclarecimento de dúvidas e resolução de problemas dos alunos.
15 de Outubro	Esclarecimento de dúvidas referentes a uma aluna da Universidade de Harbin. Contactos com alguns alunos, por mensagem.
16 de Outubro	Contactos electrónicos com alguns alunos.
17 de Outubro	Encontro com aluno do 2º ano para esclarecimento de algumas dúvidas e ajuda na obtenção de alguns documentos requeridos para a renovação de visto. Encontro informal com alguns alunos do 1º ano.

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 20 a 26 de Outubro

Dia	Actividades
20 de Outubro	Reunião entre os alunos e a professora Cuicui. Nova tentativa de contacto do SEF, para agendamento das renovações dos vistos. Contactos com alguns alunos, para esclarecimento de algumas dúvidas e tratamento de questões burocráticas.
21 de Outubro	Contactos com alguns alunos, para avisos relativamente às greves de transportes, esclarecimento de dúvidas e tratamento de questões burocráticas. Agendamento de reuniões individuais com a Professora Maria do Carmo.
22 de Outubro	Contactos com os alunos de 1º ano, para avisos relativamente à mudança de horário e para agendamento de uma nova reunião com a Professora Maria do Carmo. Contactos com alguns alunos, para tratamento de questões burocráticas. Nova tentativa de contacto com o SEF.
23 de Outubro	Preparação para o agendamento da renovação dos vistos.
24 de Outubro	Levantamento de documentação referente a uma das alunas do 3º ano. Esclarecimento de dúvidas junto da associação de estudantes da FCSH. Agendamento das renovações de vistos dos alunos do 1º ano. Contacto com os responsáveis pelo alojamento da UNL.
25 de Outubro	Contactos com aluna, referentes à renovação do visto.
26 de Outubro	Ida de duas alunas à peça de teatro musical amador <i>O Fantasma da Ópera*</i> .

*Estas duas alunas demonstraram interesse em ver uma peça de teatro, de cujo elenco faço parte, após terem visto uma publicação *online*.

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 27 a 31 de Outubro

Dia	Actividades
27 de Outubro	Comunicação das datas das renovações de vistos aos alunos. Informação sobre a documentação necessária para conclusão dos processos. Esclarecimento de dúvidas concernentes às renovações de vistos. Envio de <i>e-mail</i> lembrando o segundo dia de reuniões individuais com a Professora Maria do Carmo Vieira da Silva.
28 de Outubro	Contacto com a professora Isabel Pessoa, para obtenção de informações sobre a visita ao Museu da Cidade. Contacto com aluno do 2º ano, para preparação da renovação do seu visto.
29 de Outubro	Acompanhamento de aluno do 2º ano ao CNAI da Rua Álvaro Coutinho, visando a renovação do seu visto. Contactos com professores para agendamento de reunião com a Professora Maria do Carmo. Contacto com alunos para agendamento da última ronda de reuniões individuais com a Professora Maria do Carmo.
30 de Outubro	--
31 de Outubro	Visita ao Museu da Cidade, no âmbito da disciplina de Português.

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 3 a 7 de Novembro

Dia	Actividades
3 de Novembro	Esclarecimento de dúvidas referentes aos vistos. Contactos com alunos dos 2º e 3º anos, para agendamento de reuniões individuais.
4 de Novembro	Reunião com a professora Maria do Carmo Vieira da Silva, recepção de <i>feedback</i> . Contacto com ex-aluno do programa de intercâmbio, para obtenção de documentação por este requerida.
5 de Novembro	--
6 de Novembro	Contactos com a faculdade, para obtenção dos comprovativos de situação académica dos alunos. Esclarecimento de dúvida referente ao cartão de estudante de uma das alunas.
7 de Novembro	--

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 10 a 14 de Novembro

Dia	Actividades
10 de Novembro	Contacto com uma das senhorias, para esclarecimento de dúvidas referentes ao comprovativo de morada.
11 de Novembro	Envio de mensagem sobre os meios de obtenção de cuidados médicos.
12 de Novembro	Contacto com uma das senhorias, para esclarecimento de dúvidas referentes ao comprovativo de morada. Contacto telefónico com alunas, para esclarecimento de dúvidas referentes ao visto.
13 de Novembro	Apuramento da situação de dois alunos, após o seu desempenho no teste de Geografia. Envio de mensagem clarificando dúvidas dos alunos sobre os documentos necessários para o visto.
14 de Novembro	--

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 17 a 21 de Novembro

Dia	Actividades
17 de Novembro	--
18 de Novembro	Ponto de situação sobre os documentos necessários para a renovação dos vistos. Esclarecimento de dúvidas relativas à renovação dos vistos.
19 de Novembro	Esclarecimento de dúvidas diversas dos alunos. Contacto com uma das senhorias.
20 de Novembro	Deslocação à faculdade para recolha de documentos dos alunos.
21 de Novembro	--

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 24 a 28 de Novembro

Dia	Actividades
24 de Novembro	Deslocação ao SEF, visando a renovação de vistos dos alunos. Envio de mensagem informativa com o novo ponto de situação do processo. Início dos procedimentos para reagendamento das renovações de vistos.
25 de Novembro	Deslocação ao SEF, visando a renovação de vistos dos alunos do 3º ano. Esclarecimento de dúvidas relativas às renovações de vistos.
26 de Novembro	--
27 de Novembro	Conversa informal com aluna, sobre o seu desempenho académico e situação profissional em Lisboa.
28 de Novembro	Esclarecimento de dúvidas relativas aos cartões de estudante e vistos.

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 1 a 5 de Dezembro

Dia	Actividades
1 de Dezembro	Deslocação à FCSH, para esclarecimento de dúvida de uma aluna. Esclarecimento de questões sobre cartões de estudante.
2 de Dezembro	Pedido de informações para agendamento de nova entrevista no SEF.
3 de Dezembro	--
4 de Dezembro	Esclarecimento de nova dúvida relativa aos cartões de estudante.
5 de Dezembro	Conclusão do pedido de ex-aluno da FCSH.

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 8 a 12 de Dezembro

Dia	Actividades
8 de Dezembro	Tentativa de agendamento de renovações de vistos.
9 de Dezembro	--
10 de Dezembro	--
11 de Dezembro	
12 de Dezembro	Agendamento final das renovações de vistos. Esclarecimento de dúvidas relativas a três alunas.

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 15 a 19 de Dezembro

Dia	Actividades
15 de Dezembro	Pedido de informações diversas aos alunos.
16 de Dezembro	--
17 de Dezembro	--
18 de Dezembro	Envio dos comprovativos de marcação de entrevista no SEF.
19 de Dezembro	Jantar de final de semestre com os alunos de Dalian, com o professor João Pedro Ruivo e com a professora Isabel Pessoa.

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 22 a 26 de Dezembro

Dia	Actividades
22 de Dezembro	Deslocação ao SEF para tratamento de cartão de residência de aluno do 2º ano. Esclarecimento da situação de uma aluna.
23 de Dezembro	--
24 de Dezembro	--
25 de Dezembro	Mensagem de Natal e comentário à avaliação de Geografia.
26 de Dezembro	--

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 29 de Dezembro a 2 de Janeiro

Dia	Actividades
29 de Dezembro	Confirmação da situação de um aluno, no que diz respeito à preparação de documentos para o cartão de residência.
30 de Dezembro	--
31 de Dezembro	Mensagem de Ano Novo.
1 de Janeiro	--
2 de Janeiro	--

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 5 a 9 de Janeiro

Dia	Actividades
5 de Janeiro	Deslocação à faculdade, para levantamento de um documento. Deslocação ao SEF, para pedido de cartão de residência de um aluno do 1º ano. Esclarecimento de situação de alunas de 3º ano.
6 de Janeiro	--
7 de Janeiro	--
8 de Janeiro	--
9 de Janeiro	--

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 12 a 16 de Janeiro

Dia	Actividades
12 de Janeiro	Deslocação ao SEF, para renovação de cartões de residência de dois alunos. Aviso sobre a necessidade de documentos mais recentes aos alunos do 1º ano. Tentativa de resolução de problema com aluna de 3º ano.
13 de Janeiro	--
14 de Janeiro	Proposta de resolução do problema com a aluna do 3º ano.
15 de Janeiro	Deslocação à faculdade, para levantamento de documentação referente a vistos.
16 de Janeiro	--

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 19 a 23 de Janeiro

Dia	Actividades
19 de Janeiro	Contacto com professores, para obtenção das avaliações do 1º semestre.
20 de Janeiro	Troca de informação sobre a situação académica de uma aluna. Deslocação ao SEF, para renovação de cartão de residência de alunos do 3º ano.
21 de Janeiro	Deslocação à faculdade, para levantamento de documentação. Preparação para renovações de vistos – esclarecimento das últimas dúvidas.
22 de Janeiro	Deslocação ao SEF, para efeitos de renovação de visto de aluna do 1º ano.
23 de Janeiro	--

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 26 a 30 de Janeiro

Dia	Actividades
26 de Janeiro	--
27 de Janeiro	--
28 de Janeiro	Deslocação à faculdade para levantamento de documentos.
29 de Janeiro	Contacto com alunos para fornecimento de informações genéricas sobre os dias de renovação de vistos.
30 de Janeiro	Deslocação ao SEF para renovação de visto de uma aluna do 1º ano.

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 2 a 6 de Fevereiro

Dia	Actividades
2 de Fevereiro	Deslocação ao SEF, para renovação de visto de uma aluna do 1º ano. Pedido de novas declarações referentes a dois alunos. Pedido de informação a alguns alunos, para resolução de problema burocrático.
3 de Fevereiro	--
4 de Fevereiro	Deslocação à faculdade, para levantamento das novas declarações.
5 de Fevereiro	Informações sobre o aproveitamento académico a uma das disciplinas.
6 de Fevereiro	Deslocação ao SEF, para renovação de vistos de vários alunos do 1º ano.

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 9 a 13 de Fevereiro

Dia	Actividades
9 de Fevereiro	Encaminhamento de dúvidas relativas à inscrição de um aluno do 2º ano.
10 de Fevereiro	--
11 de Fevereiro	Esclarecimento das dúvidas levantadas pelo aluno do 2º ano. Contacto de alunos do 3º ano, para regularização das suas inscrições.
12 de Fevereiro	--
13 de Fevereiro	--

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 16 a 20 de Fevereiro

Dia	Actividades
16 de Fevereiro	--
17 de Fevereiro	--
18 de Fevereiro	Pedido de documento da faculdade, para tratamento de cartão de residência. Mensagem de Ano Novo Chinês.
19 de Fevereiro	Contacto com três alunos, para agendamento de reunião com a Professora Maria do Carmo.
20 de Fevereiro	Deslocação à faculdade, para levantamento de documentação referente a um cartão de residência. Informações sobre a inscrição de aluno do 2º ano.

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 23 a 27 de Fevereiro

Dia	Actividades
23 de Fevereiro	Deslocação ao SEF, para tratamento de cartão de residência de aluna do 1º ano.
24 de Fevereiro	Pedido, aos professores, dos resultados das avaliações finais de 1º semestre. Encaminhamento da inscrição de aluna de 3º ano para o Gabinete de Apoio ao Aluno e Candidato.
25 de Fevereiro	--
26 de Fevereiro	--
27 de Fevereiro	--

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 2 a 7 de Março

Dia	Actividades
2 de Março	Pedido de informações a alunos do 2º e 3º ano, para conclusão das suas inscrições. Pedido, à faculdade, de tradução de um documento.
3 de Março	Esclarecimento de dúvidas relativas à tradução do documento. Pedido de última avaliação do 1º semestre.
4 de Março	Convocação de aluno para reunião com a Professora Maria do Carmo. Envio de mensagem da Professora Maria do Carmo, referente ao desempenho no 1º semestre.
5 de Março	Pedido de informação a aluna do 3º ano, para conclusão da sua inscrição.
6 de Março	Esclarecimento de dúvida de aluno do 2º ano, para reformulação da sua inscrição.
7 de Março	Contacto com professor, para resolução de situação pertinente à inscrição de aluna.

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 9 a 13 de Março

Dia	Actividades
9 de Março	Contacto com aluna, para resolução de um problema burocrático referente à sua inscrição.
10 de Março	Contacto com aluno do 1º ano, para remarcação do seu encontro com a Professora Maria do Carmo. Contacto com aluna do 2º ano, para conclusão da sua inscrição. Tentativa de resposta a pedido de uma aluna do 1º ano, no sentido de encontrar um piano disponível na FCSH.
11 de Março	Continuação dos contactos referentes à procura de um piano disponível na faculdade.
12 de Março	--
13 de Março	--

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 16 a 20 de Março

Dia	Actividades
16 de Março	Conclusão das inscrições dos alunos dos 2º e 3º anos.
17 de Março	--
18 de Março	Esclarecimento de dúvidas genéricas dos alunos.
19 de Março	--
20 de Março	--

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 30 de Março a 3 de Abril

Dia	Actividades
30 de Março	Mensagem de boas férias (Páscoa). Pedido de <i>feedback</i> referente ao segundo semestre.
31 de Março	Resposta a algumas mensagens de boas férias dos alunos e registo do <i>feedback</i> .
1 de Abril	--
2 de Abril	--
3 de Abril	

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 6 a 10 de Abril

Dia	Actividades
6 de Abril	--
7 de Abril	--
8 de Abril	Agendamento de encontro com aluna do 1º ano, para o preenchimento da sua ficha individual e conclusão da sua inscrição.
9 de Abril	Tentativas de contacto da aluna do 1º ano, para confirmação do encontro com aluna do 1º ano, para o preenchimento da ficha de inscrição.
10 de Abril	Cancelamento do encontro por falta de resposta. Agendamento de nova reunião entre aluno do 1º ano e Professora Maria do Carmo.

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 13 a 17 de Abril

Dia	Actividades
13 de Abril	--
14 de Abril	--
15 de Abril	Resolução de questão burocrática, referente a documentação necessária para inscrição dos alunos no ano lectivo 2015-2016. Esclarecimento de dúvidas referentes a Seguros de Saúde.
16 de Abril	Continuação da resolução da questão burocrática referente a documentação para a inscrição no ano lectivo subsequente.
17 de Abril	--

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 20 a 24 de Abril

Dia	Actividades
20 de Abril	Contactos com professores visando a partilha de informações.
21 de Abril	--
22 de Abril	Preparação da reunião de acolhimento à comitiva da Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian. Envio de mensagem-convite aos alunos. Esclarecimento de dúvidas referentes à reunião de dia 24.
23 de Abril	Esclarecimento de dúvidas sobre a reunião do dia seguinte.
24 de Abril	Reunião com os alunos da Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian, com a Sra. Reitora da Universidade de Línguas Estrangeiras, Dra. Sun Yuhua, e com outros membros da comitiva da Universidade. Obtenção de <i>feedback</i> diverso. Conversas informais com alunos.

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 27 de Abril a 1 de Maio

Dia	Actividades
27 de Abril	--
28 de Abril	Resposta a mensagens de congratulação dos alunos.
29 de Abril	--
30 de Abril	Encontro informal com aluna do 1º ano. Obtenção de <i>feedback</i> .
1 de Maio	--

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 4 a 8 de Maio

Dia	Actividades
4 de Maio	Esclarecimento de dúvidas referentes ao novo protocolo entre a ULED e a NOVA.
5 de Maio	--
6 de Maio	Esclarecimento de dúvidas diversas. Agendamento de um encontro com o novo responsável pelo balcão Santander-Totta.
7 de Maio	--
8 de Maio	--

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 11 a 15 de Maio

Dia	Actividades
11 de Maio	Reunião de preparação do novo ano lectivo. Esclarecimento de dúvidas diversas, referentes a questões de acesso ao sistema de saúde português e às condições de utilização das contas bancárias portuguesas. Envio de informações para os alunos.
12 de Maio	--
13 de Maio	--
14 de Maio	--
15 de Maio	Esclarecimento de dúvidas de alunos. Pedido da lista de alunos para o ano lectivo seguinte.

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 18 a 22 de Maio

Dia	Actividades
18 de Maio	Pedido de cartas de aceitação da FCSH. Contactos com alunos e com responsáveis da FCSH, visando o aceleramento deste processo.
19 de Maio	Continuação do processo começado na véspera.
20 de Maio	--
21 de Maio	Conclusão do processo de obtenção das cartas de aceitação. Contactos com alunos, para levantamento das mesmas.
22 de Maio	--

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Semana de 24 a 29 de Maio

Dia	Actividades
24 de Maio	Contactos com alunos para realização de um questionário no âmbito da dissertação de mestrado.
25 de Maio	Novos contactos com alunos para realização de um questionário no âmbito da dissertação de mestrado.
26 de Maio	Encontro informal com alunas do 1º ano. Obtenção de <i>feedback</i> .
27 de Maio	Resolução de situação referente a carta de recomendação. Agendamento de nova data para a elaboração do questionário, a pedido dos alunos.
28 de Maio	Reunião com 4 alunos, para preenchimento do questionário. Envio do questionário, por <i>e-mail</i> , para os restantes. Mensagem de boas férias.
29 de Maio	Recepção do questionário de aluna.

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Mês de Junho

Dia	Actividades
1 de Junho	Recepção de questionário de aluna.
9 de Junho	Reunião de preparação de ano lectivo seguinte. Obtenção de <i>feedback</i> do ano lectivo transacto.
16 de Junho	Resolução de problema burocrático das alunas de 3º ano.
18 de Junho	Continuação da resolução de problemas burocráticos das alunas de 3º ano. Conclusão de um dos processos.
19 de Junho	Continuação da resolução de problemas burocráticos das alunas de 3º ano.
23 de Junho	Continuação da resolução de problemas burocráticos das alunas de 3º ano.
25 de Junho	Continuação da resolução de problemas burocráticos das alunas de 3º ano.
29 de Junho	Resposta final a esse problema burocrático.
30 de Junho	Contactos diversos visando o solucionamento de uma questão burocrático. Conclusão desta questão.

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Mês de Julho

Dia	Actividades
2 de Julho	Resolução de questões burocráticas.
3 de Julho	Resolução de questões burocráticas.
7 de Julho	Resolução de questões burocráticas.
9 de Julho	Resolução de questões burocráticas.
12 de Julho	Resolução de questões burocráticas.
13 de Julho	Resolução de questões burocráticas.
16 de Julho	Resolução de questões burocráticas.
17 de Julho	Reenvio do questionário para os alunos do 1º ano. Pedido de informações diversas aos alunos.
26 de Julho	Reenvio do questionário para os alunos do 1º ano, devido à falta de resposta ao <i>e-mail</i> anterior. Nova tentativa de pedido de informação.
28 de Julho	Contactos no sentido de obtenção das avaliações de segundo semestre.
30 de Julho	Conclusão deste processo de obtenção das avaliações de segundo semestre. Sistematização das avaliações.

Lista de actividades realizadas com os alunos de Dalian

Mês de Agosto

Dia	Actividades
9 de Agosto	Reencaminhamento do questionário para os alunos. Pedido de informações necessárias para preparação dos procedimentos legais para o ano seguinte.
10 de Agosto	Reencaminhamento do questionário para os alunos. Obtenção de informações necessárias para preparação dos procedimentos legais para o ano seguinte.
11 de Agosto	Tentativa de contacto do SEF.
14 de Agosto	Nova tentativa de contacto do SEF.
17 de Agosto	Ponto de situação referente ao SEF. Reenvio do questionário.
18 de Agosto	Tentativa de contacto com SEF.
19 de Agosto	Tentativa de contacto com SEF. Início de contactos para arrendamento de casas para alunos do 1º ano.
20 de Agosto	Contactos diversos com senhorios.
26 de Agosto	Tentativa de contacto com SEF. Contactos com alunos para encontro de soluções alternativas.
27 de Agosto	Contactos com alunos para encontro de soluções alternativas.
28 de Agosto	Tentativa de contactos com SEF. Troca de mensagens com alunos, para obtenção de uma solução definitiva.

Anexo 2 – Tabelas sistematizadas de observações comportamentais

Tabela 1 – Observações efectuadas entre 9 de Setembro de 2014 e 15 de Outubro de 2014

Categorias	Sub-Categorias	Indicadores	Unidades de Registo	Alunos														
				A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	B1	B2	B3		
Aspectos Burocráticos	Legalidade	Preocupação com o visto																
		Regularização da situação académica	Preenchimento de formulários de inscrição.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
			Preenchimento de um inquérito.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Desvalorização de eventuais coimas	Alunos julgavam ter de dar entrada em Portugal. <i>«Our friends told us we should go to this place and make declaration of entry. We may pay a fine. But it's OK.»</i>	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
	Cartões	Cartões Bancários	Urgência em obter cartões bancários.	X														
		Cartões de Estudante	Urgência em obter cartão de estudante.															
Cartão de Transporte		Preenchimento de formulários para o passe.										X	X	X	X	X		

		Incompreensão	Valor do dinheiro em Portugal.	X	X		X		X									
			Diferença entre Margem Sul e Lisboa.					X										
			Funcionamento de transportes públicos.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
			A frequência de greves em Lisboa. <i>«Porquê tantas greves? É sempre assim?»</i>	X							X							
		Aceitação	Cumprimento com dois beijos na face.								X							
	Aspectos culturais chineses	Saudade	Saudade de comida chinesa.				X	X	X	X								
		Perpetuação de hábitos	Oferta de presentes à chegada a Lisboa.			X					X							
			Receio de incomodar outros.	X			X	X	X	X	X							
		O fascínio pelo exótico.			X					X				X		X		
		Lógica de organização em grupos [e não em filas]	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
			Discriminação de comportamentos tidos como correctos consoante o género. <i>«Isto é só para rapazes. Não para raparigas.»</i>								X			X	X	X		
	Aprendizagem da Língua	Domínio Escrito	Produção Escrita	Tentativas de produção de texto em português.		X	X	X			X	X	X	X			X	

Aprendizagem da Língua Portuguesa	Domínio Escrito	Produção Escrita	« <i>Desculpe incomodar...</i> »														
			O fascínio pelo exótico.			X				X					X	X	X
		Tentativas de produção de texto em português.	X	X	X	X			X	X	X	X	X	X	X	X	
		Utilização de outra língua-vector na comunicação.	X	X	X	X	X	X	X	X			X	X	X		
	Compreensão Escrita	Dificuldades na compreensão textual.					X										
	Domínio Oral	Produção Oral	Esforço na conversação em português.		X		X			X	X	X	X	X	X		X
			Utilização de uma língua-vector na comunicação.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
		Compreensão Oral	Dificuldades de compreensão.	X	X	X	X	X	X		X	X		X	X	X	

Tabela 3 – Observações efectuadas entre 16 de Novembro de 2014 e 20 de Dezembro de 2014

Categorias	Sub-Categorias	Indicadores	Unidades de Registo	Alunos												
				A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	B1	B2	B3
Aspectos Burocráticos	Legalidade	Preocupação com o visto	Preparação da documentação necessária.	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X
			Questões sobre os vistos.	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	
	Cartões	Cartões Bancários	Problemas com cartões bancários.						X							
		Cartões de Estudante	Urgência em obter cartão de estudante.									X				
	Estadia	Procura de alojamento	Mudanças de alojamento.													
		Emprego	Emprego em Lisboa.					X								
		Problemas com o alojamento	Pedido de ajuda para esclarecimento de dúvida junto do senhorio.		X	X	X					X				
Dificuldades Académicas	Feedback das disciplinas	Português	Elogio das aulas	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
			Dificuldades na disciplina					X							X	
		História	Dificuldades na disciplina				X	X		X					X	
		Geografia	Dificuldades na disciplina			X	X	X							X	

Aprendizagem da Língua Portuguesa	Domínio Escrito	Produção Escrita	O fascínio pelo exótico.			X				X		X		X	X	X	
			Tentativas de produção de texto em português.	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X
		Utilização de outra língua-vector na comunicação.	X				X	X							X		
	Domínio Oral	Produção Oral	Dificuldades na compreensão textual.					X									
			Esforço na conversação em português.	X	X	X	X			X	X	X	X	X	X		X
		Compreensão Oral	Utilização de uma língua-vector na comunicação.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
			Dificuldades de compreensão.					X	X		X				X	X	

	semestre	História	Frustração com a disciplina <i>«História é difícil, muitas matérias, difícil [de] compreender.»</i>	X		X		X	X	X						X	
		Geografia	Frustração com a disciplina <i>«Muitas matérias.»</i>	X				X		X							X
		Instituições Políticas e Sociedade	Frustração com a disciplina <i>«Professor muito simpático, mas disciplina um pouco seco. Difícil.»</i>	X		X	X	X	X	X	X						X
	Adequação ao meio académico	Habituação ao espaço	Elogios ao espaço. <i>«Ambiente, muito bom!»</i>	X	X	X	X	X	X	X	X	X			X	X	X
		Habituação às pessoas	Timidez.										X				
	Actividades extra-curriculares	Procura de um emprego	Necessidade de prática da oralidade. <i>«Preciso treinar a fala. Pouca prática.»</i>				X	X									
	Aspectos Culturais	Aspectos culturais portugueses	Rejeição	Recusa a cumprimento com dois beijos na face.	X					X			X				
Incompreensão			Frustração face aos	X		X	X		X	X	X		X	X	X		

	Domínio Oral	Produção Oral	Esforço na conversação em português.	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X
			Utilização de uma língua-vector na comunicação.	X					X			X		X		
		Compreensão Oral	Dificuldades de compreensão.					X	X						X	

	Actividades extra-curriculares	Emprego	Necessidade de prática do português. <i>«Ganhar experiência, falar.»</i>			X	X	X		X								
Aspectos Culturais	Aspectos culturais portugueses	Rejeição	Recusa a cumprimento com dois beijos na face.	X					X			X						
		Incompreensão	--															
		Aceitação	Cumprimento com dois beijos na face.		X	X	X	X		X	X		X					
			Cumprimento com um abraço.		X	X	X	X		X								
	Aspectos culturais chineses	Saudade	Saudades de casa.	X	X	X	X		X	X						X	X	
		Perpetuação de hábitos	Receio de incomodar outros.		X				X									
	Comemoração do Ano Novo Chinês.		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
Aprendizagem da Língua Portuguesa	Domínio Escrito	Produção Escrita	Produção de texto em português.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
			Utilização de outra língua-vector na comunicação.															
		Compreensão Escrita	Dificuldades na compreensão textual.															
	Domínio Oral	Produção Oral	Esforço na conversação em português.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
			Utilização de uma	X					X			X		X				

Tabela 6 – Observações efectuadas entre 9 de Março de 2015 e 9 de Abril de 2015

Categorias	Sub-Categorias	Indicadores	Unidades de Registo	Alunos												
				A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	B1	B2	B3
Aspectos Burocráticos	Legalidade	Preocupação com o visto	Ida ao SEF.													
			Questões sobre vistos.													
			Preocupações legais.													
	Estadia	Emprego	Emprego em Lisboa.			X	X	X		X						
Dificuldades Académicas	Feedback das disciplinas	Português	Comentários às aulas					X								
			«Tudo bem!»													
		Problemas com a disciplina												X		
		História	Problemas com a disciplina.											X		
		Geografia da Europa	Problemas com a disciplina.												X	
			Elogios à disciplina.	X			X		X	X						
	Tradução	Problemas com a disciplina.														
	Adequação ao meio académico	Habituação ao espaço	Problemas diversos.												X	
Pedido de um piano disponível à faculdade.									X							

Tabela 8 – Observações efectuadas entre 11 de Maio de 2015 e 31 de Maio de 2015

Categorias	Sub-Categorias	Indicadores	Unidades de Registo	Alunos													
				A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	B1	B2	B3	
Aspectos Burocráticos	Legalidade	Preocupação com o visto	Ida ao SEF.														
			Questões sobre vistos.														
	Estadia	Emprego	Emprego em Lisboa.			X	X				X						
			Saúde	Dúvida sobre seguro de saúde.													
		Ano Lectivo 2015-2016	Pedido de documentação diversa.												X		
			Dúvidas relativas ao novo protocolo.		X												
Dificuldades Académicas	<i>Feedback</i> das disciplinas	Português	Elogios às aulas	X	X	X	X				X	X				X	
			Problemas com a disciplina													X	
		História	Problemas com a disciplina.												X		

Anexo 3 – Questionário aplicado aos alunos

Questionário

Este questionário tem como propósito traçar um perfil dos alunos chineses da Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian. Os resultados serão analisados no âmbito de uma dissertação de mestrado em Ensino do Português como Língua Segunda e Estrangeira.

Obrigado pela participação! 谢谢!

Informações pessoais

Idade	Sexo	Ano do Curso
	Masculino	
	Feminino	

Questões

Grupo 1 – Perfil geral

1. Há quantos anos estudas português?

1	2	3	4

2. Antes de estudares português, já tinhas ouvido falar de algum país de língua portuguesa?

Sim

Não

- a. Se sim, de que país(es) tinhas ouvido falar?

- b. Se sim, o que conhecias desse(s) país(es)?

3. Porque começaste a estudar português?

4. Porque vieste estudar este ano para Portugal?

Grupo 2 – Estadia em Portugal

1. O que gostaste mais na tua estadia em Portugal?

2. O que gostaste menos na tua estadia em Portugal?

3. O que achaste das disciplinas que tiveste este ano?

4. A que disciplinas sentiste mais dificuldades? Porquê?

Anexo 4 – Respostas ao Questionário

Grupo 1 – Perfil Geral

Pergunta 2: Antes de estudares português, já tinhas ouvido falar de algum país de língua portuguesa?	
Aluno	Resposta
1	Sim
2	Sim
3	Não
4	Sim
5	Sim
6	Não
7	Não
8	Sim
9	Não
10	Sim
11	Não

Pergunta 2.a: Se sim, de que país(es) tinhas ouvido falar?	
Aluno	Resposta
1	“Portugal e Brasil.”
2	“Portugal, Brasil.”
4	“Portugal, Brasil, Angola.”
5	“Eu tinha ouvido Angola.”
8	“Brasil, Angola.”

10	"Tinha ouvido falar sobre Portugal e o Brasil."
----	-------------------------------------------------

Pergunta 2.b: Se sim, o que conhecia desse(s) país(es)?

Aluno	Resposta
1	"Pastel de Natal"
2	"Futebol, Música."
4	"Futebol. Costumes."
5	"Só sabia que lá tem muito petróleo, diamante, a capital é Luanda."
8	"Futebol, ouro, economia."
10	"Conhecia futebol desses países."

Pergunta 3: Porque começaste a estudar português?

Aluno	Resposta
1	"Porque gosto. E ajuda a encontrar melhor oportunidade de emprego"
2	"Gosto da Bossa Nova."
3	"Gosto."
4	"Porque eu quero ir ser uma tradutora."
5	"O meu irmão recomendou-me a estudá-lo."
6	"Porque o português é muito procurado na China."
7	"Porque o português é muito procurado"

	na China.”
8	“Queria estudar uma língua estrangeira, e português é uma boa escolha. A relação entre Portugal e China é cada vez melhor.”
9	“É bom para trabalhar.”
10	“Porque português é uma língua muito importante no todo o Mundo.”
11	“Porque quero conhecer mais outros países da europa através de aprender português e inglês.”

Pergunta 4: Porque vieste estudar este ano para Portugal?

Aluno	Resposta
1	“Vim estudar para Portugal porque a minha escola tem um programa de oferta de línguas para os melhores estudantes.”
2	“Curiosidade.”
3	“Bom para estudar. Gosto de Lisboa.”
4	“Quero estudar língua original.”
5	“Porque queria alargar a minha horizonte.”
6	“É uma boa oportunidade de estudar português.”
7	“É uma boa oportunidade de estudar

	português.”
8	“A nossa universidade tem a cooperação com Universidade Nova de Lisboa.”
9	“Porque é melhor estudar a língua portuguesa em Portugal.”
10	“Veio estudar cá porque é bom aprender e praticar português num país com língua portuguesa.”
11	“Já diz o razão no último questão, ou seja, queria conhecer toda europa, mas partir o país Portugal.”

Grupo 2 – Estadia em Portugal

Pergunta 1: O que gostaste mais na tua estadia em Portugal?	
Aluno	Resposta
1	“Em Portugal gosto mais do povo é muito acolhedor, divertido e amigável”
2	“O processo de experienciar cultura diferente.”
3	“A paisagem.”
4	“A História.”
5	“Gosto muito do tempo.”
6	“Gostei mais da boa virtude dos portugueses.”
7	“Gostei mais da boa virtude dos portugueses.”

8	"O ambiente que estudava cá, a temperatura (tempo) cá em Portugal e as comidas cá são tão boas!"
9	"A cidade de Lisboa e o preço."
10	"Gostei mais o ambiente cá."
11	"Eu gostava mais de ambiente e os saborosos."

Pergunta 2: O que gostaste menos na tua estadia em Portugal?

Aluno	Resposta
1	"Não gosto os postos comerciais fecham muito cedo."
2	"Não há."
3	"Sol e chuva."
4	"Política."
5	"Não gosto da greve."
6	"Gostei menos de cocôs que os animais deixaram nas ruas."
7	"Na rua tem lixo."
8	"Greve de metro."
9	"Sol."
10	"Gostei menos greve do Metro e Carris."
11	"Acho que se calhar não há menos."

Pergunta 3: O que achaste das disciplinas que tiveste este ano?

Aluno	Resposta
1	"Gostei muito."
2	"Bom."
3	"Bom."
4	"São úteis e interessantes."
5	"Acho que muito bom."
6	"Foram muito boas."
7	"Foram boas."
8	"Gostei muito, mas quero mais aulas interessantes."
9	"Português, Geografia, História, Política, Tradução."
10	"As disciplinas são interessantes, e aprendemos muito."
11	"Acho que é bom para mim."

Pergunta 4: A que disciplinas sentiste mais dificuldades? Porquê?

Aluno	Resposta
1	Sem resposta.
2	"História, a texta é difícil em termos da língua."
3	"História. Não sei porquê, com muitos reis..."
4	"Política é mais dificuldade, porque há muitas gérias."

5	"A História, porque tem muitos materiais para estudar."
6	"Acho que a Política foi mais difícil, porque o professor ensinou muito rápido, e nós nem sabemos as palavras profissionais".
7	"A política foi mais difícil, o professor falou muito rápido."
8	"História. Porque a História tem muito matérias e é complicada. É difícil para memorizar."
9	"Português, porque as outras disciplinas baseiam-se."
10	"Política, porque há muitas palavras difíceis."
11	"Acho que é o política. Porque esse subjecto é pouco difícil para mim."

Pergunta 5: Qual foi a tua disciplina favorita este ano? Porquê?

Aluno	Resposta
1	Sem resposta.
2	"Geografia, é mais fácil."
3	"Tradução, gosto de Chinês."
4	"Geografia [da Europa], porque o professor Carlos é muito bom."
5	"Prefiro a Gramática, porque é muito

	interessante.”
6	“Português foi a minha preferida, porque recebi muitos conhecimentos gramaticais.”
7	“Foi português, porque recebi muitos conhecimentos gramaticais.”
8	“Eu gosto mais de Aula de Português este ano. É muito útil e a professora Isabel é muito simpática e trabalhadora, gosto muito. Ele ensinou bem.”
9	“Geografia da Europa. Porque é interessante e simples.”
10	“Prefiro português, porque a professora ensinou bem, e consigo aprender mais rápido.”
11	“Inglês. porque consigo aprender a outra língua em Portugal.”

Pergunta 6: De que disciplina gostaste menos este ano? Porquê?

Aluno	Resposta
1	Sem resposta.
2	“História, é mais difícil.”
3	“Nem.”
4	“Política, porque é pouco seco.”
5	“Não gosto da Política.”
6	“Política, foi muito difícil entendendo.”

7	"Política, foi difícil."
8	"Nada."
9	"Tradução. Porque eu não gosto de traduzir, é uma problema pessoal."
10	"Gostei menos política, porque é muito difícil e ganhei uma nota má."
11	"Não há."

Pergunta 7: Se pudesses alterar o programa de estudos (por exemplo: tirar uma disciplina, acrescentar uma disciplina, menos horas de aulas, mais horas de aulas, menos disciplinas, mais disciplinas), o que fazias? Porquê?

Aluno	Resposta
1	Sem resposta.
2	"Mais prático oral na disciplina de português."
3	"Nada."
4	"Quero tirar a disciplina Política. Porque não tem muita relação com meu emprego no futuro."
5	"Espero que tenhamos mais horas de Gramática, porque é muito importante."
6	"Se pudesse alterar uma disciplina, queria tirar a Política. Se não podemos compreender, não é preciso perder tempo."
7	"Queria tirar a Política, porque é muito

	difícil e eu não gosto desta disciplina.”
8	“Podemos adicionar mais aulas. Agora, as aulas que já temos não chega para aprendermos melhor português.”
9	“Queria ter todas as aulas mais juntos. Por exemplo, todas as aulas juntam-se entre Segunda-feira e Quinta-feira.”
10	“Acrescentar uma disciplina, porque este ano, as aulas são poucas, e quero estudar mais.”
11	“Menos horas. Porque acho que o trabalho de casa é pouco pesado.”

Pergunta 8: Queres voltar a Portugal? Porquê?

Aluno	Resposta
1	“Quero voltar a Portugal porque pretendo aprender mais o português e interagir com as pessoas.”
2	“Sim, devo que sim.”
3	“Sim. Gosto.”
4	“Não. Porque acho que vou ter mais oportunidades na China.”
5	“Quero voltar, porque é um país maravilhoso.”
6	“Quero sim. Portugal tem menos população que a China, prefiro mais tranquilo.”

7	"Sim, porque tenho muitos amigos aqui."
8	"Sim, quero. Gosto de Portugal e gosto de Lisboa."
9	"Quero continuar estudar em Portugal, e depois voltar à China."
10	"Sim, porque se continuar estudar aqui, o meu português pode melhorar."
11	"Sim. Gosto muito desse ambiente."

Pergunta 9: O que aprendeste em Portugal?

Aluno	Resposta
1	"Em Portugal aprendi muita coisa como a língua e a dança."
2	"Como cozinhar o bacalhau nos sujeitos diferentes."
3	"Língua."
4	"Língua original."
5	"Além de estudar o português, já sei como se pode dar bem com os portugueses."
6	"Aprendi mais português, estudei muito sobre cozinha e já sei fazer amigos com os outros."
7	"Aprendi mais português."
8	"Português, e a vida nova cá."

9	"Português e a cultura portuguesa."
10	"Português e costume."
11	"Principalmente, acho que já aprendi a cultura e língua."

Pergunta 10: O que achas que poderia ser melhor para o ano? (por exemplo: burocracia, curso, habitação...)

Aluno	Resposta
1	"A residência podia ser mais próxima de casa."
2	"Habitação."
3	"Nada."
4	"Habitação."
5	"Queria aprender a falar outra língua, e escolher algumas disciplinas interessantes."
6	"A independência, esta é mais importante."
7	"A independência."
8	"O nível de falar e aprende português. Habituo mais da vida aqui."
9	"Plano de horário das aulas."
10	"É melhor estudar mais, com mais tempo e paciência."
11	"Acho que é habitação."

Pergunta 11: Procuraste emprego em Portugal? Se sim, porquê? Onde trabalhaste?

Aluno	Resposta
1	“Sim. Porque quero ganhar experiência. Trabalhei na agência de viagens.”
2	“Ainda não há ideia.”
3	“Sim. Quero experimentar mais da vida. No EXPOR [N.A.: loja <i>duty free</i>].”
4	“Não.”
5	“Não.”
6	“Sim. Trabalhei numa empresa chinesa a traduzir as notícias, e depois num escritório de advogado como tradutor.”
7	“Agora não quero, porque não tenho tempo. Mas mais tarde vou tirar o emprego.”
8	“Sim, procurei. Trabalhei na Escola Chinesa de Lisboa.”
9	“Não.”
10	“Sim, porque quero praticar o meu português no trabalho. Trabalhei numa companhia chinesa.”
11	“Ainda não para agora.”

Pergunta 12: Gostavas de ter feito mais alguma coisa em Portugal que não tenhas feito? (por exemplo: visitar um museu, ir a uma cidade...)

Aluno	Resposta
1	"Sim. Gostaria de ir a uma casa ouvir a música de Portugal Fado."
2	"Ir para Coimbra."
3	"Sim."
4	"Estudar condução."
5	"Quero ir ao Norte de Portugal. Não tenho tempo e companheiros."
6	"Gostava de ir a um jogo de futebol."
7	"Gostaria de ver um jogo de futebol."
8	"Sim. Ainda não fui as cidades boas, Porto, Coimbra, Braga, Aveiro... Eu quero muito de cereja aqui, mais não tentei ir a Fundão para escolher as cereja. Queira ir as fazenda e experimentar a vida nas aldeias em Portugal."
9	"Sim. Gosto muito de visitar museus e viajar."
10	"Sim, ainda não fui ao Porto e Coimbra. Se tiver tempo, vou ir lá."
11	"Sim, vou às cidades no Norte deste país."

Pergunta 13: Como sentiste que as pessoas te trataram em Portugal?

Aluno	Resposta
1	"As pessoas em Portugal trataram-me

	“muito bem.”
2	“Eles são educadas.”
3	“Muito simpáticas.”
4	“São simpáticos.”
5	“Acho que eles são simpáticos.”
6	“Os portugueses são muito simpáticos e animados.”
7	“As pessoas são muito simpáticas.”
8	“Eles são simpáticas.”
9	“As pessoas na faculdade são muito boa! É impossível sempre estar entre pessoas boas. Não tenho coração de vidro, por isso não é coisa grande.”
10	“A maioria das pessoas são simpáticas e amigáveis.”
11	“É bom.”

Pergunta 14: Sentes que mudaste durante este ano? Porquê?

Aluno	Resposta
1	“Sim mudei. Porque antes não respeitava as regras de trânsito agora já respeito desde que vim a Portugal. Ia ao bar a noite em vez de dormir.”
2	“Um pouco, tinha estudo mais e cozinho melhor.”
3	“Sim. Fico mais madura. Porque tenho

	mais experiências.”
4	“Muito, improvo capacidade pessoal.”
5	“Acho que tenhas muitas mudanças, porque já comecei a querer falar com os portugueses. Antes tinha medo que falasse com os portugueses, por achei que eu falava muito mal o português.”
6	“Sim, mudei muito. Agora sei muito bem cozinhar, recebi muitas experiências de trabalho.”
7	“Sim, mudei muito.”
8	“Eu falo melhor português e percebo bem. E eu ficou mais forte em Portugal porque vivo sozinha em Lisboa, tenho de resolver os problemas sozinha.”
9	“Não, acho que água só muda quando encontra as rochas. A vida em Lisboa é suave.”
10	“Mudei muito, porque sei muito experiência viver sozinha no estrangeira. E aprendo a cozinhar este ano.”
11	“Sim, porque para já tinha mais aluos, enquanto no passado não tinha.”

Anexo 5 – Valores absolutos das respostas ao questionário

Informações pessoais

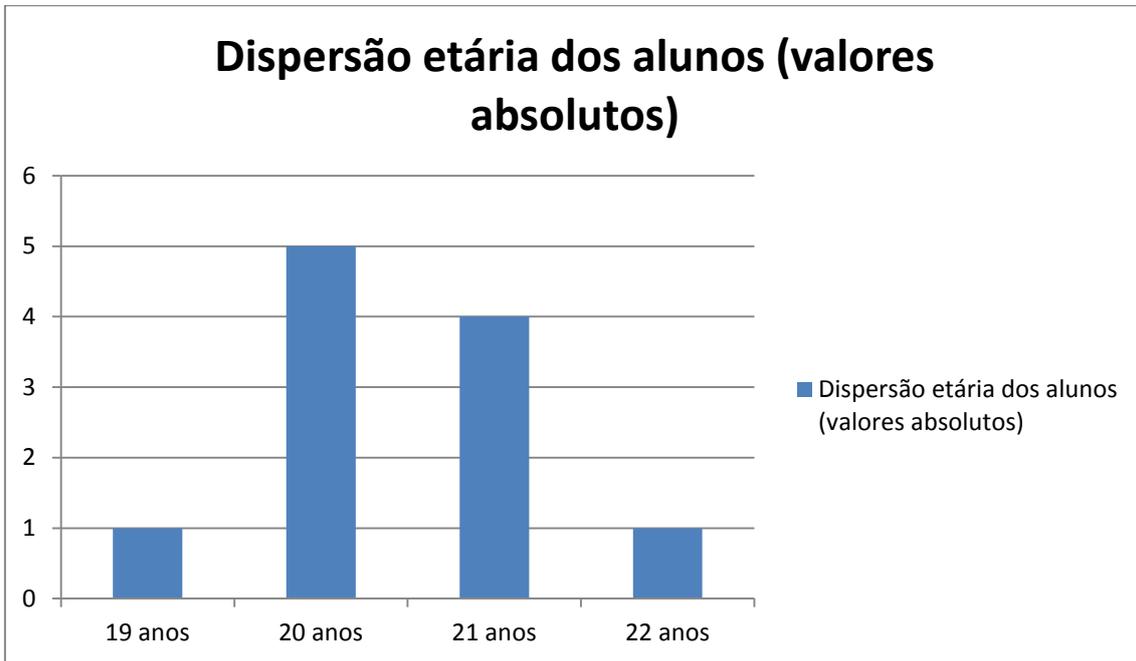


Gráfico 1: Dispersão etária dos alunos

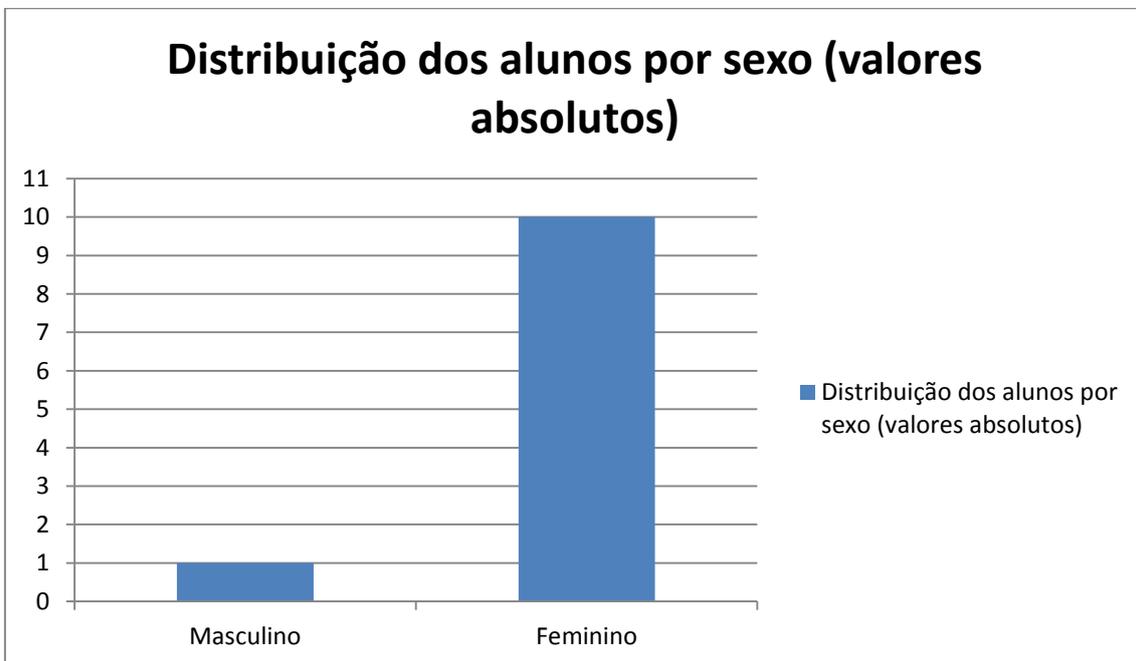


Gráfico 2: Distribuição dos alunos por sexo.

Distribuição dos alunos por ano de frequência do curso (valores absolutos)

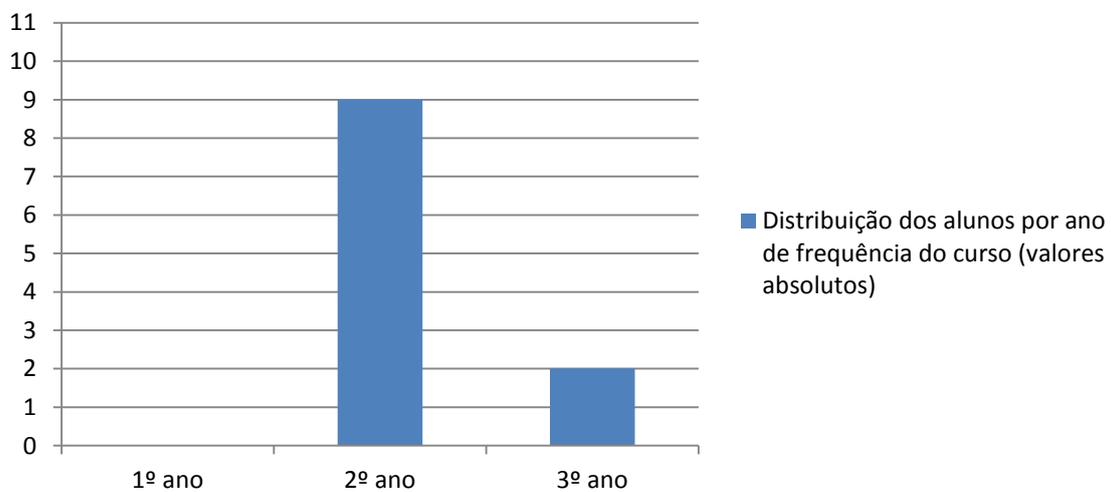


Gráfico 3: Distribuição dos alunos por ano de frequência do curso.

Grupo 1 – Perfil geral

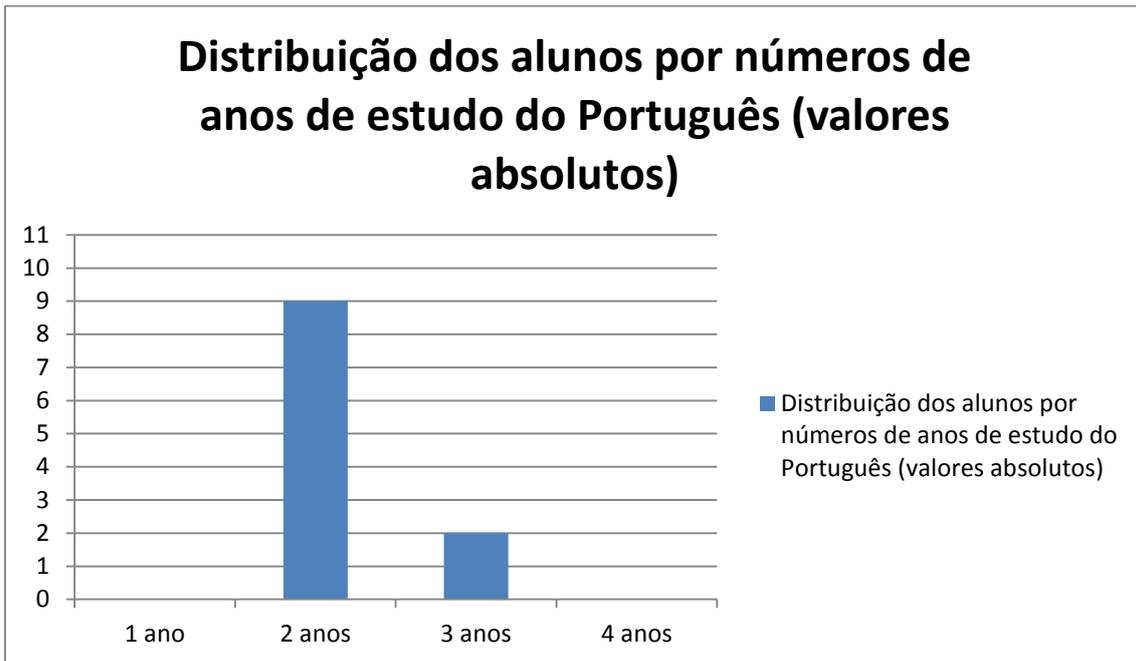


Gráfico 4: Distribuição dos alunos por números de anos de estudo do Português.

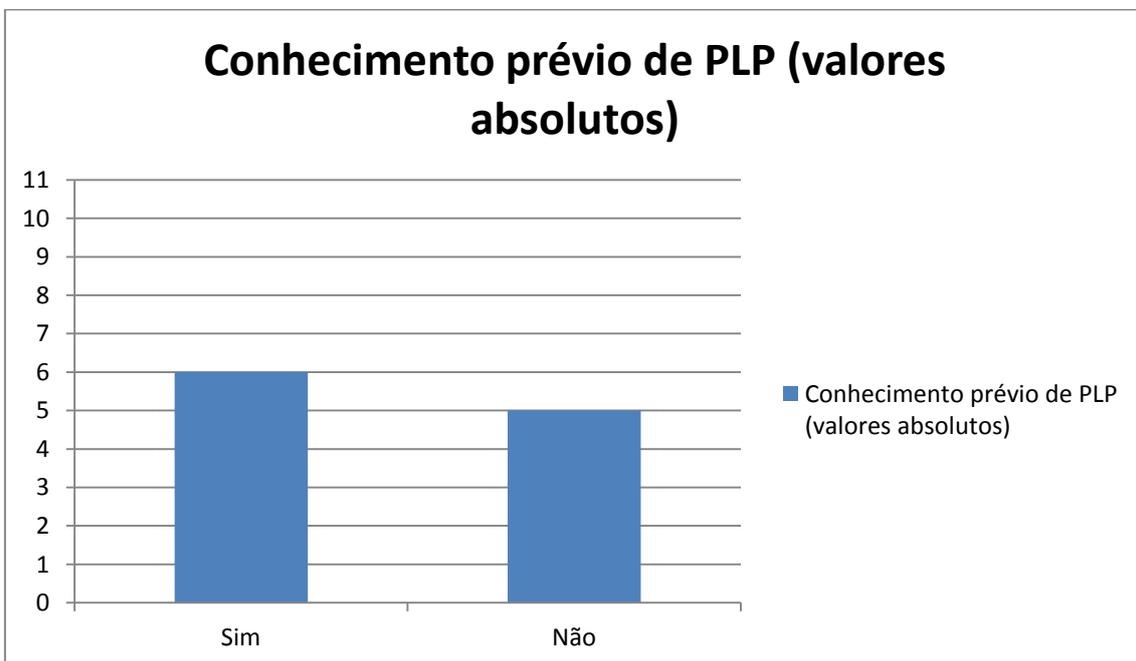


Gráfico 5: Conhecimento prévio de Países de Língua Portuguesa.

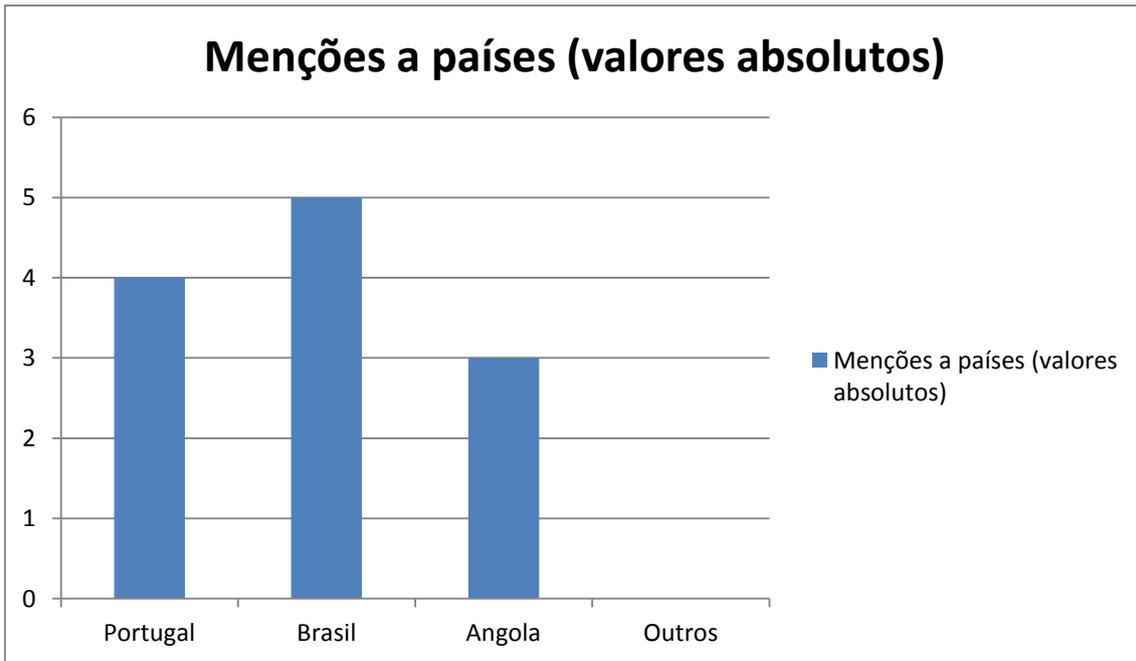


Gráfico 6: Menções a países de língua portuguesa conhecidos pelos alunos.

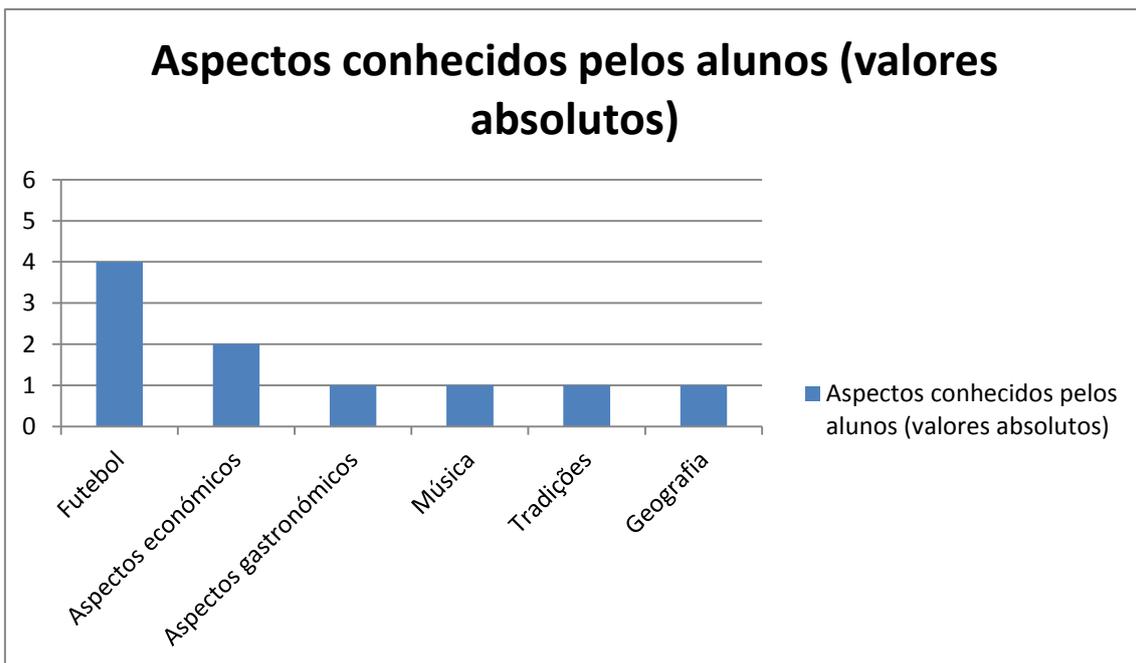


Gráfico 7: Aspectos conhecidos pelos alunos que revelaram ter conhecimento prévio de países de língua portuguesa.

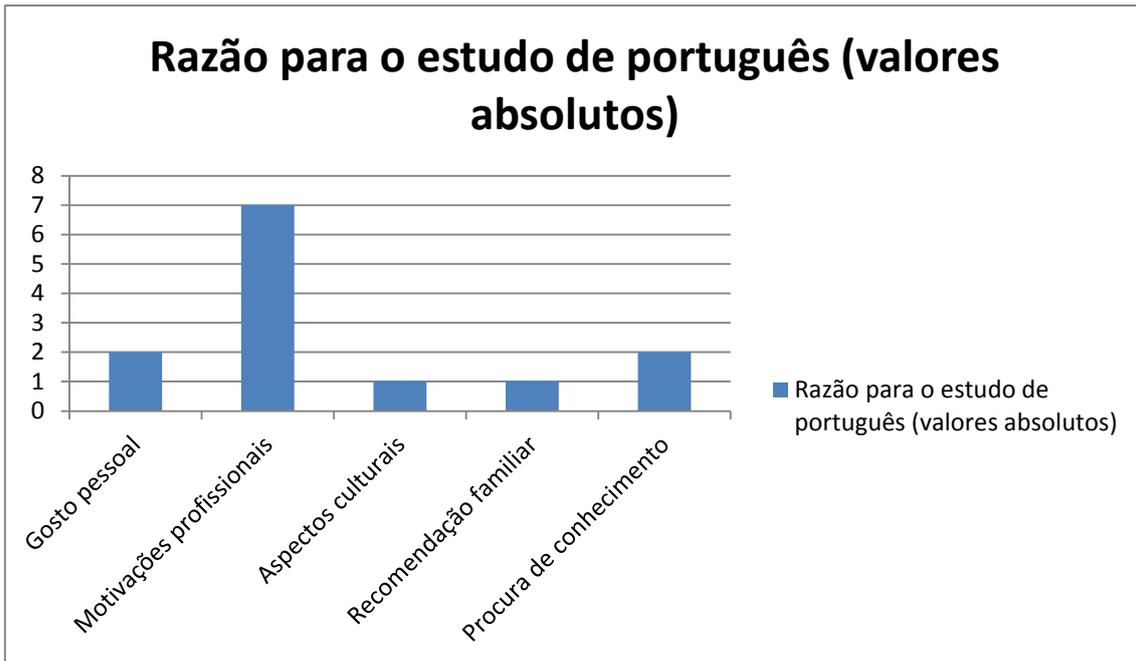


Gráfico 8: Razões apontadas para o estudo de língua portuguesa.

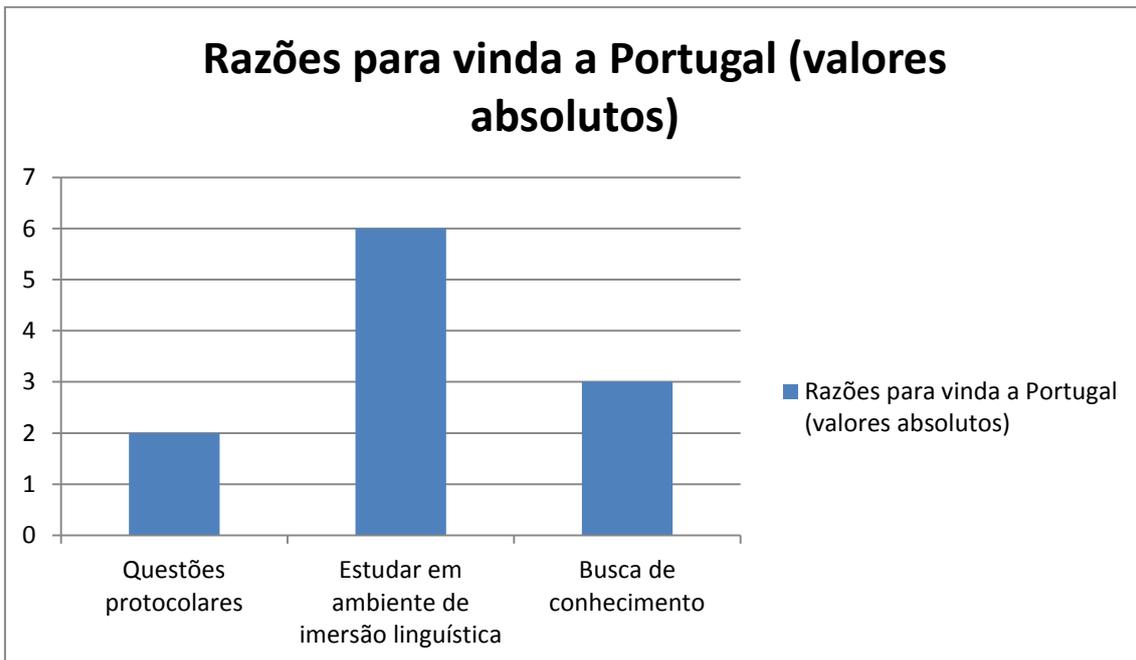


Gráfico 9: Razões na base da vinda a Portugal.

Grupo 2 – Estadia em Portugal

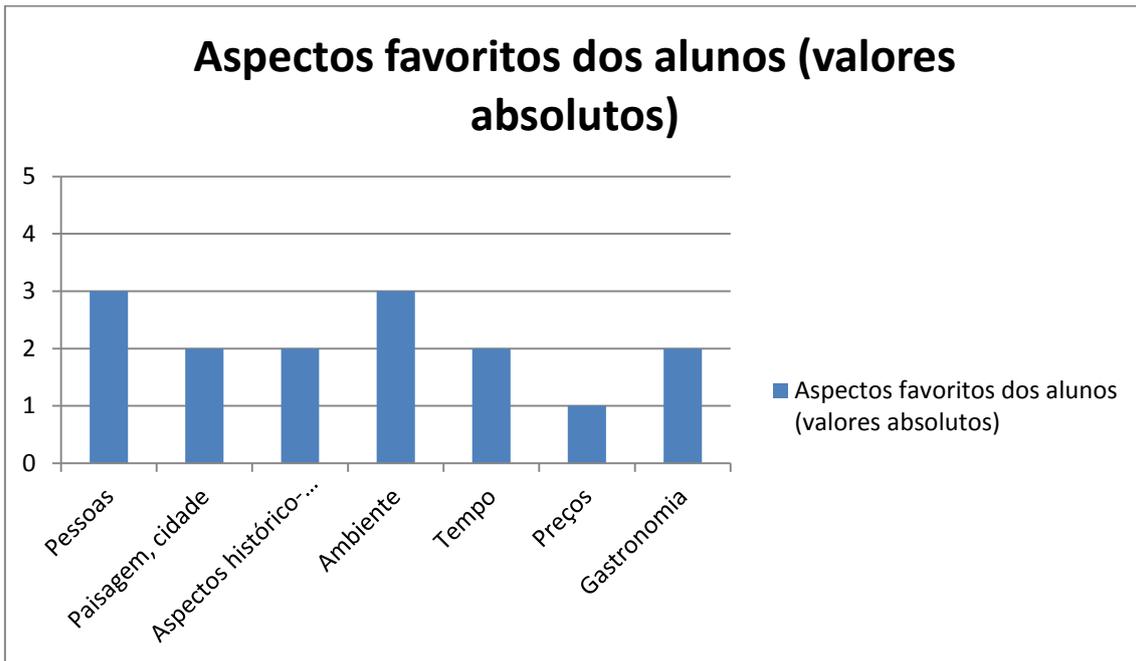


Gráfico 10: Aspectos favoritos dos alunos.

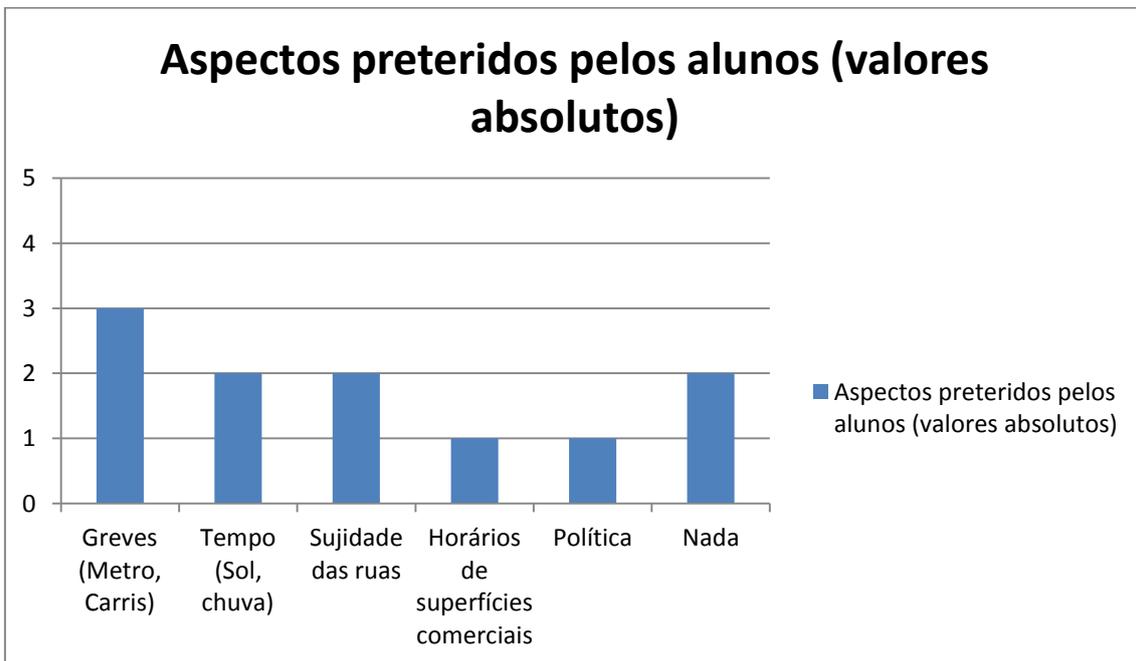


Gráfico 11: Aspectos preteridos pelos alunos.

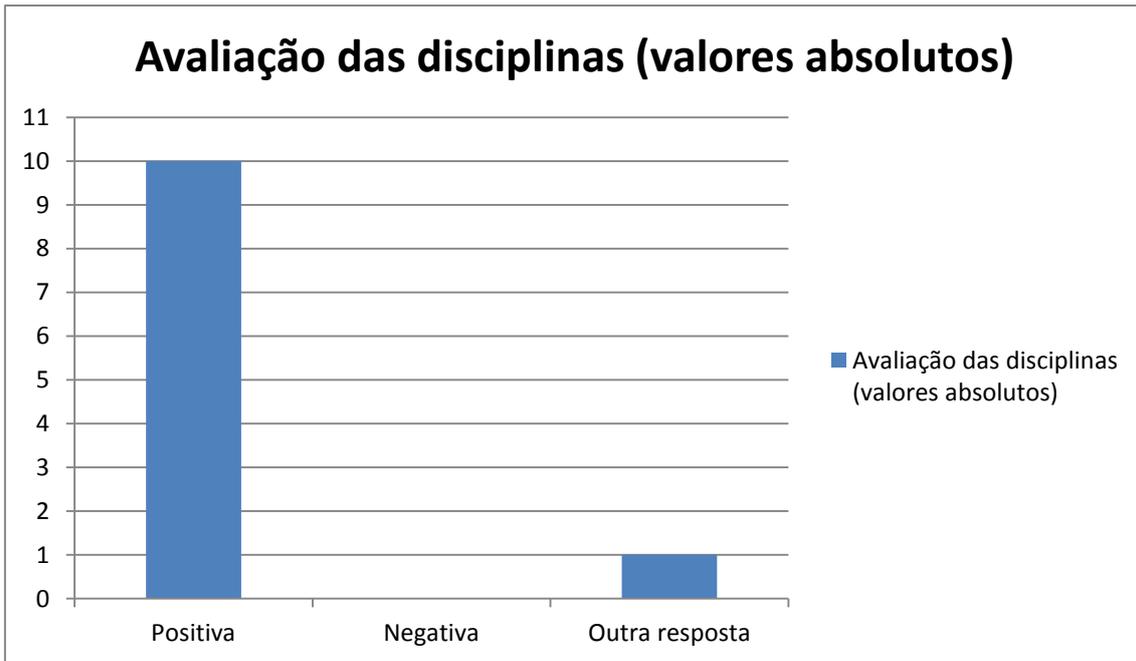


Gráfico 12: Avaliação das disciplinas.

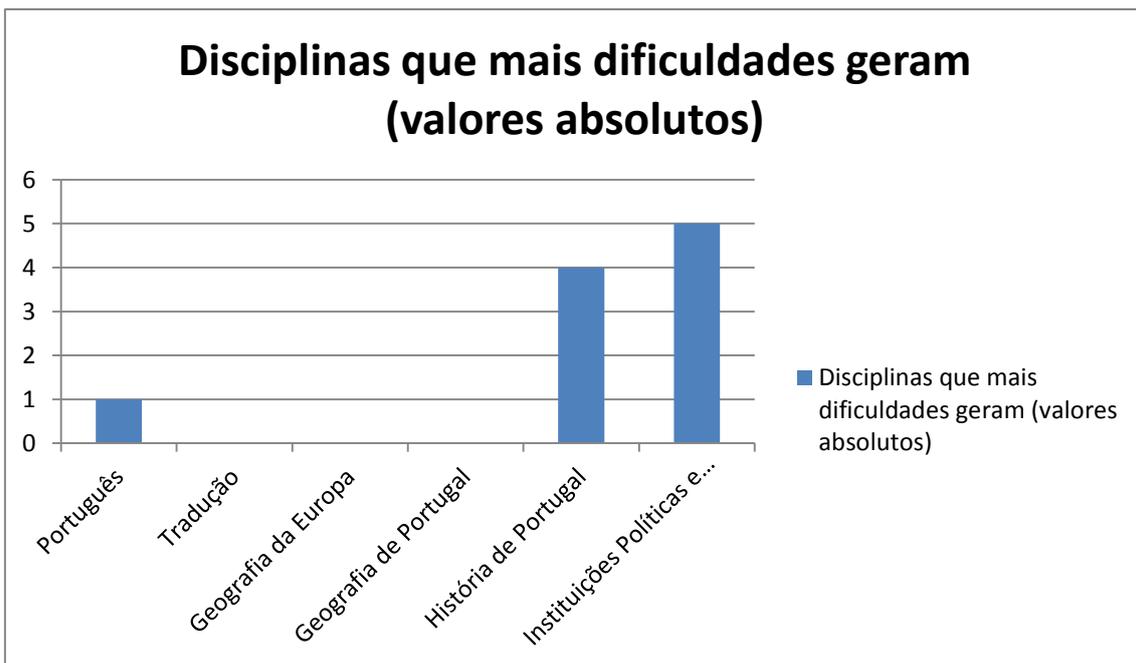


Gráfico 13: Disciplinas que mais dificuldades geram.

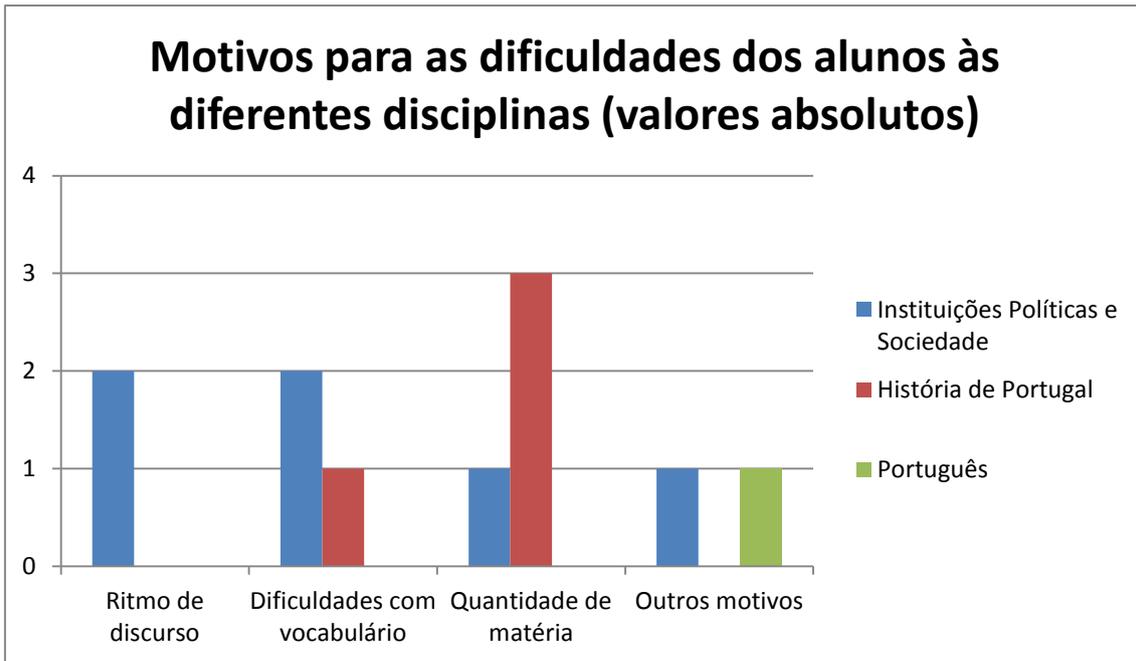


Gráfico 14: Motivos para as dificuldades dos alunos às diferentes disciplinas.

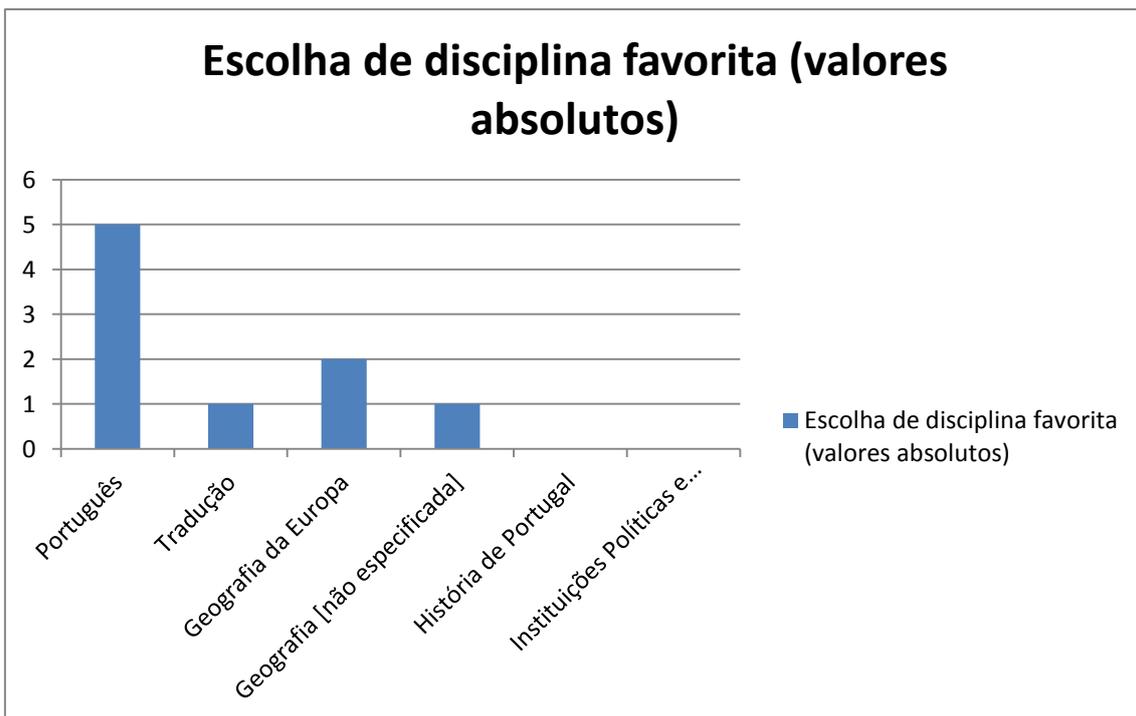


Gráfico 15: Escolha de disciplina favorita.

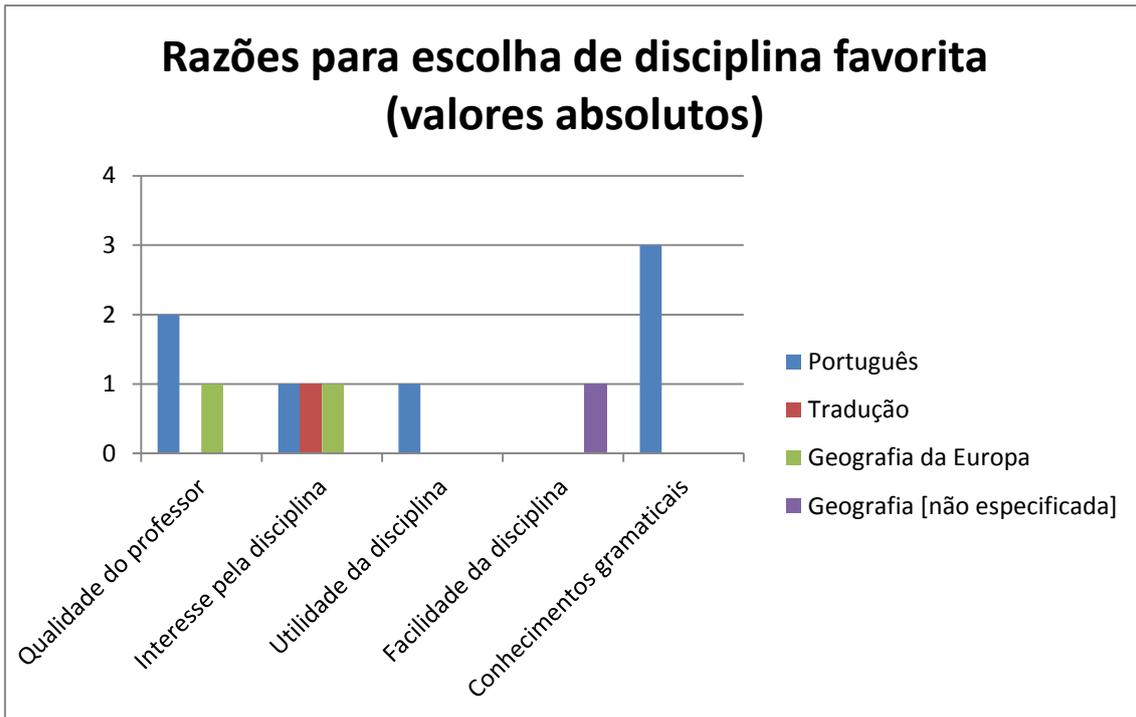


Gráfico 16: Motivos para a escolha de disciplina favorita.

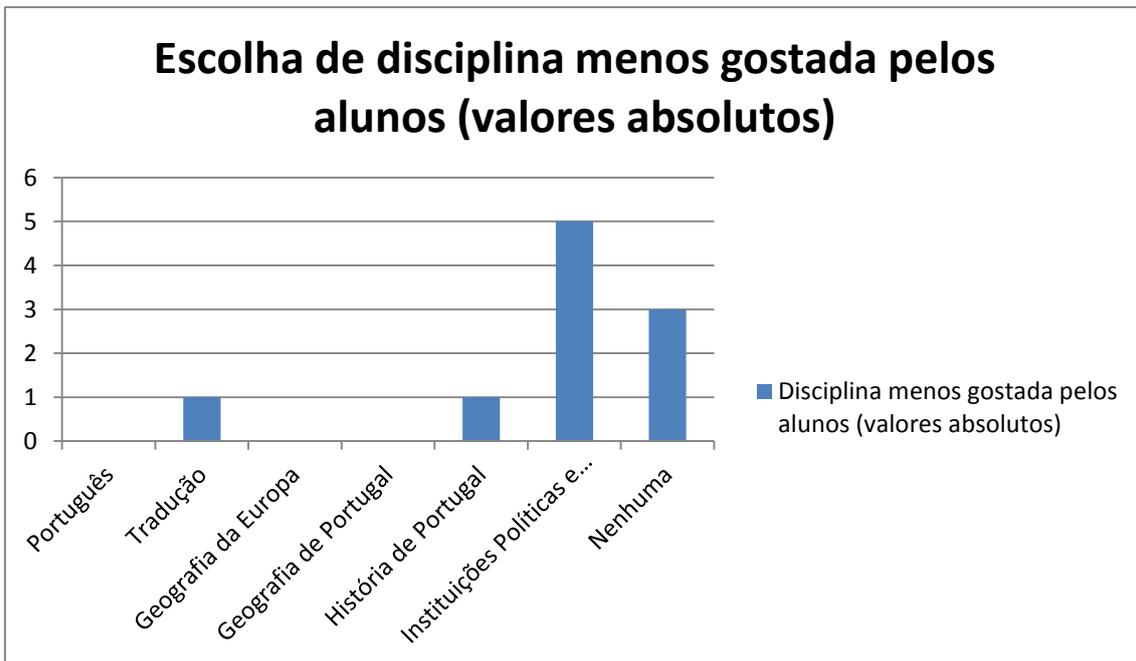


Gráfico 17: Escolha de disciplinas preteridas pelos alunos.

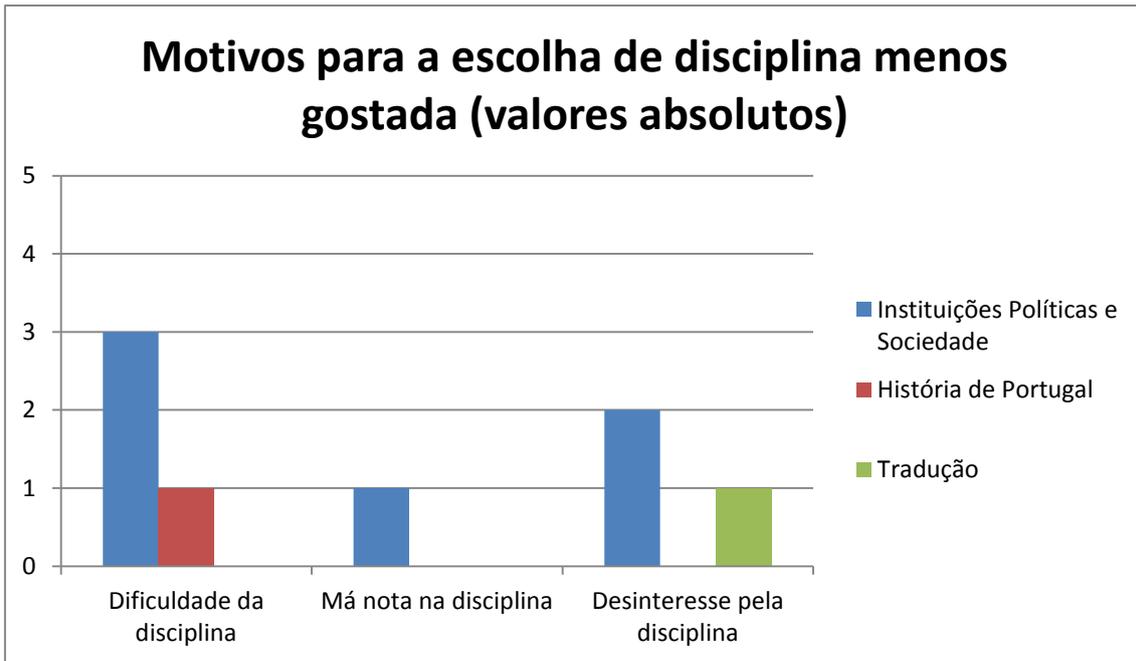


Gráfico 18: Motivos para a escolha de disciplina menos gostada.

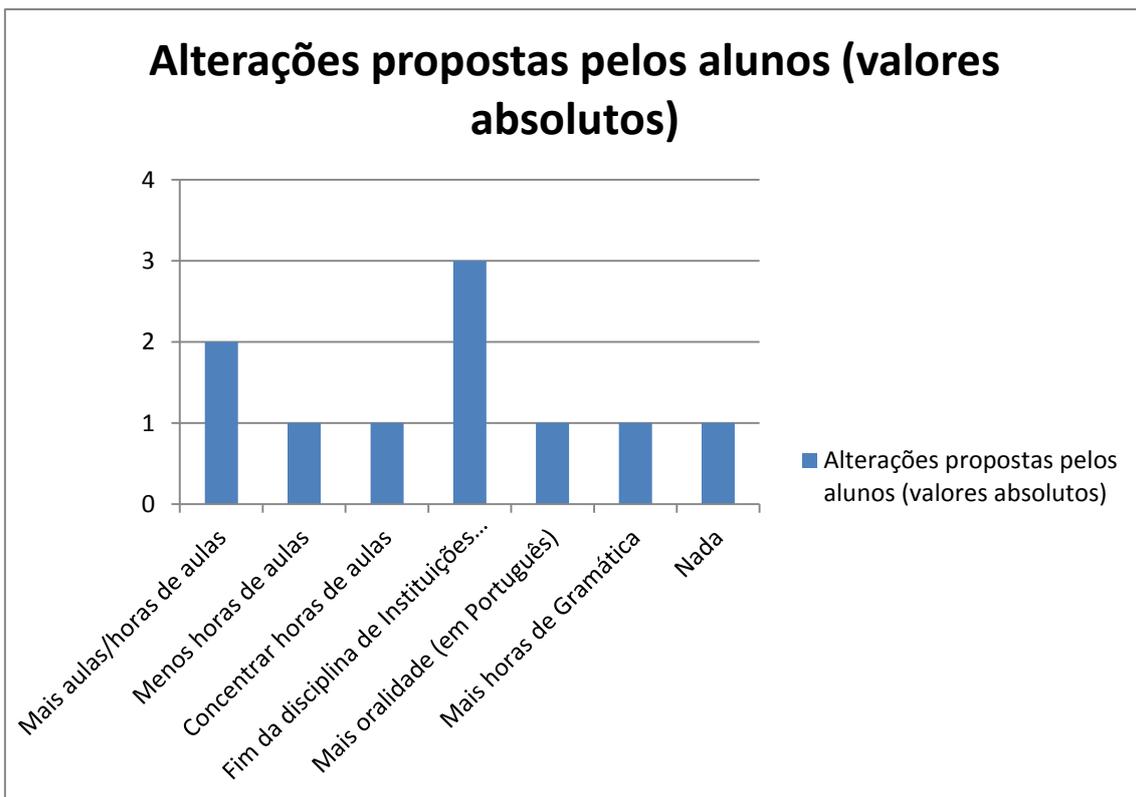


Gráfico 19: Alterações ao programa de estudos propostas pelos alunos.

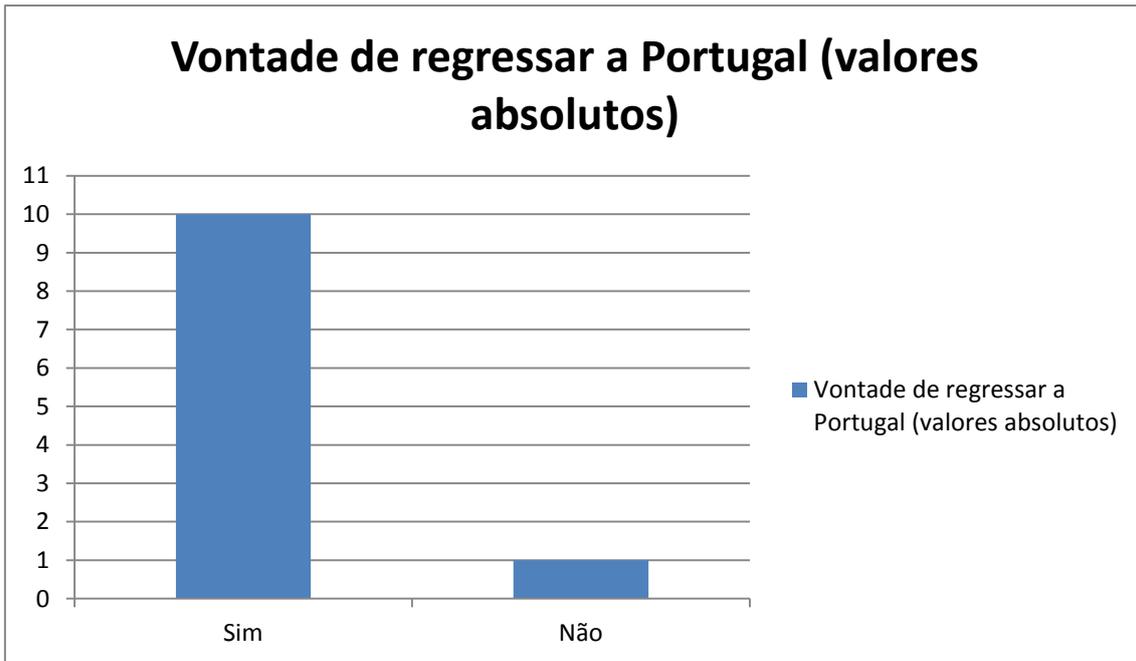


Gráfico 20: Averiguação do interesse em regressar a Portugal.

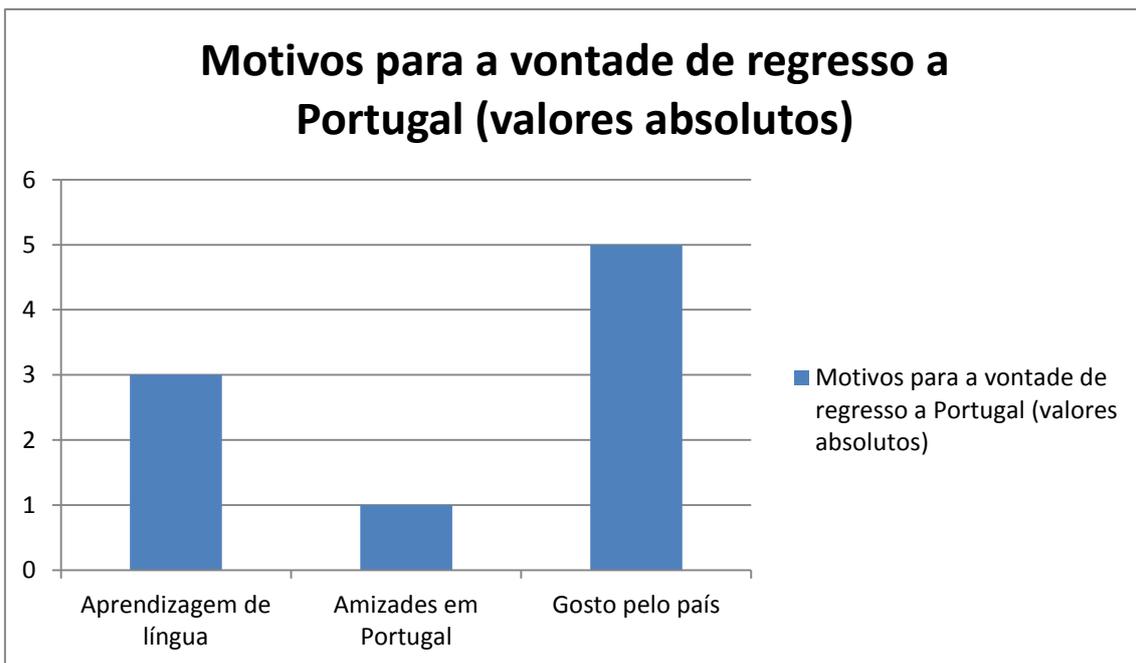


Gráfico 21: Razões para a vontade de regresso a Portugal.

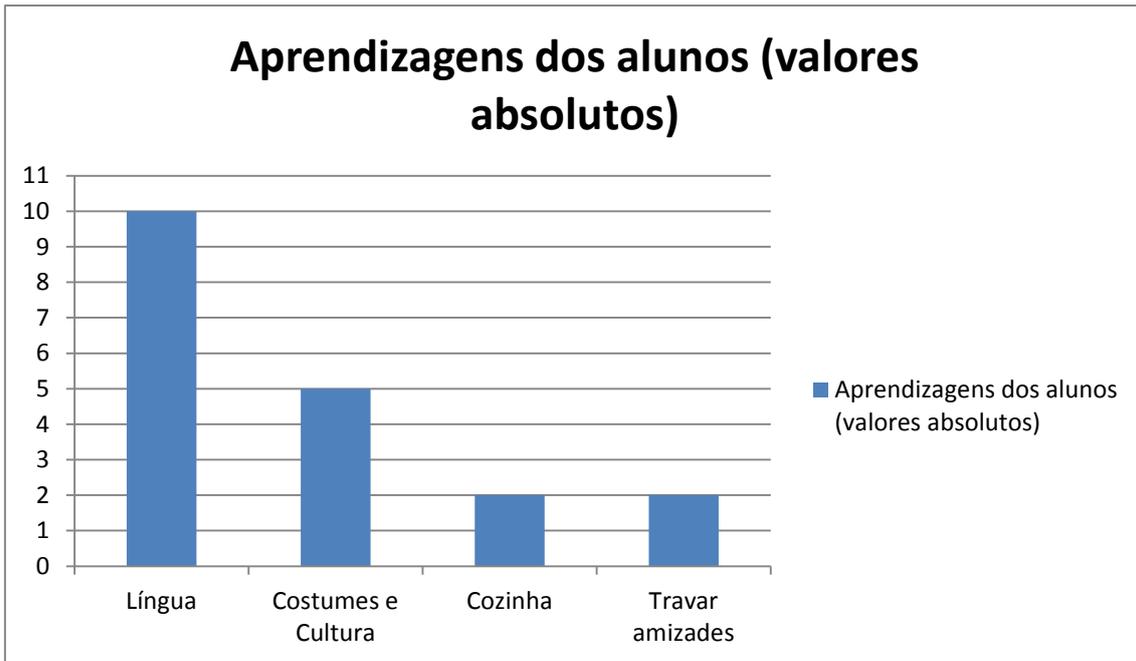


Gráfico 22: Principais aspectos aprendidos pelos alunos.

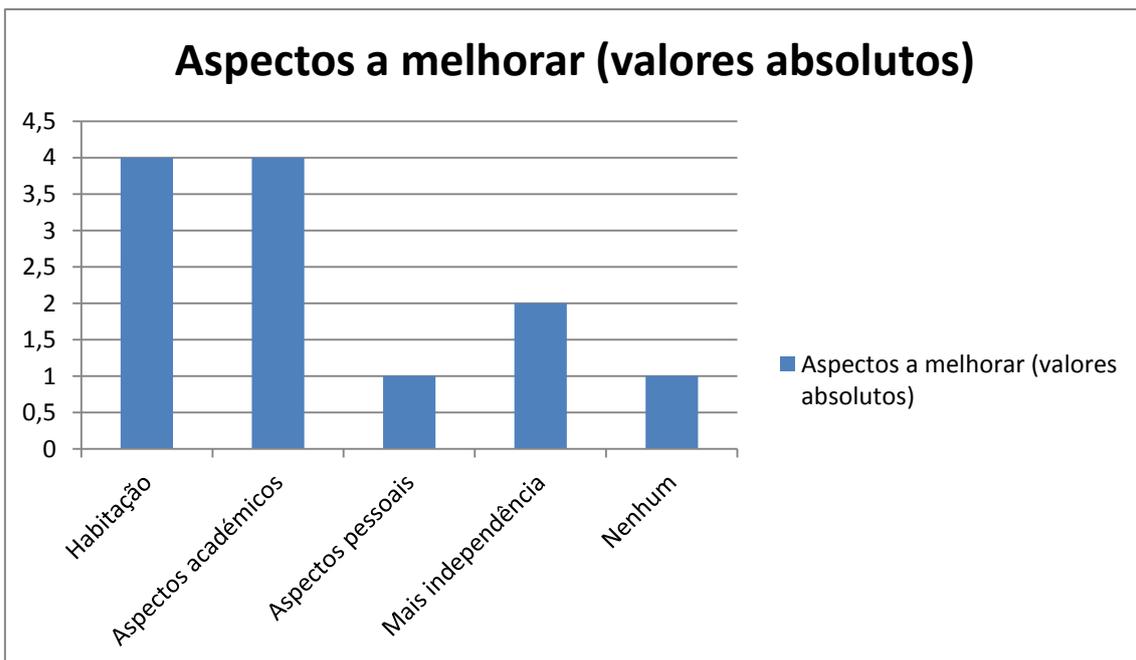


Gráfico 23: Aspectos susceptíveis a melhoria.

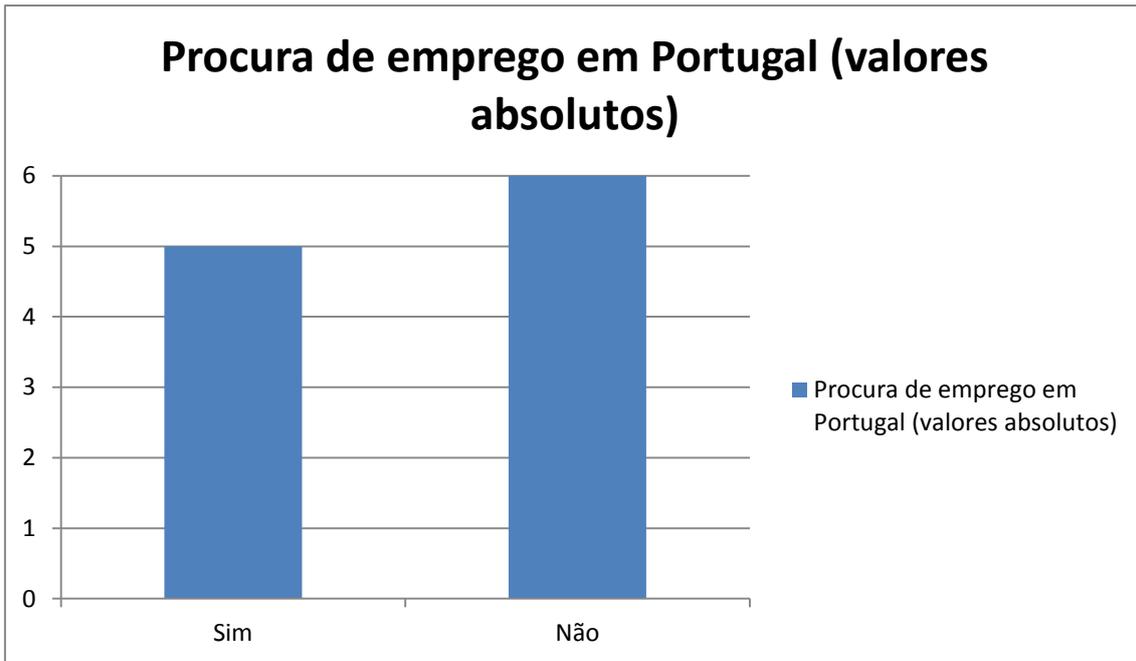


Gráfico 24: Procura de emprego em Portugal.



Gráfico 25: Actividades que os alunos sentem que ficaram por concretizar.

Anexo 6 – Valores relativos das respostas ao questionário

Informações pessoais

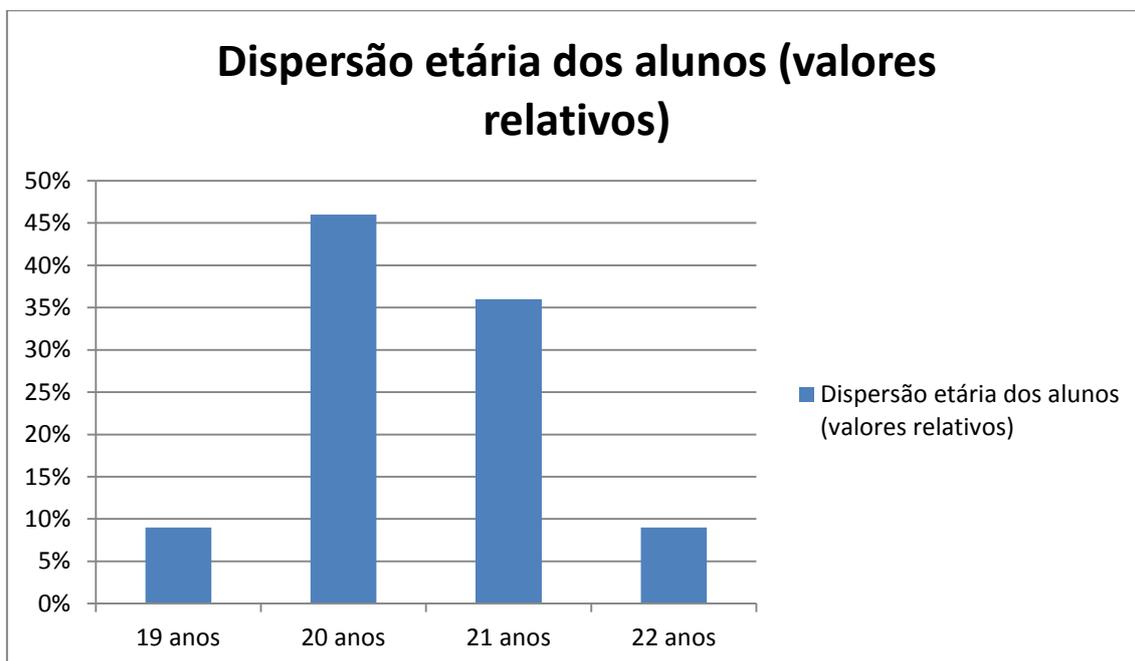


Gráfico 1: Dispersão etária dos alunos.

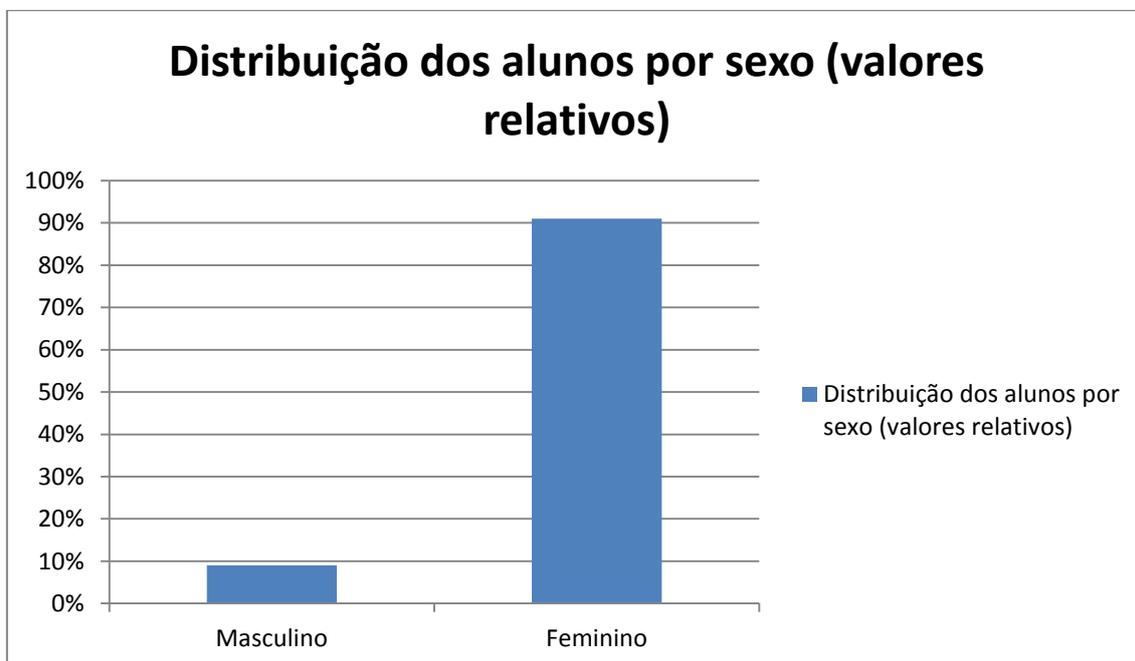


Gráfico 2: Distribuição dos alunos por sexo.

Distribuição dos alunos por ano de frequência do curso (valores relativos)

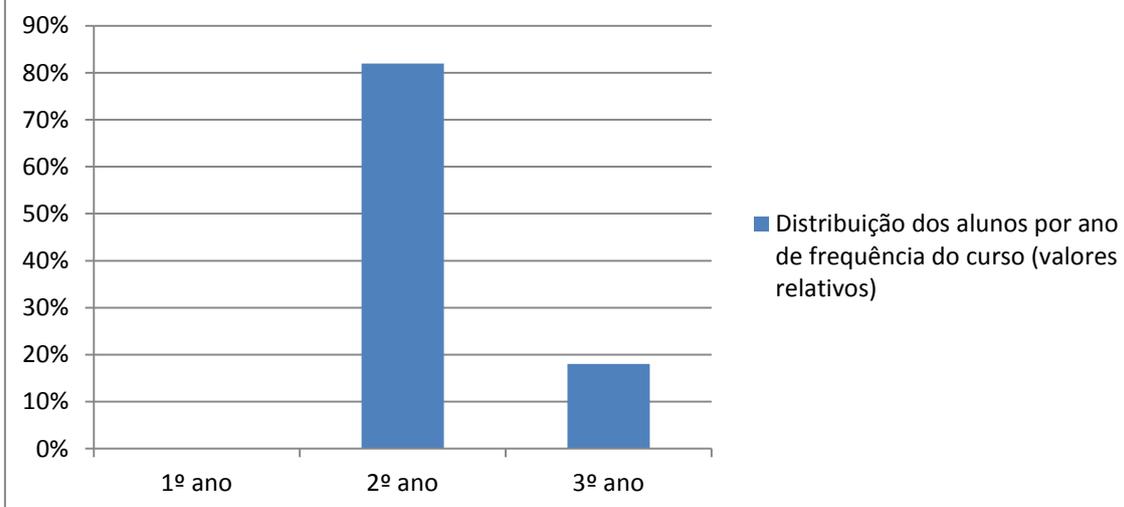


Gráfico 3: Distribuição dos alunos por ano de frequência do curso.

Grupo 1 – Perfil geral

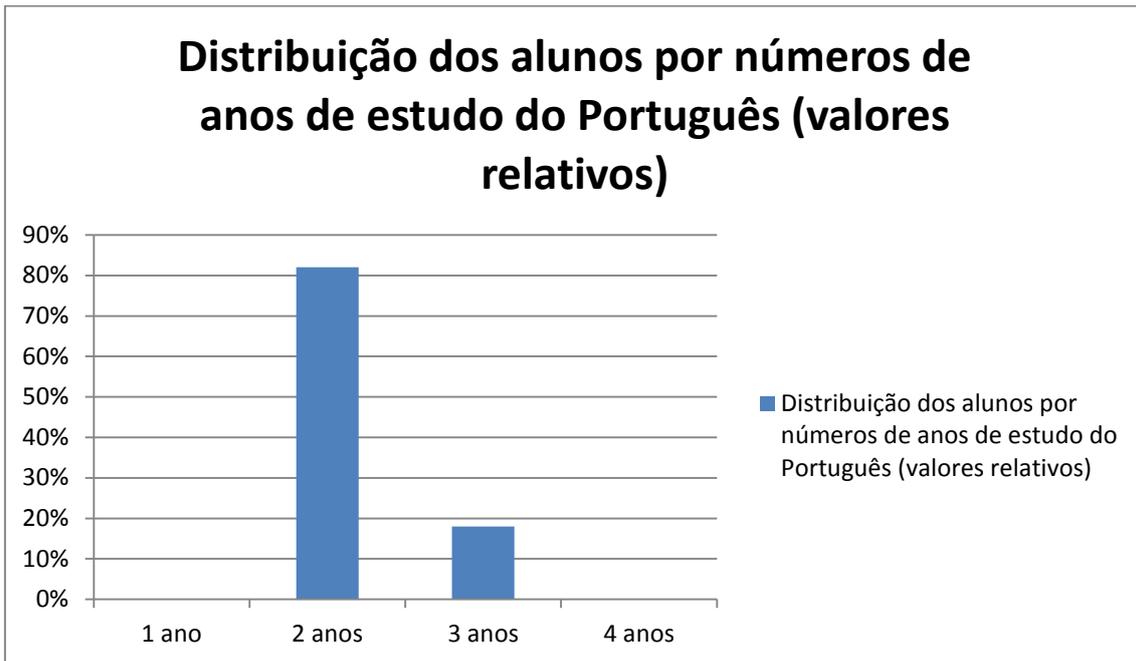


Gráfico 4: Distribuição dos alunos por números de anos de estudo do Português.

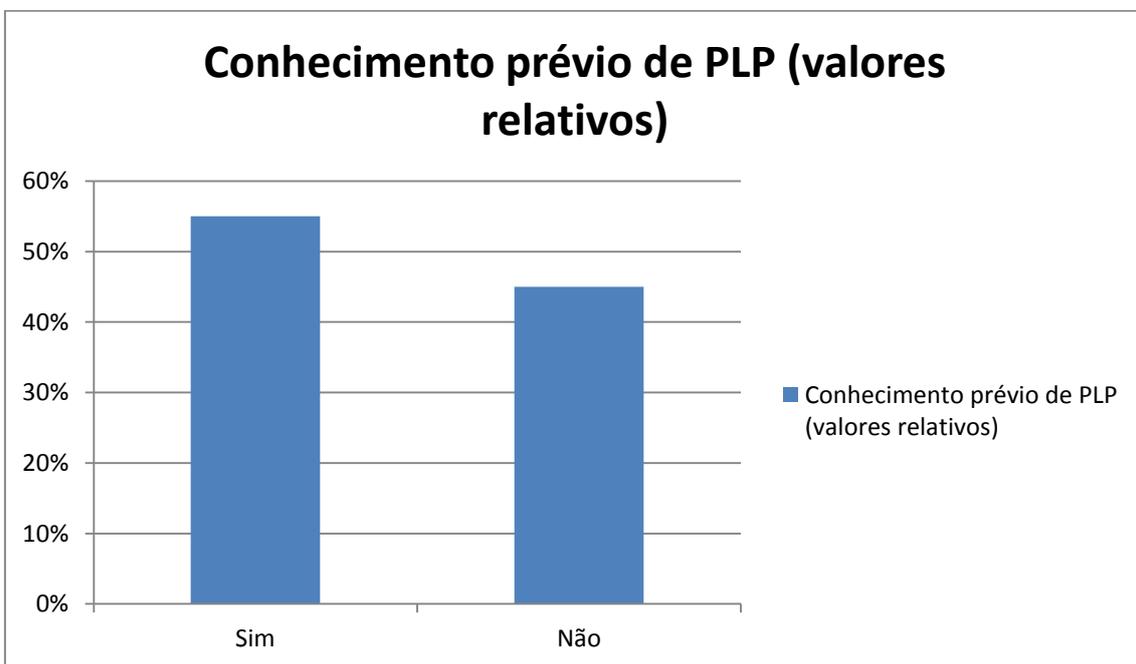


Gráfico 5: Conhecimento prévio de Países de Língua Portuguesa.

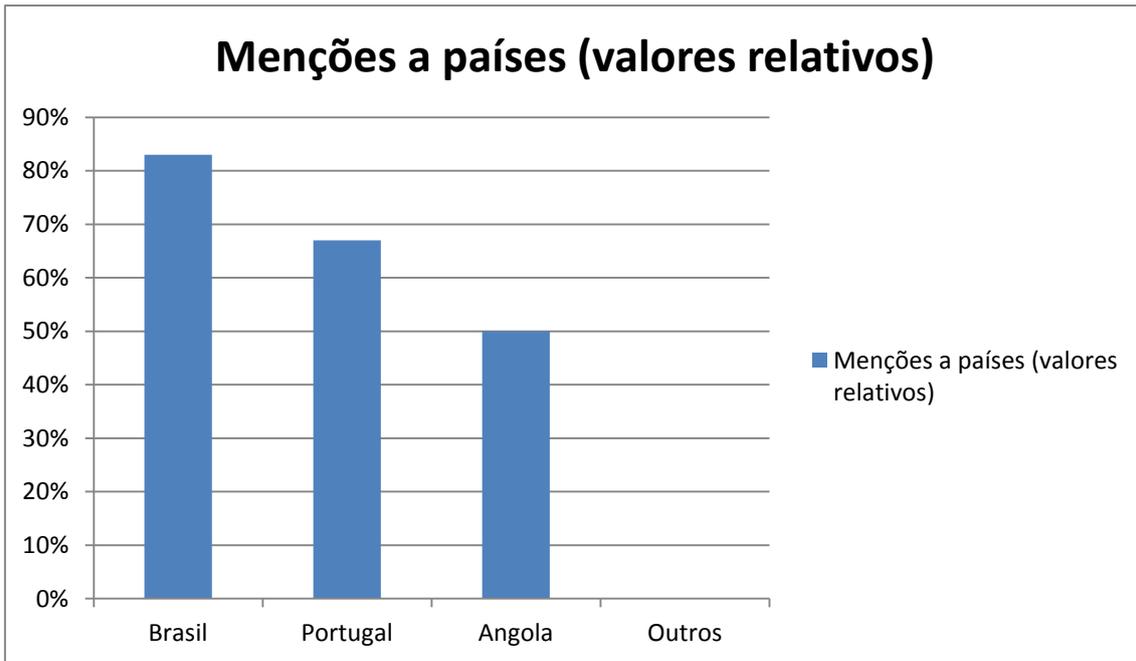


Gráfico 6: Menções a países de língua portuguesa conhecidos pelos alunos.

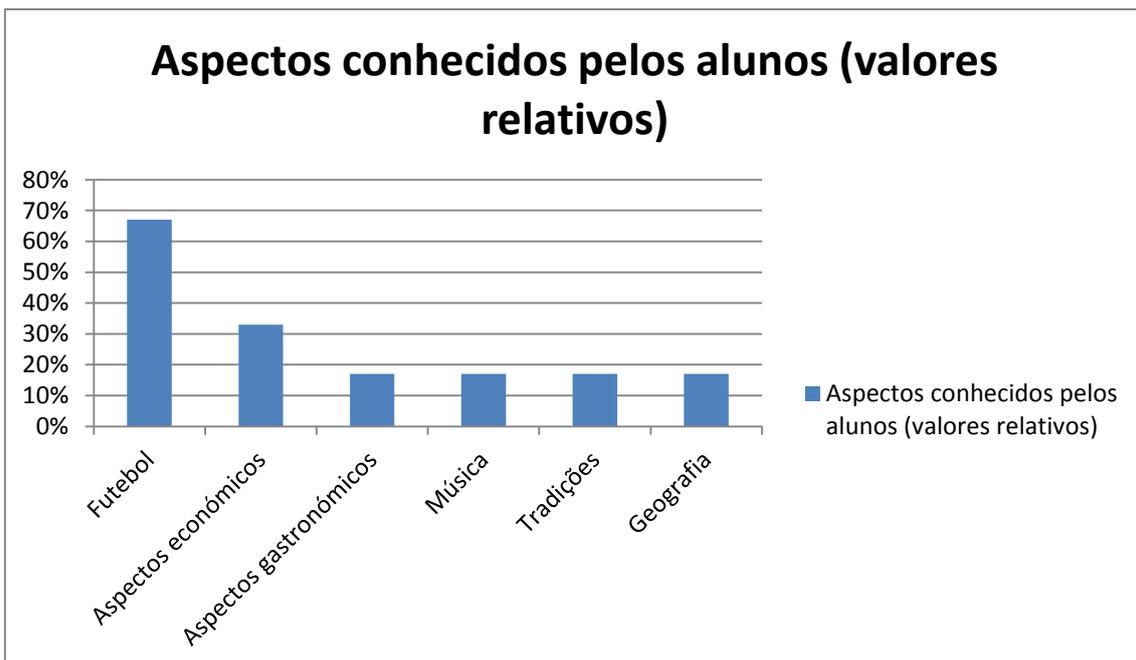


Gráfico 7: Aspectos conhecidos pelos alunos que revelaram ter conhecimento prévio de países de língua portuguesa.

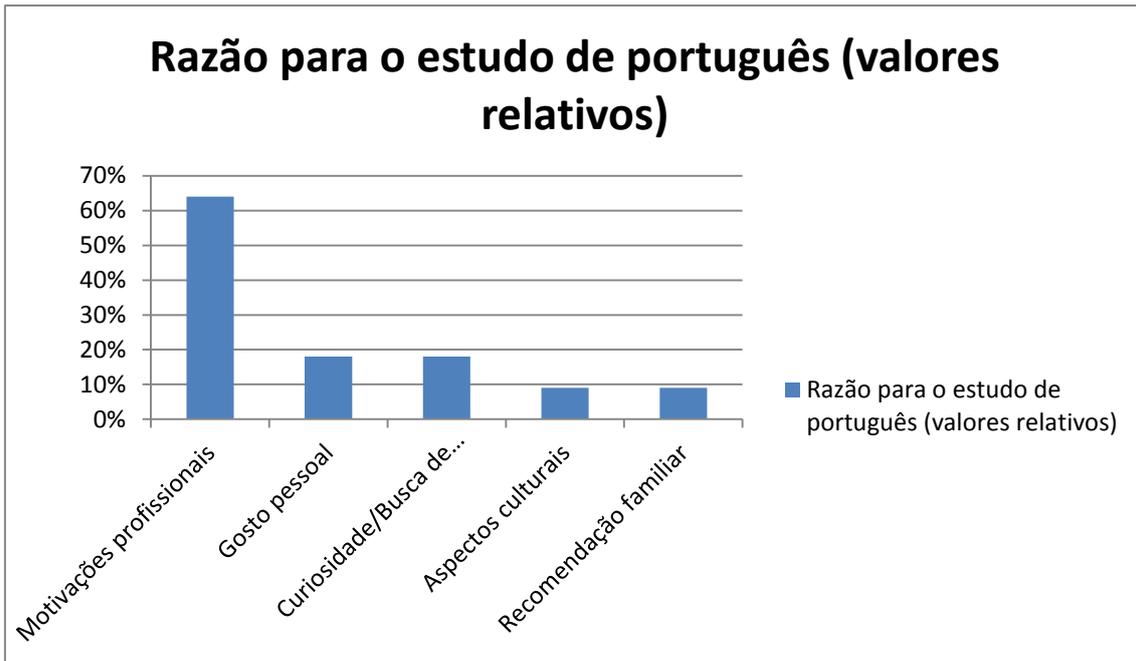


Gráfico 8: Razões apontadas para o estudo de língua portuguesa.

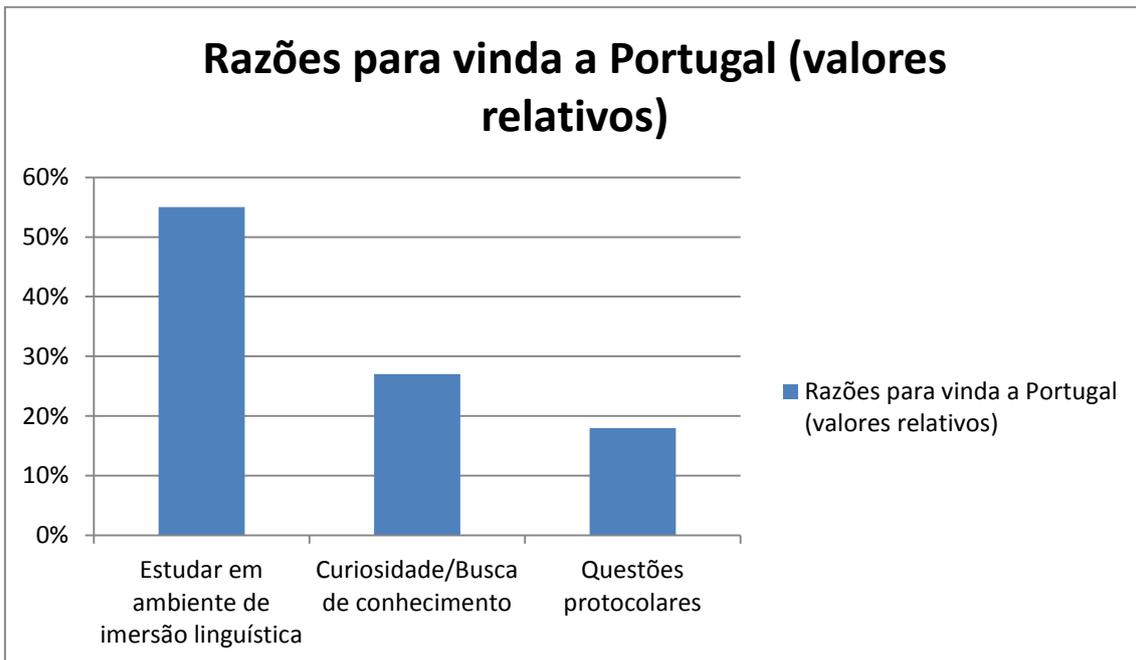


Gráfico 9: Razões na base da vinda a Portugal.

Grupo 2 – Estadia em Portugal

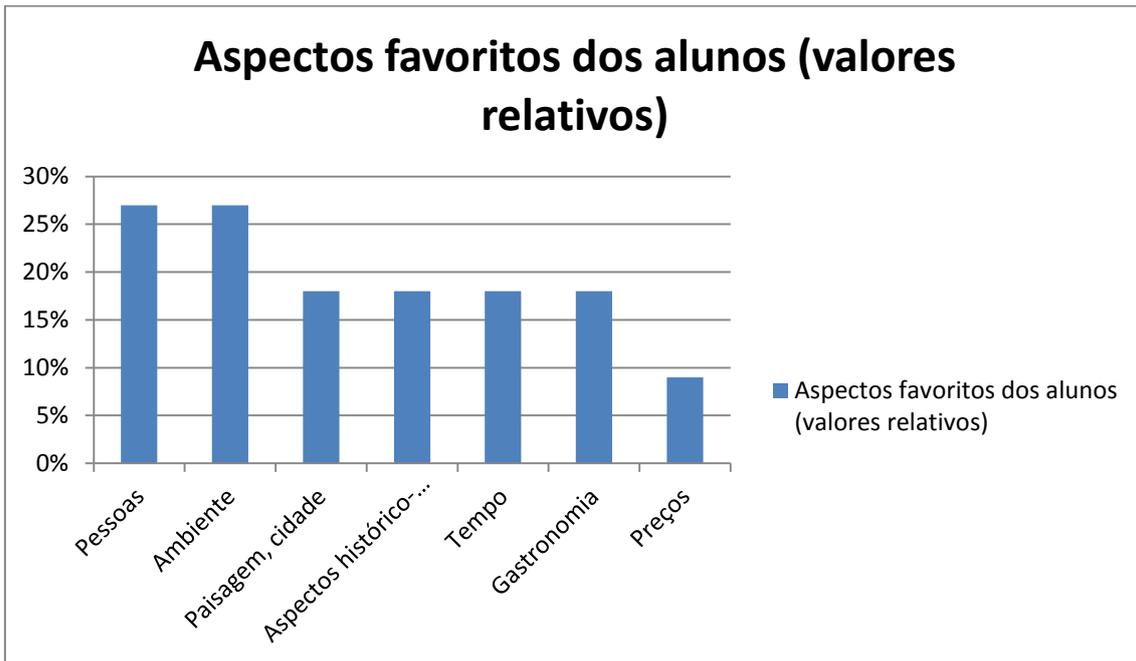


Gráfico 10: Aspectos favoritos dos alunos.

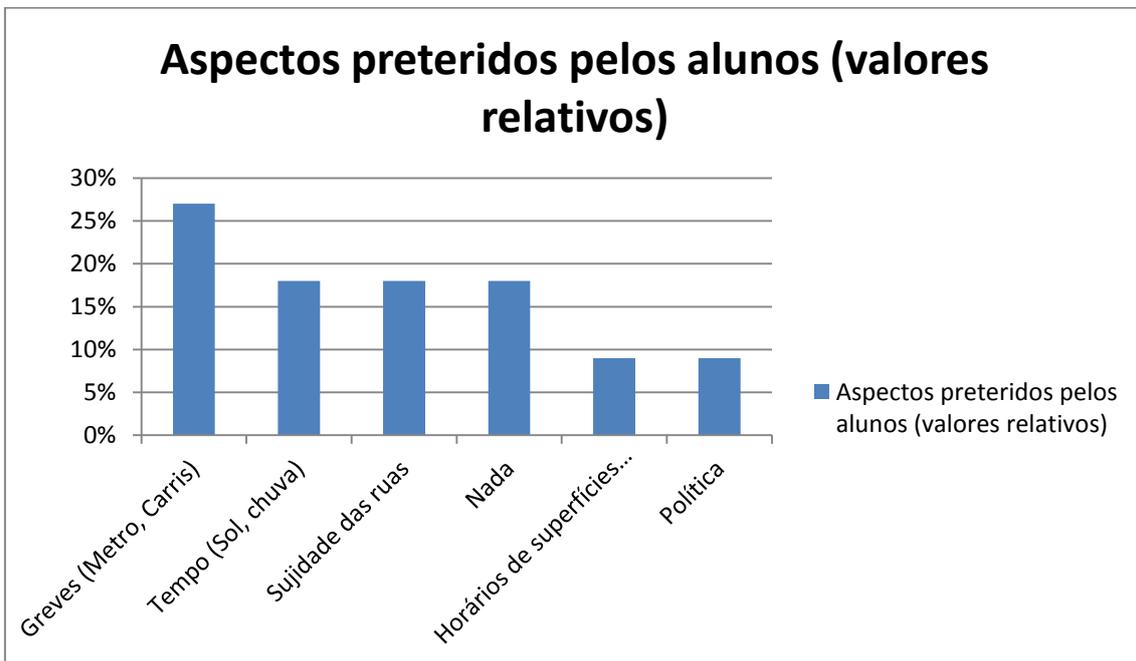


Gráfico 11: Aspectos preteridos pelos alunos.

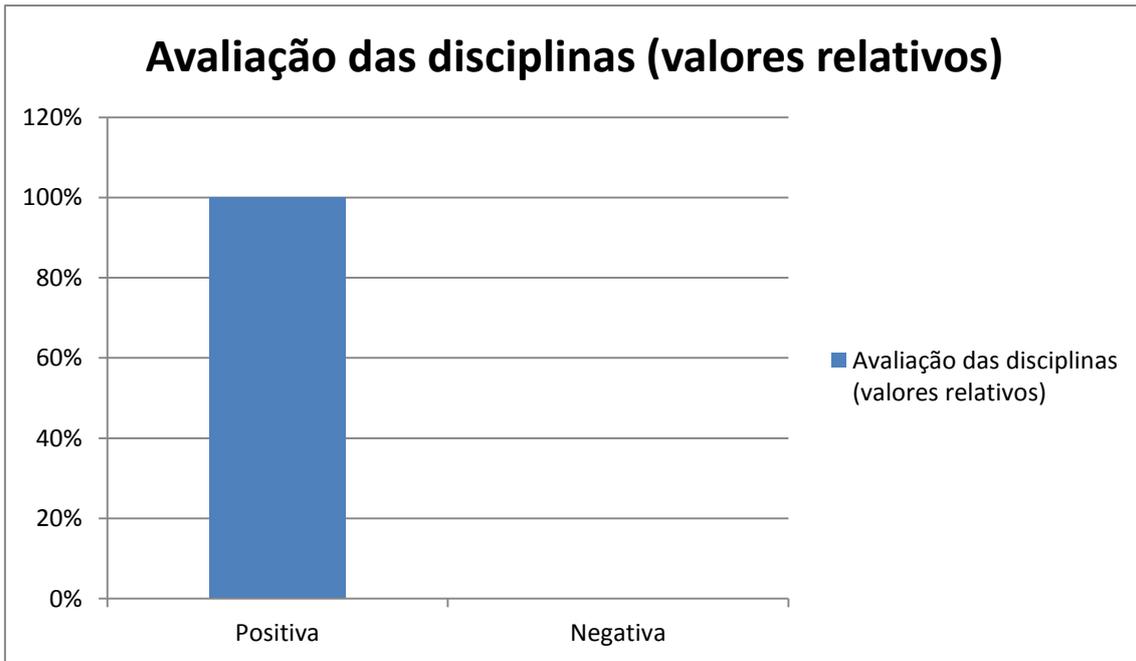


Gráfico 12: Avaliação das disciplinas.

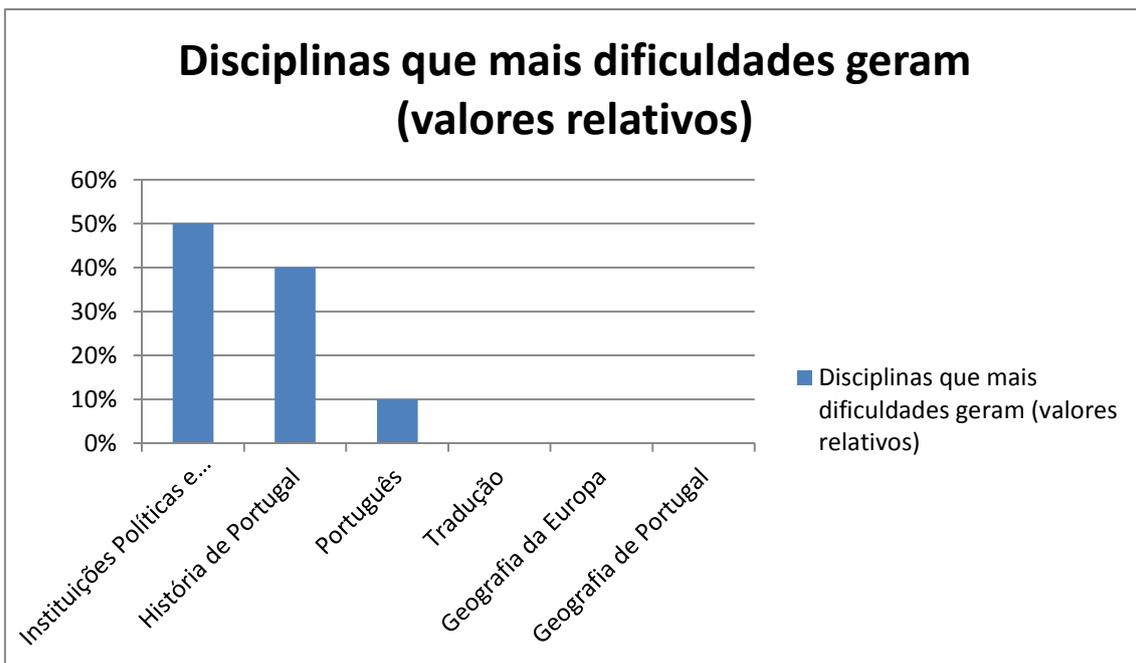


Gráfico 13: Disciplinas que mais dificuldades geram.

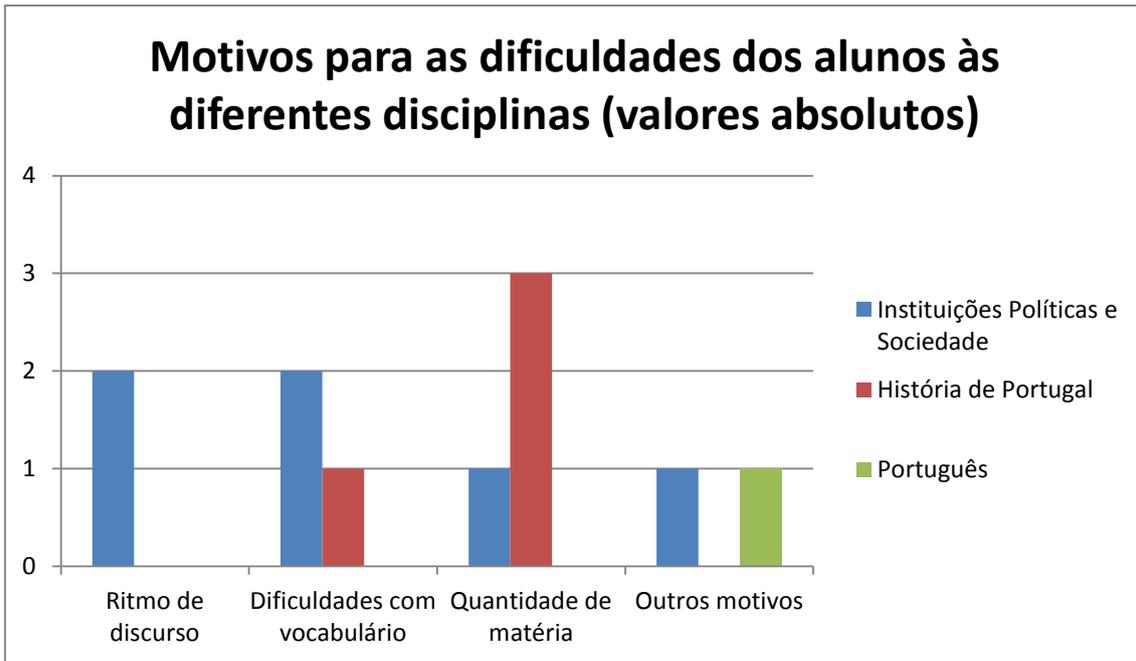


Gráfico 14: Motivos para as dificuldades dos alunos às diferentes disciplinas (valores absolutos).

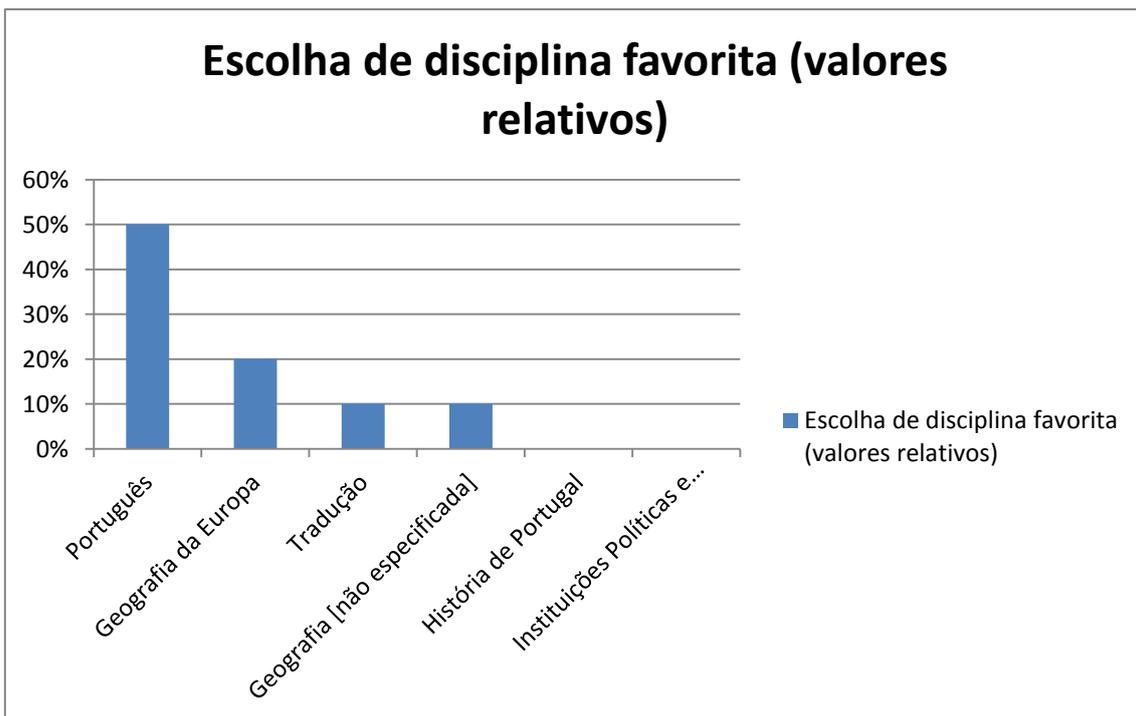


Gráfico 15: Escolha de disciplina favorita.

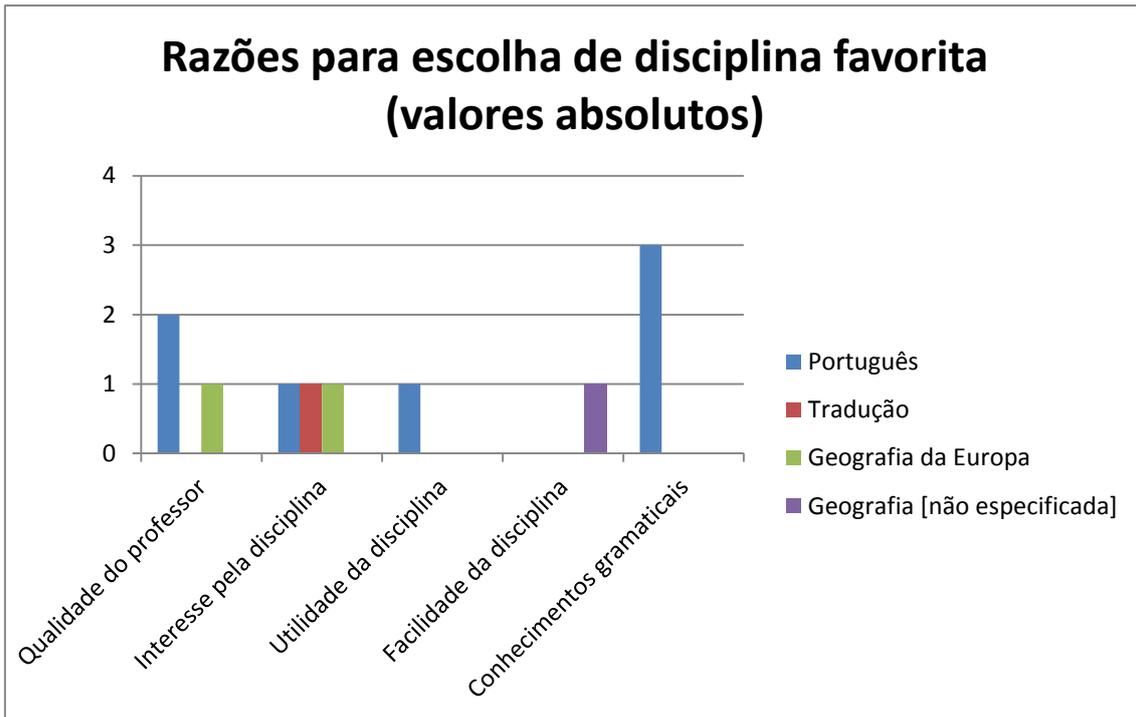


Gráfico 16: Motivos para a escolha de disciplina favorita (valores absolutos).

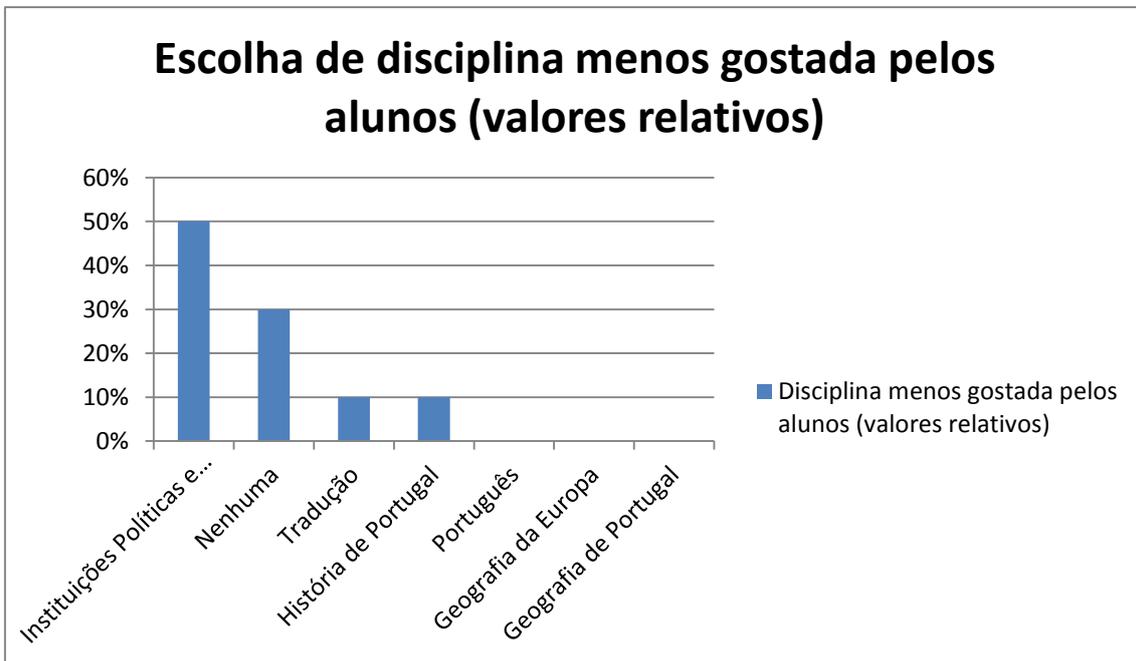


Gráfico 17: Escolha de disciplinas preteridas pelos alunos.

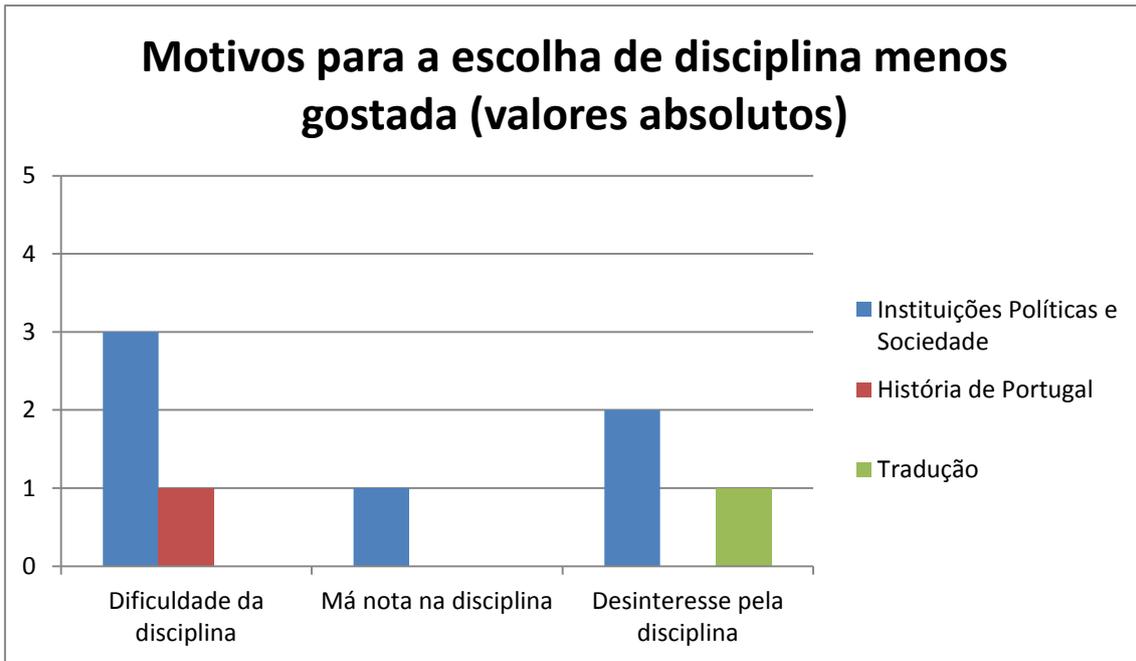


Gráfico 18: Motivos para a escolha de disciplina menos gostada (valores absolutos).

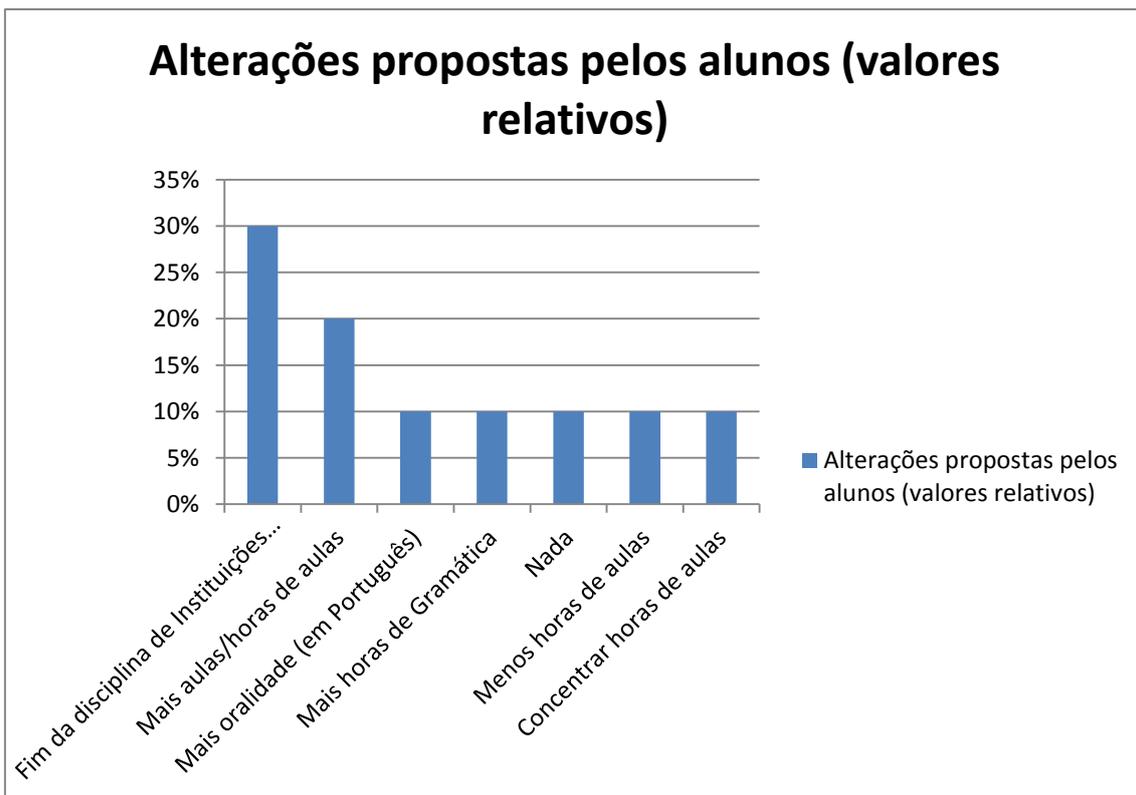


Gráfico 19: Alterações ao programa de estudos propostas pelos alunos.

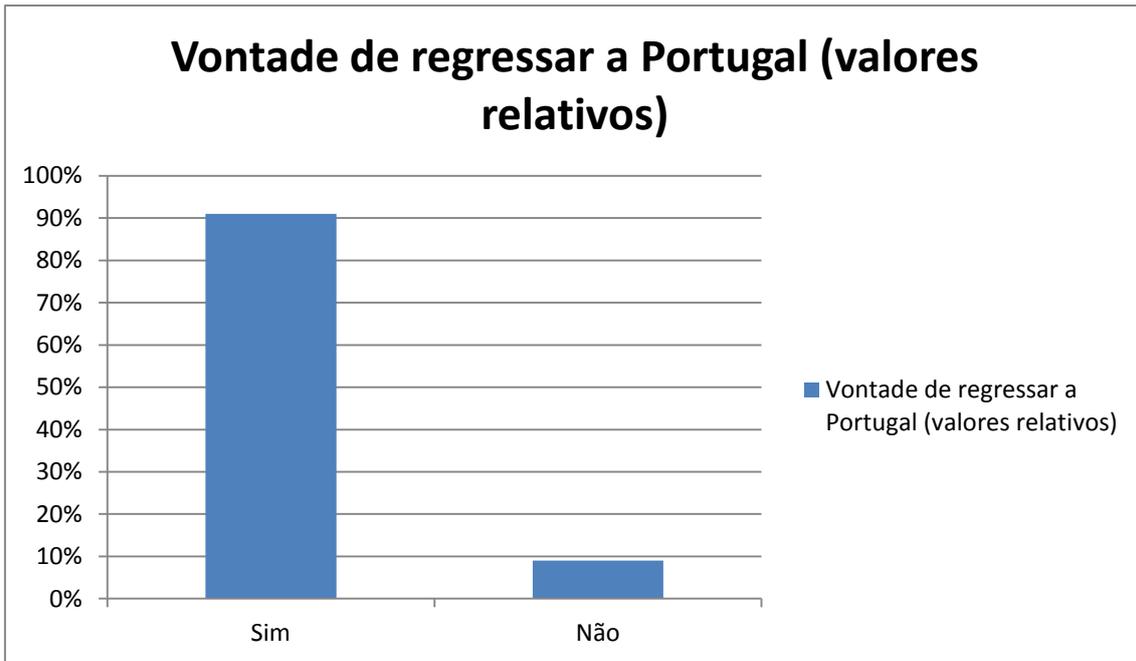


Gráfico 20: Averiguação do interesse em regressar a Portugal.

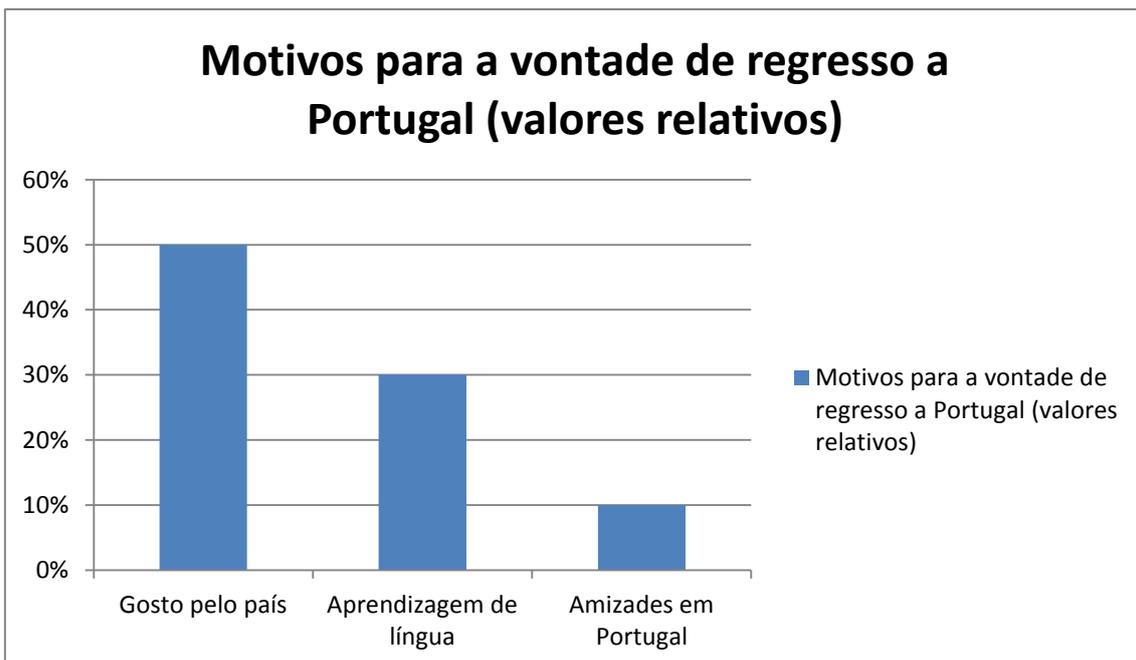


Gráfico 21: Razões para a vontade de regresso a Portugal.

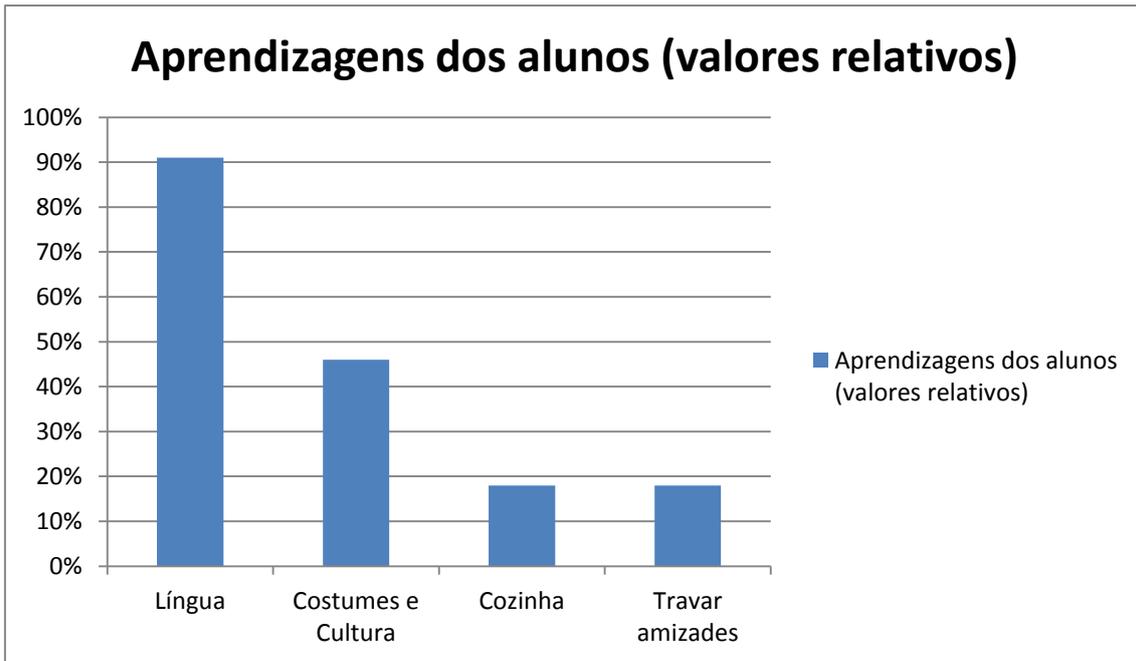


Gráfico 22: Principais aspectos aprendidos pelos alunos.

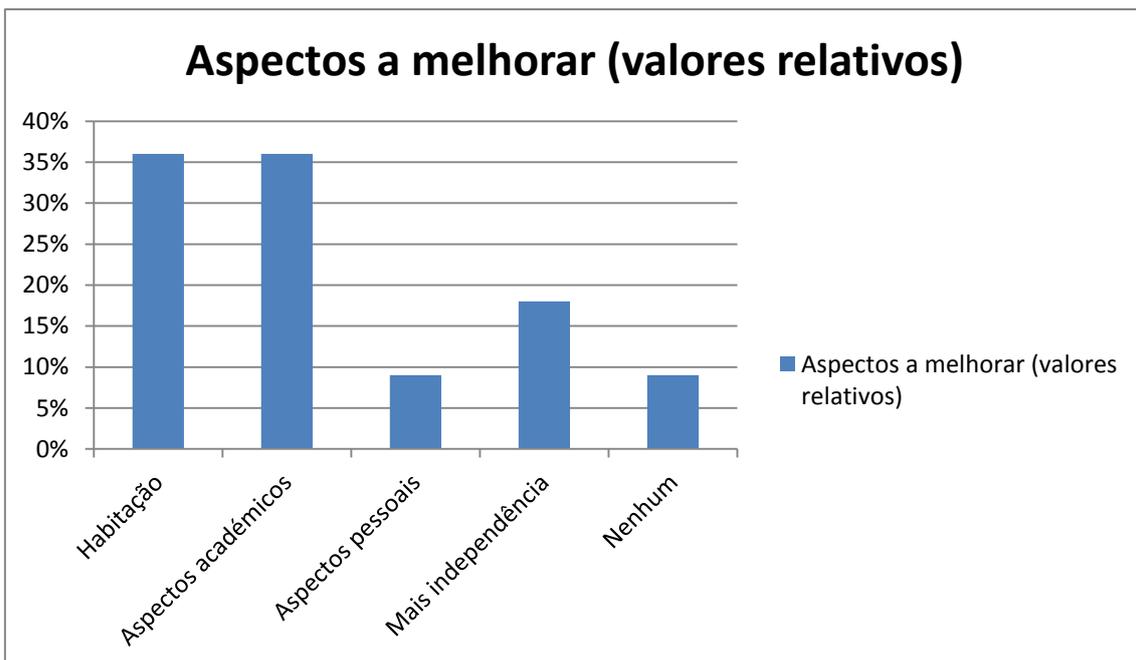


Gráfico 23: Aspectos susceptíveis a melhoria.

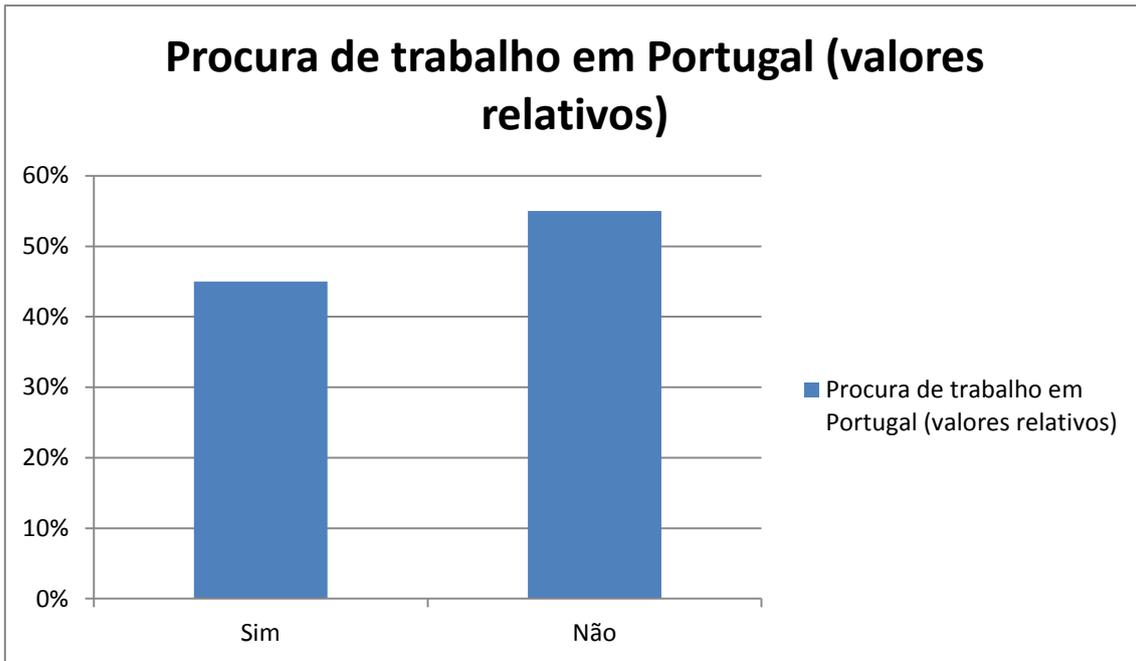


Gráfico 24: Procura de emprego em Portugal.



Gráfico 25: Actividades que os alunos sentem que ficaram por concretizar.

Anexo 7 – Entrevista a Gonçalo Dias, leitor na ULED

- 1. Antes de mais, queríamos agradecer por nos conceder esta entrevista. Começemos, perdoe-me o pleonasma, com uma breve introdução: quais as disciplinas que leccionou em Dalian, e quais os principais objectivos das mesmas?**

R: As disciplinas que leccionei em Dalian foram Audiovisual¹ (ao 1º, 2º e 3º anos da Licenciatura); Leitura Avançada, Literatura Portuguesa I e II e História dos Países Lusófonos. Apesar de algumas destas cadeiras pressuporem uma abordagem mais segmentada do Ensino de LE, focando-se, a título de exemplo, na compreensão oral (Audiovisual) ou na compreensão escrita (Leitura), a realidade é que o objectivo para todas tende a ser mais geral. O objectivo é contribuir para que os aprendentes se tornem comunicativamente competentes. Sendo assim, por definição, pretende-se que tenham sucesso na sua acção comunicativa em diferentes contextos socioculturais. Não nos podemos esquecer que o curso onde eles estão inseridos é de “Língua Portuguesa”. Repare, não é de “História da Expansão Portuguesa”, nem de “Literatura Contemporânea”, é de Língua Portuguesa. Essa é uma ideia que tem de estar presente. No caso das disciplinas que lecciono, a História e a Literatura são meios para ajudar a desenvolver a competência comunicativa, associando objectivos de competência linguística a alguns elementos de cultura geral que podem ser importantes para compreender melhor os países que falam português. O objectivo não é que eles estudem História e que discorram profusamente sobre datas, nomes, conceitos e acontecimentos. O objectivo passa por poderem desenvolver o seu nível de português e compreenderem algumas tendências da realidade lusófona, não mais que isso. O mesmo é válido para a Literatura.

- 2. Do seu contacto com a realidade local, quais as principais aspirações dos alunos de Dalian ao entrarem na Licenciatura em Língua Portuguesa?**

R: Bem, diria que as principais aspirações centram-se no futuro relativamente distante. A maioria dos estudantes quando chega à Licenciatura vem na expectativa de, quatro anos depois, conseguir um emprego bem remunerado. É uma visão bastante pragmática do sistema educativo, nomeadamente do Ensino Superior. “Eu entro na Universidade, estou aqui quatro anos, e depois consigo um bom trabalho”. A maioria tem um conhecimento bastante restringido sobre os países de expressão portuguesa quando chega à Universidade, portanto é natural que não tenha objectivos mais imediatos ou específicos relacionados com o processo de aquisição. Creio que esse acaba por ser o maior desafio: gerir as expectativas dos aprendentes, aproveitar a motivação que têm, e canalizá-la para o presente.

- 3. Centrando agora as atenções no curso em si: quais os grandes objectivos da Licenciatura em Língua Portuguesa da ULED? Como caracteriza o curso?**

R: Os grandes objectivos passam por aquilo que referi na resposta à primeira pergunta, ou seja, termos aprendentes competentes comunicativamente. Isto parece quase um Shangri-la educativo, uma coisa mítica que se diz à falta de melhor resposta, mas creio genuinamente que esse terá de ser o caminho, e penso que nesta Universidade é isso que se procura. Para lá chegar, a Universidade – em particular o Departamento de Português – procura melhorar

¹ Conhecida na China normalmente como *Laboratório*, visando sobretudo desenvolver a compreensão oral dos aprendentes.

sistematicamente as condições que oferece – seja na aquisição de materiais, na contratação de docentes, na relação que os docentes estabelecem com os discentes, enfim... no fundo, tenta-se criar o contexto mais favorável para que os aprendentes possam ter sucesso no presente, esperando que isso se possa reflectir no seu futuro.

O curso é reflexo desta política, sem esquecer algumas idiosincrasias do sistema educativo chinês que estão fora da nossa esfera de influência. Por exemplo, os aprendentes de Língua Portuguesa têm obrigatoriamente de realizar o CET – College English Test – e, por essa razão, continuam a aprender Inglês na Universidade. Também têm cadeiras fora do âmbito linguístico, como Política ou Contrato². De igual modo, é obrigatório participarem numa actividade extracurricular organizada pela Universidade (normalmente uma actividade desportiva). Aqui os estudantes vivem na Universidade, e creio até que é mais que isso... vivem a Universidade.

Fora as peculiaridades que referi, os aprendentes têm um grande número de horas de contacto com a língua portuguesa. Há disciplinas com um enfoque mais circunscrito, focadas numa competência linguística mais específica (e.g. Leitura), outras mais gerais (e.g. Português Elementar), outras, em menor número – como referi – mais socioculturais (e.g. Literatura).

Há um grande número de docentes, quando comparado com outras Universidades da China, e isso garante uma maior diversidade de experiências a que os aprendentes têm acesso. Penso que valoriza muito a ULED. Resumindo, é um curso que se foca – como o próprio nome indica – na língua portuguesa, logo é natural que a sua organização espelhe essa realidade.

4. Ao fim de um ano de estudos na ULED, surge a possibilidade de os alunos virem estudar para a UNL. Em primeiro lugar, gostaria de lhe perguntar o que é suposto um aluno saber ao fim do seu primeiro ano de Licenciatura – por exemplo, de acordo com o QREC, em que níveis de competência linguística se devem encontrar os alunos no final do primeiro ano? No fundo, quão bem preparados vêm os alunos para Portugal?

R: A Universidade utiliza o QREC de forma “solta”, digamos assim. Diria que – pelos materiais que servem de referência – os aprendentes encontrar-se-ão, no final do 1º Ano, entre o nível A1 e A2. Normalmente as competências de compreensão e produção escritas acabam por estar num nível superior às da compreensão e produção orais, o que é normal, face até aos hábitos de estudo dos aprendentes e ao facto de não estarem num contexto de imersão linguística. Mais do que este nível, só se forem casos pontuais, ditados maioritariamente pelo investimento pessoal de cada um. Quanto ao “quão bem preparados vêm”, a questão é um pouco mais complexa. A maioria dos docentes de cá – nos quais me incluo – pensa que é demasiado cedo irem para Portugal no final do 1º Ano. Penso que isso é posto ainda mais em evidência pela própria estrutura do curso que encontram em Portugal, que é bastante diferente do que encontram aqui, sobretudo se pensarmos que conteúdos como “História” e “Geografia” são apenas leccionados no 3º Ano, e com as condicionantes que referi anteriormente.

² Não estou certo do nome desta disciplina, é a tradução que os alunos me transmitiram ser a correcta. É uma disciplina que visa preparar os aprendentes para o mercado de trabalho.

5. Daquilo que os alunos partilham consigo em Dalian, quais as suas expectativas à vinda para Lisboa? O que esperam aprender? O que sabem eles, à partida, sobre a sua estadia em Portugal?

R: As expectativas não são muito orientadas para o estudo *per se*. O que a vasta maioria dos alunos pretende é aproveitar a oportunidade para conhecer um novo país, e ter mais autonomia do que tem aqui. Gostaria de dizer que é por outras razões, mas penso que estas são as principais – ou seja, pouco têm a ver com a aprendizagem da língua.

Com isto não pretendo dizer que eles não esperam aprender língua portuguesa. Eles têm a consciência que em contexto de imersão há mais oportunidades para praticar a língua, e para aprender mais, mas eles sabem pouquíssimo sobre a realidade que vão encontrar na FCSH. A ideia que constroem é demasiado vaga.

Quanto à realidade portuguesa, nós – como leitores estrangeiros – procuramos prepará-los para o que vão encontrar no dia-a-dia, tentando simular contextos o mais reais possível, ajudando a que a sua integração em Lisboa não seja demasiado abrupta, embora reconheçamos que uma coisa é “falar sobre”, outra coisa é “vivenciar a”.

6. Por uma conversa anterior, sei que já deu e continua a dar aulas a alunos que estudaram na UNL, ao abrigo do programa de intercâmbio entre a universidade portuguesa e a ULED. Qual o *feedback* que elas costumam passar da sua experiência em Lisboa?

R: Honestamente, não muito positiva, embora eles evitem falar abertamente de forma muito crítica por pensarem que – como sou português, lisboeta, e ex-aluno da FCSH – vou ficar triste ou zangado com o seu *feedback*. Às vezes acabo por saber a sua verdadeira opinião não da sua boca, mas por relatos de terceiros (docentes e estudantes) ou através de comentários (em língua chinesa) nas redes sociais.

Parece-me que os estudantes que estiveram em Portugal gostaram de viver em Lisboa, sobretudo por lhes proporcionar uma qualidade de vida e liberdade enquanto estudantes (sublinhe-se esta parte) a que não estão habituados aqui. Gostam também de poder viajar pelo país e pela Europa, e do ambiente social. A parte menos positiva é a sua experiência enquanto aprendentes, onde a crítica mais comum é “percebo muito pouco do que dizem nas aulas”, dando a entender que a experiência formal de aprendizagem é pobre quando comparada com a experiência informal – aprender através da acção em contextos diversos, seja numa ida ao Supermercado, ou a trabalhar num estabelecimento comercial.

7. Qual o impacto da estadia em Lisboa nas competências linguísticas dos alunos – por exemplo, comparativamente aos alunos da mesma turma que não passaram por Portugal?

R: Há uma variação interpessoal demasiado grande para poder estabelecer um padrão. O que me parece notório é que quem regressa de Portugal, normalmente, consegue ter um desenvolvimento mais notório na compreensão e produção orais, mas não há uma diferença significativa nas competências gerais entre os alunos que ficaram e os que regressaram. A

título ilustrativo, do grupo de três aprendentes do 3º Ano com melhores resultados nas avaliações de PLE, apenas um tinha estado em Portugal. Se formos ao “top 5”, temos dois alunos em cinco. É relativamente equilibrado. Depende muito do investimento de cada aprendente.

8. Por fim, algumas questões fora deste âmbito académico. Enquanto português recém-chegado à China, o que lhe causou uma impressão inicial mais forte? Consegue destacar alguma(s) diferença(s) cultural(ais) mais gritantes?

R: Eu licenciiei-me e sou Mestre em Estudos Asiáticos, tendo dedicado os últimos anos a tentar conhecer mais sobre as realidades asiáticas, portanto já procurava entender – como observador distante – alguns aspectos da China, o que me ajudou na minha integração. Contudo, nenhum livro me preparou para alguns aspectos mais funcionais que vivenciei quando cheguei. A maior diferença, para mim, é a lógica de organização. Aqui não há um plano de acção pré-concebido, há apenas uma lógica de problema-solução. Em Portugal, e nós nem temos fama de ser muito organizados, há bastante preocupação com esse aspecto, enquanto aqui – contrariamente, se calhar, ao que se pensa – não há uma ordem muito rígida. Parece vigorar a ideia de que *as coisas fluem*, e quando surgir um obstáculo, nós tentamos ver o que é possível fazer, evitando entrar em conflito, e arranjando a solução mais airosa e harmoniosa possível. Isto, no início, é um pouco stressante, pois algumas tarefas têm de ser realizadas em prazos relativamente curtos após o pedido ser feito, ou então, mesmo que haja tempo, adia-se a resolução do problema até ao limite. Depois vamo-nos habituando, mas para quem gosta de saber “quando”, “como”, “onde”, etc., é melhor não depositar demasiada importância nessas questões.

Uma diferença muito grande, a meu ver, diz respeito ao perfil sociocultural dos alunos. Na China há uma menor exposição nos media a elementos de carácter violento ou sexualmente explícito. Paralelamente, as noções de família, comunidade, e identidade nacional têm um peso muitíssimo maior do que em Portugal. Os alunos são, por isso, mais inocentes do ponto de vista da interacção social, e têm uma visão muito bem edificada do que querem para a sua vida. Há também uma noção de respeito muito grande pelo Professor: as hierarquias e relações de poder assumem, como deve calcular, um papel central aqui, e isso ajuda a esculpir o comportamento dos estudantes. Ser Professor aqui, devo dizer, é extraordinário do ponto de vista humano, pois não conheço estudantes tão simpáticos e respeitosos quanto os chineses. O mesmo não posso dizer de Portugal.

9. Enquanto emigrante na China, como é que a ULED o ajudou a tratar dos aspectos burocráticos – visto, habitação, conta bancária...? A nível de eficiência burocrática, como compara os dois países?

R: A ULED foi decisiva nesse aspecto. Basicamente, aqui as coisas funcionam em dois níveis: há um colega – docente – chinês que é responsável por ajudar os leitores estrangeiros. Quando existem situações mais complicadas que necessitam de ser desbloqueadas, ele assume esse papel. Isto é válido para questões como a habitação, subsídios, vencimentos, ou outras situações com as quais seja necessário contactar directamente com outros departamentos da Universidade.

Quando ele, por indisponibilidade ou por outra razão qualquer, não pode estar presente, temos alunos que colaboram com o Departamento e que nos auxiliam nas tarefas burocráticas. Por exemplo, quando foi necessário tratar da renovação do visto, da ida à Polícia para registo de residência, das contas bancárias, ou de coisas mais pessoais – como uma ida ao médico – existem sempre dois ou três alunos que nos podem ajudar, e isso deixa-nos, obviamente, mais seguros e tranquilizados.

Quanto à eficiência burocrática, é-me difícil comparar a burocracia por essa perspectiva. Na China há muita burocracia, muitos passos intermédios, e o processo é um pouco confuso para um estrangeiro. Diria que é mais maçador que em Portugal, nesse sentido. Contudo, o atendimento é muito mais rápido e eficiente do que em Portugal. Não se perdem manhãs e tardes à espera que o nosso número chegue, não se ouve “isso não é comigo, é com o meu colega que está na secção tal”, é mais prático. Simultaneamente, os prazos de entrega de documentos são mais longos – um visto pode demorar mais de duas semanas a estar pronto, quando em Portugal são 3 ou 4 dias. Há coisas boas e menos boas em ambos.

10. Ao fim de um ano de vivência, como sente a China? E como se sente na China?

R: A China é um país surpreendente. Sinto uma China que quer melhorar, que quer ser cada vez maior, que quer competir regional e globalmente, e que aposta imenso na Educação para habilitar a sua população a cumprir esse desígnio. Fazer parte dessa aposta deixa-me contente, mesmo que eu represente apenas uma pequena peça numa máquina de proporções gigantescas. Dificilmente poderia desejar melhor, pois sinto que me querem aqui, e que gostam que eu esteja em Dalian. Este sentimento deixa-me profundamente grato, e com uma determinação enorme de dar o meu melhor. A China é já, sem dúvida, a minha segunda casa.

Mais uma vez, muito obrigado por esta entrevista!

Anexo 8 – Entrevista a Carla Borges, ex-aluna de intercâmbio na UEET

1. Antes de mais, muito obrigado por nos conceder esta entrevista! A nossa informante esteve a estudar na China, em Tianjin, ao abrigo de um protocolo entre o Instituto Confúcio da Universidade de Lisboa, e a Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin. O que a levou a querer estudar na China?

No curso de Estudos asiáticos da universidade de Lisboa, a disciplina de chinês é dada com o apoio do Instituto Confúcio de Lisboa. Desta forma todos os estudantes de estudos asiáticos, que frequentem a disciplina de chinês, podem concorrer às bolsas de estudo do Instituto Confúcio, e muitos acabam por o fazer. Acontece que este protocolo é meramente entre o Instituto Confúcio e certas Universidades na China. A decisão de concorrer a esta bolsa de estudo, não tem peso nenhum na Licenciatura, em termos de créditos e equivalências. Assim, a maior parte dos alunos acaba por decidir candidatar-se a esta bolsa após concluir a licenciatura.

Ao fim de três anos, tentando especializar-se ao máximo na área da Ásia oriental, frequentando todos os níveis de Chinês incluídos no programa da Licenciatura, que exige a escolha de uma Língua A, é normal que muitos de nós acabem por se candidatar. Não só pela motivação de continuar a estudar a língua, e possivelmente atingir um nível aceitável a nível de procura de emprego na área, mas também pela oportunidade de vivermos num sitio que nos fascina e o qual passamos três anos a estudar e analisar a todos os níveis: Cultural, Histórico, geopolítico.

Por outro lado, é bastante aliciante a ideia de 6 meses ou um ano, numa experiencia de Erasmus, mas sem grande pressão a nível académico. Posso mesmo dizer que muitos vêem esta experiencia quase como uma oportunidade de férias e descanso, antes de pensar no próximo passo a seguir após a Licenciatura.

Penso que estas sejam as maiores motivações, que levam os estudantes a quererem ir para a China, e da minha parte posso dizer que todas tiveram peso na minha decisão.

2. Tendo por base as suas conversas com outros colegas portugueses, o que os levou a estudar na China? Tinham todos a mesma motivação?

Penso que sim. Como já disse penso que a decisão de estudar na China, acaba por ter várias motivações que se interligam. Não acredito que nenhum deles tenha tido uma só motivação. Todos queríamos continuar a estudar Chinês. Três anos de Lingua chinesa no

programa curricular da Universidade de Lisboa não chega, nem de perto nem de longe, para obter um nível sequer aceitável. Ao chegar à China este foi um aspecto que se tornou claro. Até a acção mais simples de pedir um copo de água ou uma refeição, se tornava impossível, por falta de prática oral.

Todos queríamos experienciar a China, a nível cultural, estar no meio das pessoas, ver sítios tão diferentes.

Todos precisávamos de férias, após três anos com pressão de testes, trabalhos e médias finais.

3. Como estavam organizados os programas curriculares em Tianjin? Ou se preferir, em traços mais gerais, como se processa o ensino de línguas naquela universidade?

O Protocolo entre o instituto Confúcio e a TFSU processa-se no sentido de os alunos frequentarem um Curso de Língua Chinesa para estrangeiros. Assim sendo, as aulas são única e exclusivamente de Mandarim, dividindo-se o curso entre 4 a 6 cadeiras, conforme o nível: Extensive Reading, Intensive Reading, Conversation, Listening, Writing e Audiovisual.

O curso é dividido em 3 níveis (elementary, intermediate e advanced).

Os professores são todos nativos e as aulas são dadas exclusivamente em chinês.

O Curso é exclusivo para estudantes estrangeiros, sendo que as aulas são só frequentadas pelos mesmos. Não há aulas conjuntas com alunos Chineses.

O que torna interessante é que ao falarmos de estudantes estrangeiros, não nos apercebemos da grande amplitude de nacionalidades que incorporam este curso. Sem sabermos acabamos com colegas dos quatro cantos do mundo. Dos estados unidos à Europa, América latina, Ásia Central, Coreia e Japão, todos com níveis diferentes de Chinês, todos com ritmos de aprendizagem diferentes.

4. Como sente que evoluiu no seu nível de proficiência na língua chinesa? E o do resto da turma?

Para todos aqueles que querem aprender ou desenvolver o seu nível de mandarim, sou da opinião de que se torna indispensável, ou mesmo obrigatório passar algum tempo na China. Seja para estudar, a trabalho ou mesmo para umas férias prolongadas, passar 2 meses, meio ano, um ano, é garantido que o nível de proficiência de cada um aumente de forma exponencial.

A verdade é que não há como escapar à língua Chinesa, seja na sala de aula ou fora dela. Na China, o inglês não é uma “crutch” a que nos possamos agarrar, cada vez que nos encontramos em “situações difíceis” (apanhar um autocarro, pedir uma direcção, pedir uma sugestão de shampoo porque estás a perder cabelo à meses), em que não nos sabemos expressar. De repente, a linguagem gestual torna-se o nosso maior aliado e sem nos apercebemos acabamos por nos tornar muito mais alerta a expressões ou palavras que nos possam ser úteis mais tarde. A aprendizagem da Língua Chinesa torna-se um treino mental diário, inconsciente.

Mesmo na convivência com os estudantes estrangeiros, na sua maior parte, a comunicação é feita em chinês. A verdade é que apesar da grande amplitude de línguas, visto a grande abrangência de nacionalidades, todos acabamos por ter uma em comum, o Chinês.

Dizem que o ser humano só se desenvolve e evolui quando se depara com situações extremas. Será demasiado forte associar esta expressão, com a vivência na China? A verdade é que se passarmos um mês a escolher aleatoriamente pratos de um menu escrito em caracteres chineses, os quais não entendemos, e sistematicamente nos calhar pratos que não gostamos, é nessa altura que percebemos que se calhar está na hora de tirar uma foto ao menu para traduzir com tempo em casa e lembrar. Nesse mesmo dia ao jantar, com certeza teremos a refeição mais saborosa do mês!

Resumindo, sinto que o meu nível evoluiu mais em 6 meses do que em três anos seguidos a estudar Chinês em Portugal.

5. Como avalia a sua experiência em Tianjin, do ponto de vista académico?

Caso fosse avaliar a minha experiência em Tianjin, não o faria tendo tão em conta a parte académica. É claro que a minha evolução é evidente, e tenho em casa um certificado que o prova. A verdade é que até agora ninguém dispensou dois segundos a olhar para ele. Fica bem na estante? Sim. Fica bem no currículo? É sempre uma mais-valia. Mas essa mais-valia acaba por se traduzir em mera curiosidade por parte das entidades empregadoras, e não tanto num factor decisivo ou de vantagem sobre os outros candidatos. Ou pelo menos até agora essa vantagem não se manifestou.

Se fosse a resumir a minha experiência em Tianjin, teria que a caracterizar, por uma experiência de motivação e crescimento e desenvolvimento pessoal e das minhas capacidades.

O que me motivou foi a minha vontade pessoal em atingir um nível o mais próximo possível do fluente e aproveitar ao máximo a oportunidade que me foi dada em termos de aprendizagem.

6. Sente que a experiência correspondeu às suas expectativas? E daquilo que pôde observar, acha que correspondeu àquilo que os seus colegas esperavam?

É difícil relembrar as expectativas que tinha antes de ir para a China. Mas quaisquer que fossem, elas foram com certeza superadas. E acredito que os meus colegas diriam o mesmo. Fomos sempre muito bem recebidos e acompanhados.

Dentro e fora da sala de aula fui surpreendida diariamente, e acredito que com esta experiência ganhei mais do que alguma vez podia ter esperado.

7. Passando a questões de foro mais cultural. O que a marcou mais na China? Relativamente a Portugal, quais as grandes semelhanças e os grandes contrastes que encontrou?

Dizer que as casas de banho foram o que mais me marcou na China seria a resposta mais fácil, e provavelmente não estaria muito longe da verdade. Entrar numa casa de banho à espera de ver uma sanita e encontrar um buraco no chão, não é com certeza algo que se vê todos os dias.

Relativamente a Portugal, a única maneira me exprimir acaba por ser dizendo que a China é uma realidade diferente. Pouco ou nada nos prepara para o choque cultural que apanhamos. Isto não significa que seja algo menos positivo, pelo contrário. É claro que em vamos sempre encontrar situações que nos chateiam, mas na minha opinião são também coisas que nos deslumbram. As “filas” caóticas para os elevadores, ou para comprar bilhetes nas estações de comboio, vão sempre testar a nossa paciência. A quantidade de gente na rua vai sempre assustar-nos um pouco e o trânsito caótico e a quantidade impressionante de bicicletas consegue surpreender-nos diariamente.

Na China a vida segue a um ritmo diferente, o ambiente à nossa volta é diferente, as “regras de sociedade” são diferentes, e o facto de sermos estrangeiros será sempre um factor muito importante na forma como os chineses se mostram. Tornou-se evidente que ao lidar com estrangeiros, o povo Chinês mostra-se sempre educado, prestável, mas acima de tudo bastante curioso.

Pois, a vida de um estrangeiro na China é também estar preparado para ter pessoas a abordar-nos todos os dias, com o simples intuito de conversar um pouco e possivelmente levar

uma fotografia para casa, para mostrar à família o estrangeiro que naquele dia encontrou na fila para o autocarro ou na ida ao supermercado.

Todos os dias há uma história para contar, um sitio novo para ver, pessoas novas para conhecer.

8. Sente que a experiência de vivência na China a fez mudar? Crescer? Se sim, de que forma?

Qualquer tipo de experiência de vivência num país estrangeiro, faz-nos mudar e crescer. Estar longe dos sítios por que passamos todos os dias, das pessoas com quem convivemos todos os dias, família, amigos pode tornar-se difícil e mesmo solitário, mas ao mesmo tempo faz-nos crescer.

Posso dizer que na China passei grande parte dos momentos mais felizes da minha vida, assim como os momentos mais difíceis. Mas acabamos por ganhar apoio de outras pessoas. Desconhecidos que se tornam grandes amigos, amigos que mantêm contacto e apoio constante apesar das distâncias.

Se esta experiência me fez mudar? Sem dúvida que sim. Sinto-me muito mais independente, muito mais curiosa, alerta e motivada a experimentar coisas novas. Não existe razão para receios.

Todos nós vivemos numa bolha que nos próprios ou a sociedade em que vivemos cria para nós. Mas está ao nosso alcance rebentarmos um pouco dessa bolha, e é nessa altura que podemos ter um vislumbre do mundo e das oportunidades e possibilidades que nos podem proporcionar uma vida de crescimento pessoal completa.

9. Como é que a Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin a ajudou a tratar dos aspectos burocráticos - visto, habitação, conta bancária...? Foi um processo intimidante? Como compara os dois países, a nível de eficiência?

Todos os aspectos burocráticos foram tratados com grande apoio por parte da TFSU. Relativamente aos vistos, fomos acompanhados durante todo o processo, com apoio na organização e preenchimento de toda a documentação necessária, deslocação às entidades competentes, sendo que tudo foi tratado de forma bastante rápida e cómoda.

A TFSU fornece ainda aos seus alunos dormitórios dentro do campus com todas as condições necessárias, e uma equipa técnica 24horas ao dispor. O dormitório tem também um gabinete de atendimento e apoio a todos os processos burocráticos necessários.

Comparando com Portugal, sinto que o nível de eficiência na China é distinto. O nível de informação por parte das autoridades competentes é bastante superior, estando melhor preparados para tratar dos assuntos de forma célere. Mas penso que grande parte se deve a todo o apoio dados aos estudantes por parte da faculdade que tenta facilitar o máximo possível todo o processo.

10. Ao fim de um ano e meio, a nossa informante regressou a Portugal. Como sente, hoje em dia e passado meio ano do seu regresso, a China? Gostava de lá regressar?

Quando penso no tempo que passei na China, é inevitável um sentimento de nostalgia. Foi uma segunda casa para mim, um sítio onde fui muito feliz e sem dúvida que irei regressar um dia.

Hoje, convivo diariamente com chineses no meu trabalho. Sinto-me bastante feliz de poder falar todos os dias chinês. Sinto que estou mais próxima da China.

Mais uma vez, muito obrigado por esta entrevista!

Anexo 9 – Guião de entrevista à professora Isabel Pessoa, professora de Português na FCSH/NOVA

1. Antes de mais, queria agradecer-lhe por nos conceder esta entrevista. Gostaria de começar por lhe perguntar que balanço genérico faz da experiência de ensino com os alunos de Dalian, ao longo de vários anos lectivos?
2. Para além de dar aulas aos alunos de Dalian, dá aulas a outros estudantes estrangeiros, nomeadamente inseridos em programas como o Erasmus. Quais as principais diferenças entre estes públicos de aprendentes? Sente a necessidade de adaptar o seu método de ensino para os alunos de Dalian?
3. Focando-nos agora no ano lectivo que acabou, quais foram as suas primeiras impressões relativamente à turma? Em termos de competências linguísticas, em que nível ou níveis se encontravam os alunos?
4. Quais as maiores dificuldades verificadas ao longo do ano? Algum caso mais problemático?
5. No final do ano, que evolução sentiu nos alunos? Em que aspectos?
6. Sendo a professora que mais frequentemente contacta com a turma, que *feedback* lhe chegou da vivência dos alunos em Lisboa?

Mais uma vez, muito obrigado pela entrevista!